

Suzana Castanheiro Uliano

**NOS TRILHOS DO BONDE:  
ÉTICAS, TÁTICAS E MAPEAMENTOS SENSÍVEIS DA  
VIDA NAS RUAS EM FLORIANÓPOLIS (SC)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção de grau de mestre em Antropologia Social.

**Orientador:** Prof. Dr. Rafael Victorino Devos

Florianópolis  
2017



Suzana Castanheiro Uliano

**NOS TRILHOS DO BONDE: ÉTICAS, TÁTICAS E  
MAPEAMENTOS SENSÍVEIS DA VIDA NAS RUAS EM  
FLORIANÓPOLIS (SC)**

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre, e aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC.

Florianópolis, 04 de abril de 2016.

---

Prof. Dr. Alberto Groisman (Coordenador)  
Departamento de Antropologia da UFSC

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Rafael Victorino Devos (Orientador)  
Departamento de Antropologia da UFSC

---

Profa. Dra. Alicia Norma González de Castells  
Departamento de Antropologia da UFSC

---

Dra. Taniele Cristina Rui  
Departamento de Antropologia da UNICAMP



*Aos “bondes” das ruas,  
especialmente àquele no qual  
embarquei, por fazerem das ruas  
lugar de tanta vida.*



## AGRADECIMENTOS

Este foi um trabalho longo, cujo percurso foi marcado por momentos que, de diversas maneiras, foram muito intensos para mim. Aos que acompanharam de perto, que marcaram presença nas horas mais importantes e necessárias, deixo aqui registrados meu carinho e minha gratidão por tudo o que consegui.

Ao pai e à mãe, que de todas as formas possíveis sempre deram o melhor de si para que eu pudesse realizar meus sonhos.

Ao Professor Rafael Devos, orientador incrível e ser humano sem igual, por toda a compreensão e atenção dedicada. À Professora Sônia Maluf e ao Professor Alberto Groisman, pelas sugestões dadas na qualificação do projeto que se desdobra na presente pesquisa.

Aos amigos Rafaela e Rafael, irmãos que a vida me deu e que me ouvem sempre com tanto amor, meu muito obrigada pela acolhida sempre disponível. À Mari, parte indissociável do que sou, com quem sempre aprendo tanto. À Fabi, pela amizade e apoio, sempre manifestados de forma tão carinhosa. A João Batista, pelos sábios caminhos apresentados. À Cássia e à Solange, por me darem tanto suporte diante do desamparo, sempre.

Aos mestres e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, que direta ou indiretamente tornaram esta pesquisa possível. À Gabriela Sánchez, que gentilmente me permitiu a leitura em primeira mão de sua tese, e também pelas conversas e troca de experiências imprescindíveis para este trabalho.

Aos colegas de Pós-Graduação, especialmente da turma de 2013, por todos os momentos incríveis e únicos que vivemos. Ao Thiago, obrigada por dividir os fardos ao longo do caminho. A caminhada foi mais humana ao seu lado, *hermano!*

Por fim, agradeço ao Centro POP e seus funcionários, especialmente às educadoras e assistentes sociais, que tão bem me acolheram. A vocês, meu mais sincero obrigada! À Conselheiro Mafra, Mauro Ramos, Antonieta de Barros e outros que deram vida a essa trajetória, por tudo que vivi e aprendi com vocês.



*Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia — o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua. A rua!*

*“A alma encantadora das ruas”.*

João do Rio



## RESUMO

O objetivo desta etnografia é uma análise de *formas de sociabilidade* pautadas em *mapeamentos* táticos de um grupo de *pelegrinos*, um *bonde*, grupo que habita as ruas do centro da cidade de Florianópolis de forma a imprimir em seus itinerários uma relação fundamentada em formas de *habitar* a cidade bastante criteriosas. A exemplo disso, suas barracas e seus mascotes, símbolos desse grupo que exerce um papel bastante reconhecido nos circuitos de rua do centro. Analisado aqui a partir de um discurso que reconhece uma relação assimétrica de poder com o crack, tem nesse o interdito que o sustenta enquanto grupo. Sua capacidade de se constituir no fluir pelas ruas da cidade, a partir de mapeamentos que se reelaboram permanentemente, sustenta nos lugares que ocupa sua ética pautada na evitação máxima do crack e de tudo o que se associe ao seu universo.

**Palavras-chave:** Bonde. Táticas. Mapeamentos. Sociabilidade. Antropologia urbana.



## **ABSTRACT**

This ethnography is an analysis of ways of socialising based on the tactical mappings of a group of pilgrims, a group that lives in the Florianópolis city center streets in order to establish with their paths a reasoned relationship based on very specific ways of living the city. As an example, their tents and their mascots, symbols of this group that has a well recognized role in the center of the street circuits. Analyzed here from a speech that recognizes an asymmetric relationship of power with the crack substance, it became the interdict that sustains them as a group. Its ability to be in the flow through the city streets, from mappings that are permanently reelaborated, sustains in the places that occupies his ethics, guided by the maximum crack avoidance, of everything that is associated with its universe.

**Keywords:** Pilgrims. Tactics. Mappings. Socialising. Urban anthropology.



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

UFSC	– Universidade Federal de Santa Catarina
GMF	– Guarda Municipal de Florianópolis
PMSC	(ou simplesmente PM) – Polícia Militar de Santa Catarina
Centro POP	– Centro de Referência Especializado em Pessoas em Situação de Rua.
CAPS	– Centro de Atenção Psicossocial.
CAPS II	– Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas
CDL	– Câmara de Dirigentes Lojistas.
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	– Índice de Desenvolvimento Humano
RBS TV	– Rede Brasil Sul de televisão, afiliada da Rede Globo nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
SENAD	– Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES: IMAGENS E MAPAS

Ilustração 1 - Praça XV de Novembro, com o Monumento à Guerra do Paraguai ao centro.....	22
Ilustração 2 - Pouco tempo depois, uma praça murada. Detalhe para a charrete, antiga forma de táxi da cidade, parada na altura das árvores.....	23
Ilustração 3 - Mercado Público nos anos 50, com a rua Francisco Tolentino à esquerda .....	25
Ilustração 4 - Mercado Público nos anos 70, já com o Aterro da Baía Sul .....	26
Ilustração 5 - “Crack, é possível vencer”.....	49
Ilustração 6 - Fachada de prédio na Avenida Hercílio Luz .....	57
Ilustração 7 - Detalhe do cano d’água .....	57
Ilustração 8 - Mapa 01: Comunidades do Maciço Central de Florianópolis*.....	58
Ilustração 9 - “PGP - Primeiro Grupo <i>Pelegrino</i> ”* .....	77
Ilustração 10 - Fotografias feitas na oficina promovida pelo Centro POP e expostas na Câmara de Vereadores em 2013.....	86
Ilustração 11 - Recado feito e afixado por Conselheiro Mafra no mural cedido a ele no Centro POP.....	87
Ilustração 12 - Alto: Equipe da “abordagem de rua noturna”...	143
Ilustração 13 - O bonde .....	149
Ilustração 14 - Pose para foto .....	150



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: CONJUNTURA E TRAJETÓRIA DO LUGAR DE PESQUISA .....</b>	<b>21</b>
<b>2 DISCUTINDO ESTRATÉGIAS E TÁTICAS: UMA CIDADE SENDO DIVIDIDA – OU AINDA: AQUI É BENEFÍCIO, DROGADO É LÁ NO POP” .....</b>	<b>39</b>
2.1 O NOVO PLANO DIRETOR E A GENTRIFICAÇÃO – MUDANÇAS PREVISTAS PARA O CENTRO DA CIDADE .....	41
2.2 O CENTRO POP: AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA E O PODER PÚBLICO.....	61
2.2.1 <i>Centro POP - Institucional</i> .....	63
2.2.2 <i>Primeira visita</i> .....	65
2.2.3 <i>O dia seguinte</i> .....	68
2.2.4 <i>Primeiro dia de balcão: primeiras observações, primeiras impressões</i> 71	
2.2.5 <i>Os espaços do Centro POP</i> .....	78
2.2.6 <i>Os serviços da casa</i> .....	80
2.2.6.1 <i>As refeições</i> .....	81
2.2.6.2 <i>O banho</i> .....	82
2.2.6.3 <i>Assistência social</i> .....	83
<b>3 OS CAMINHOS DO CAMPO: DO CENTRO POP ÀS RUAS .....</b>	<b>91</b>
3.1 DO LADO DE DENTRO DO BALCÃO.....	95
3.2 MAPEANDO MOVIMENTOS.....	97
3.3 APROXIMAÇÕES E DIÁLOGOS .....	107
3.4 UM BONDE AGITA O CENTRO POP.....	110
3.5 UMA “SOCIEDADE DAS ESQUINAS” .....	113
3.6 O BONDE E O CRACK: DE UMA EPISTEMOLOGIA NEGATIVA A UMA EPISTEMOLOGIA POSITIVA....	121

<b>4</b>	<b>“QUAL É A DE HOJE?”. INCURSÕES E MAPEAMENTOS SENSÍVEIS DA CIDADE .....</b>	<b>127</b>
4.1	ENCONTRO (IN)ESPERADO: PRIMEIRO ROLÊ COM O BONDE .....	128
4.2	O PIQUENIQUE: PENSANDO AS ARTES DO FAZER NOS ESPAÇOS PÚBLICOS.....	139
4.2.1	<i>Descobrir-caminho, percepções e mapeamentos da cidade ..</i> .....	152
4.3	FIM DE CAMPO – PRÁTICAS QUE RESISTEM .....	157
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>159</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>163</b>

## 1 INTRODUÇÃO: CONJUNTURA E TRAJETÓRIA DO LUGAR DE PESQUISA

Os espaços públicos das cidades são constantemente reinventados, seja pelas pessoas que os praticam seja como parte das estratégias do Estado, a exemplo da clássica reforma empreendida por Haussmann, em Paris<sup>1</sup>. Neste sentido, Florianópolis vem se transformando exponencialmente: o aumento populacional, resultado da chegada diária de novos moradores, motivados pelas belezas e oportunidades da menor capital do Sul do Brasil, e única da região com praias. Esse aporte tem transformado rapidamente a paisagem dos bairros<sup>2</sup> e da cidade como um todo. A Capital do estado catarinense viu sua população saltar de 249.477 para 421.240 habitantes entre 2010 e 2015, chegando a um milhão de pessoas, especialmente nas regiões de praia, na alta temporada<sup>3</sup>.

Há também um conjunto permanente de ações do poder público, anunciadas por vezes como modernização ou

---

<sup>1</sup> Esta reforma, que marca o surgimento da Paris moderna, foi radical ao ponto de levar ao chão bairros inteiros. Os espaços que se abriram foram capazes de transformar totalmente a paisagem da cidade, conferindo a ela os famosos *boulevards*, praças e *jardins* onde é possível ver ao longe. Tamanha mudança de forma tão abrupta, como traz Walter Benjamin (1994), faz de Paris uma cidade estranha aos seus próprios habitantes.

<sup>2</sup> Um dos reflexos disso é o número cada vez maior de praias sem condições de balneabilidade. Das cem praias que a parte insular e continental da cidade, somadas, possuem, nem metade delas está própria para o banho de mar. A ocupação desordenada, sem a devida fiscalização por parte do poder público, permite a uma grande parte das edificações da cidade despejarem seus esgotos diretamente no mar. Disponível em: <<http://goo.gl/esa95R>> e <<http://goo.gl/Duwfrf>>. Acessados em: 02 jul. 2015. A temporada 2016 também ficou marcada pelas centenas de casos de virose, especialmente entre turistas que frequentaram a praia de Canasvieiras, norte da ilha, onde deságua o Rio do Brás. Para mais, ver <<http://goo.gl/WIDkS5>>. Acessado em: 18 fev. 2016.

<sup>3</sup> Dados extraídos de: <<http://goo.gl/sHvJZr>>. Acessado em: 02 jul. 2015. No Estado, estima-se que, na temporada 2016, o número de turistas chegou a 8 milhões de pessoas, número superior ao da população total do Estado, que está em 6,7 milhões de pessoas. Para mais, ver: <<http://goo.gl/00PQHl>>. Acessado em: 23 fev. 2016.

revitalização, empreendidas principalmente nos espaços históricos<sup>4</sup> (ruas, praças e prédios). Foram consideradas nesta pesquisa, por razões metodológicas, as obras empreendidas a partir do ano 2000, e restritas ao bairro Centro.

A exemplo do que são essas reformas, tomemos aqui o caso da Praça XV de Novembro, também conhecida como “praça da figueira”, por conta da imponente e famosa figueira que abriga. Um dos cartões postais da cidade, já foi murada, já dispôs de Café, fonte, chafariz, sendo um dos lugares onde as ações do poder público são bem visibilizadas. As Ilustrações 1 e 2 mostram um pouco dessas mudanças.

### Ilustração 1 - Praça XV de Novembro, com o Monumento à Guerra do Paraguai ao centro

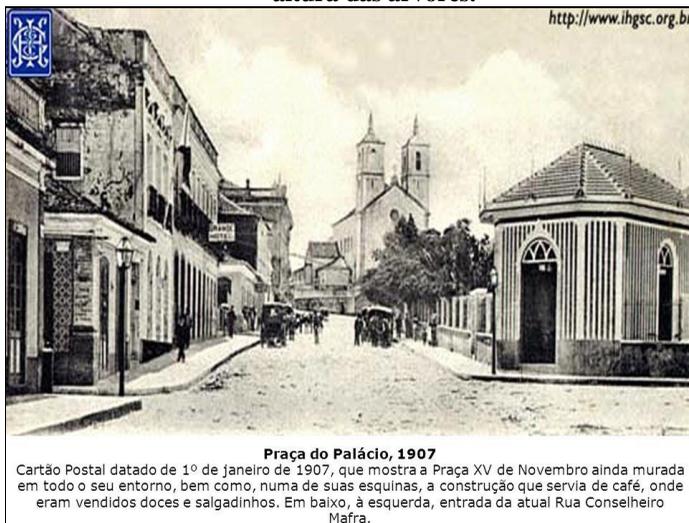


Fonte: JDAVIDM (2008)<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Cf. artigos de Débora Mendes sobre os distintos usos da Praça XV de Novembro (Centro) e Bento Silvério (Lagoa da Conceição), ambas em bairros centrais da cidade de Florianópolis (Disponível em: <goo.gl/GGEVY5>. Acessado em: 15 jan. 2014); de Emerson César de Campos sobre a última grande reforma da Praça XV de Novembro, iniciada em 1999 (Disponível em: <goo.gl/VVNGEA>. Acessado em: 15 jan. 2014), e sobre a reforma da Rua Vidal Ramos, iniciada em 2007 e analisada por Margarita Barretto (Disponível em: <http://goo.gl/bG0jCT>. Acessado em: 15 jan. 2014) e a inauguração do novo sistema de transporte público de Florianópolis, em 2003.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://goo.gl/SxIkOb>. Acessado em: 20 jan. 2016.

**Ilustração 2 - Pouco tempo depois, uma praça murada. Detalhe para a charrete, antiga forma de táxi da cidade, parada na altura das árvores.**



Fonte: JDAVIDM (2008)<sup>6</sup>.

Murada, gradeada, fechada para o público durante a noite<sup>7</sup>, a Praça XV, como marco fundador da cidade, já assumiu muitas

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://goo.gl/A8heB8>>. Acessado em: 20 jan. 2016.

<sup>7</sup> Conforme relata ao jornal A Notícia, em 28 de março de 1999, o historiador Adolfo Nicolich da Silva: “A Praça 15 de Novembro [...] - foi, primeiramente, chamada Largo da matriz, Largo do Palácio e praça Barão de Laguna. Em 1763, só existiam três prédios ali: a capela, o prédio do Conselho (a Prefeitura) e o Palácio do Governo. O jardim da praça foi construído entre 1885 e 1887. O jardim Oliveira Belo, anteriormente chamado Almirante Gonçalves, está localizado na praça 15 de Novembro. Ali havia uma gruta. Chamava-se Almirante Gonçalves em homenagem ao almirante Jerônimo Gonçalves. Depois passou para jardim Oliveira Bello, em homenagem ao ex-presidente da província, Luiz Alves Leite de Oliveira Bello. Esse jardim foi cercado e inaugurado em 1891, por Gustavo Richard, presidente da província em Santa Catarina, em exercício, substituindo Lauro Müller. Ouve inclusive, o caso de uma certa senhora que foi convidada a se retirar do jardim durante a inauguração, por ter apanhado uma rosa. No seu interior havia quatro construções. Pelo sul, defronte ao monumento do coronel Fernando Machado, ficavam, o café Comercial e o café Natal, pontos de reuniões de comerciantes e políticos locais.

configurações. Importante observar que a ideia do gradeamento, de restrição de acesso, não é algo esquecido. Em 2010, a Prefeitura quis retomar essa iniciativa, como parte justamente das obras de revitalização do Centro Histórico<sup>8</sup> da cidade empreendidas nos últimos anos.

Florianópolis, capital turística do Mercosul, possui uma parte insular (a ilha de Santa Catarina) e outra continental, cuja ligação se dá pelas pontes Hercílio Luz, Colombo Machado Salles e Pedro Ivo Campos, estando a primeira desativada há mais de 30 anos, servindo apenas de cartão postal<sup>9</sup>. Oficialmente com 289 anos<sup>10</sup>, é uma das capitais do Brasil com maior IDH per capita<sup>11</sup>.

O bairro Centro está localizado na porção insular mais próxima da área continental, e nele estão boa parte dos prédios

---

Ao norte, defronte à catedral, encontrava-se um grande quiosque envidraçado, cujos vidros eram coloridos e importados da França. Não existindo um coreto, haviam bancos móveis que eram colocados ao lado do monumento aos heróis da guerra do Paraguai. A área não era ajardinada. O jardim ficou cercado, até que, em 1912, o prefeito Henrique Ruppel Jr. Mandou retirar as grades. Algumas delas estão no asilo irmão Joaquim, na avenida Mauro Ramos e na igreja São Francisco, à rua Deodoro. Comenta-se que o portão de entrada é o mesmo que está na entrada do cemitério São Francisco de Assis, em Itacorubi”. Extraído de: <[http://www1.an.com.br/ancapital/\\_1999/mar/28/1fal.htm](http://www1.an.com.br/ancapital/_1999/mar/28/1fal.htm)>. Acessado em: 17 mai. 2015.

<sup>8</sup> Define-se como “Centro Histórico” a parte do Centro correspondente à Praça XV e seus arredores, ou seja, a partir de onde a história oficial narra a fundação da vila de Desterro. Sobre a tentativa de fechar a Praça XV, no ano de 2010, ver: <<http://goo.gl/ABwq7l>>. Acessado em: 02 jul. 2015.

<sup>9</sup> A ponte em questão também é objeto de inúmeras reformas, que já levaram dos cofres públicos aproximadamente R\$ 563,5 milhões nos últimos 30 anos, segundo dados do Ministério Público de Contas de Santa Catarina. Dados extraídos de: <<http://goo.gl/W6pgT6>>. Acessado em: 20 out. 2015.

<sup>10</sup> Recentemente foi aprovado pela Câmara de Vereadores um projeto que aumenta a idade de Florianópolis em 53 anos. Nessa proposta, considera-se o ano de fundação da cidade, e não de emancipação, como é atualmente. Mais em: <<http://goo.gl/36IBp3>>. Acessado em: 02 jul. 2015.

<sup>11</sup> Para saber mais, ver: <<http://goo.gl/0QMXEk>>. Acessado em: 02 fev. 2016.

históricos da cidade. É válido destacar que o perfil econômico do Centro é bem distinto do de outros bairros, como os de praia, por exemplo. A precariedade do sistema de tratamento de esgoto tornou as águas que banham este bairro impróprias para banho, restando o turismo histórico e os bares. Ainda, o Centro se tornou, por força da ação humana, um bairro afastado do mar. O aterramento de grande parte deste, onde foram erguidos prédios públicos, terminais de ônibus e outras edificações, levou o mar para longe do seu mercado público, cuja principal atividade é a venda de peixes e frutos do mar. A exemplo disso, o antes e o depois do Mercado Público em relação ao aterro da Baía Sul nos mostram um pouco do impacto desse aterro para na paisagem do bairro, conforme se observa nas Ilustrações 3 e 4.

**Ilustração 3 - Mercado Público nos anos 50, com a rua Francisco Tolentino à esquerda**



Fonte: Fotos antigas de Florianópolis (2013)<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://goo.gl/p5cr7I>>. Acessado em: 20 jan. 2016.

#### Ilustração 4 - Mercado Público, anos 70, com o Aterro da Baía Sul



Fonte: Fotos antigas de Florianópolis (2013)<sup>13</sup>.

Assim, as atividades de destaque do bairro Centro são o comércio, a prestação de serviços e funções ligadas à Administração Pública. O Centro é também bairro residencial, sendo o mais populoso da cidade<sup>14</sup>.

Em meio ao crescimento populacional e às ações que vêm sendo empreendidas no bairro, soma-se uma conjuntura de campanhas públicas de combate ao uso de drogas, e aqui destacamos principalmente o crack, tratado pelos últimos governos ora como questão de saúde ora como questão de segurança pública<sup>15</sup>. O Centro, neste caso, é o bairro onde boa parte das ações diretas voltadas ao “combate ao uso de drogas” são realizadas, dado que as cenas publicizadas de uso de crack são geralmente registradas nesse bairro e seu entorno, como a

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://goo.gl/p5cr7I>>. Acessado em: 20 jan. 2016.

<sup>14</sup> Com 44.315 moradores, de acordo com o Censo 2010. Fonte: <<http://goo.gl/esMK8A>>. Acessado em: 02 jul. 2015.

<sup>15</sup> A respeito disso, interessante lembrar que a SENAD - antiga Secretaria Nacional Antidrogas - era submetida ao Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, e através da Lei 11.754, de 23 de julho de 2008, passou a ser gerida pelo Ministério da Justiça. Com isso, mudou também de nome, passando a se chamar Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Disponível em: <<http://goo.gl/RtiA12>>. Acessado em: 15 out. 2011 e 23 fev. 2016.

ligação com bairros como a Prainha, também conhecido como José Mendes.

Nessa conjuntura, e considerando que estamos tratando de uma cidade turística, o interesse inicial desta pesquisa era o de verificar as relações entre essas mudanças de ordem estrutural e as políticas destinadas às pessoas em situação de rua quanto ao seu direito ao uso dos espaços públicos do centro da cidade. Tais mudanças, com vistas à valorização econômica, são tratadas aqui enquanto parte daquilo que se compreende por processo de enobrecimento<sup>16</sup>. No caso do Centro, seu Mercado Público é um exemplo disso. Depois de reformado, foi reinaugurado com um novo padrão de comércio, com a presença de *fast-food*, como a rede de lanchonetes *Bob 's*, e lojas com produtos a preços bastante elevados<sup>17</sup>.

O aspecto econômico, marcado pela intensa atividade comercial do bairro, está diretamente ligado ao fluxo de pessoas na região. Relacionado a este fluxo está também aquilo que Simone Frangella (2009) aborda em sua análise: os diferentes tipos de caminhar, exaustivos, mas sempre constantes, pela cidade, em busca de meios de prover suas necessidades. Pode-se afirmar, então, que o Centro, como as áreas centrais das cidades de forma geral, é uma região que concentra boa parte da população de rua. A explicação vai desde facilidades relativas a deslocamento, acesso a serviços até possibilidades de prover necessidades materiais.

Esta pesquisa, portanto, se dispôs a analisar o Centro, bairro tão importante histórica e economicamente, tendo como perspectiva a vida nas ruas, e o crack como substância que, direta ou indiretamente, está presente nas relações aqui traçadas. Ao

---

<sup>16</sup> Dada a história e complexidade desse conceito (cf. LEITE, 2007, p. 61-79), apresento-o aqui da seguinte forma: “O termo gentrification (enobrecimento) é utilizado por autores como Harvey (1992), Featherstone (1995) e Smith (1996) para designar formas de empreendimentos que elegem certos espaços da cidade como centralidades e os transformam em áreas de investimentos públicos e privados” (LEITE, 2008, p. 36), ou seja, são áreas trabalhadas de forma a serem exploradas economicamente, no caso do Centro, enquanto área de lazer e residencial. Esse conceito será retomado ao longo do texto.

<sup>17</sup> A exemplo disso, ver <<http://goo.gl/C3xbe5>>. Acessado em: 20 fev. 2016.

seguir atrás deste objetivo, esta pesquisa encontrou um *bonde*, um grupo de pessoas, em sua maioria homens, ligados por laços de solidariedade e lealdade a lideranças, com núcleo claro de membros, mas uma fronteira fluída de quem os acompanha. O bonde torna-se, assim, peça central deste trabalho, pois é na relação dele com a cidade e com o crack que esta pesquisa se funda.

Quanto à trajetória profissional que culmina neste documento, destacam-se as experiências de tutoria em edições seguidas do “Curso de Prevenção ao Uso Indevido de Drogas – Formação de Conselheiros e Lideranças Comunitárias”<sup>18</sup> e pesquisas de final da graduação em Ciências Sociais no tema. Neste contexto, as questões em torno de drogas ilícitas em geral, e em especial do crack, bem como os desdobramentos políticos<sup>19,20</sup> do uso desta substância em contexto de rua se

---

<sup>18</sup> Curso promovido pela SENAD em parceria com a UFSC, onde o trabalho como tutora permitiu acompanhar a segunda e terceira edição, entre março e julho de 2010, dezembro de 2010 e abril de 2011. Foi a partir de sua terceira edição apenas que o material de apoio passou a dedicar um capítulo ao crack, apresentado de forma multidisciplinar (abordando os fatores sociais, químicos e biológicos, por exemplo).

<sup>19</sup> A exemplo do programa “Crack, é possível vencer” e da campanha “Crack, nem pensar”, sendo a última promovida pela RBS entre os anos de 2009 e 2011. Mais do que campanhas de supressão da droga (e, socialmente, dos que a usam), por parte do Estado e da iniciativa privada, o instigante, em ambas, é perceber a ordem de discursos e sujeitos que estas produzem. Sujeitos esses que, por um lado, aparecem sempre em evidência quando se fala do uso de drogas – dada a notoriedade que o crack vem recebendo, no Brasil, especialmente nos últimos 10 anos –, mas que, por outro lado, são cotidianamente invisibilizados e indesejados.

<sup>20</sup> Não poucas vezes o uso de crack foi (e é) tratado como epidemia. Aliás, o Plano Nacional de Enfrentamento ao Crack e outras drogas, do qual o programa “Crack, é possível vencer” é um dos desdobramentos, é uma resposta a essa “epidemia”. As aspas se devem ao que traz a própria FIOCRUZ sobre o tema, apontando cerca de 370 mil usuários de crack em contexto de rua nas capitais brasileiras [“A estimativa encontrada, então, nas capitais do país e Distrito Federal, para a população desses municípios que consomem crack e/ou similares de forma regular é na proporção de, aproximadamente, 0,81% (Intervalo de Confiança de 95% (IC95%): 0,76 – 0,86), o que representaria cerca

mostraram interessantes, do ponto de vista do aprofundamento no conhecimento sobre as práticas que sustentam este universo.

Acompanhar as elaborações do poder público e da mídia em relação ao uso de crack em uma capital – os diversos levantamentos, mapeamentos e campanhas<sup>21</sup>, bem como as respostas dessas instâncias e da própria população – como elas se manifestam concreta e simbolicamente pela cidade<sup>22</sup> – foram elementos importantes para a elaboração da proposta de pesquisa.

Iniciar o itinerário de campo – idas regulares ao Centro POP e as incursões pelo centro da cidade – levou a problematizar o próprio consumo de crack nas cenas cidadinas cotidianas. Desconstruir o olhar sobre a rua, as práticas que se fazem nela, exercitar a capacidade de perceber sociabilidades invisibilizadas e reconhecer o crack em meio às complexas tramas costuradas foi exercício indispensável. Somente a partir daí foi possível reconhecer o crack em posturas por vezes inesperadas, como a de proibir a presença da droga em certos lugares e grupos, um dos aspectos que define o *bonde* desta pesquisa enquanto grupo.

O processo de perceber como que, afinal, aquilo que vinha se desenhando como problema de pesquisa se apresenta e circula pela cidade nos mais variados momentos e ambientes perpassa por desnaturalizar o caminhar pela cidade, enquanto forma de

---

de 370 mil usuários. Nesses mesmos municípios, temos que a estimativa para o número de usuários de drogas ilícitas em geral (com exceção da maconha) é de 2,28% (IC95% 2,17-2,38), ou seja, aproximadamente 1 milhão de usuários. Sendo assim, usuários de crack e/ou similares correspondem a 35% dos consumidores de drogas ilícitas nas capitais do país”. Cf. Brasil, 2013, p. 04); cf. livreto domiciliar “Estimativa do número de usuários de crack e/ou similares nas Capitais do País”, disponível em: <<http://goo.gl/HqRABI>>. Acessado em: 10 out. 2014. Se acrescentada a cocaína e considerado todo o território nacional, temos pesquisas que apontam um total de 2,6 milhões de usuários pelo país. Cf. <<http://goo.gl/U4izw6>>. Acessado em: 20 out. 2014.

<sup>21</sup> A supracitada campanha “Crack, nem pensar”, além de mapeamentos realizados pela GMF (cf. <<http://goo.gl/OmG1Jk>>. Acessado em: 20 out. 2014), abordagem de rua e o programa “Crack, é possível vencer”.

<sup>22</sup> No período da campanha “Crack, nem pensar”, muitos adesivos com a logo da campanha foram distribuídos, sendo possível encontrar, ainda hoje, exemplares destes em coletivos e placas de sinalização da cidade.

praticá-la, a fim de perceber novos aspectos na paisagem, no fluxo e nas formas de sociabilidade constituintes da vida na cidade.

Este é um exercício profundo, epistemológico e imprescindível para a antropologia urbana. O “estranhar o familiar”, conforme Gilberto Velho (2004), não se resume apenas em prestar atenção em elementos da paisagem, mas sim na capacidade de, antes disso, confrontar diferentes ideias sobre algo, principalmente nossas próprias ideias. É a partir daí, portanto, que o familiar pode vir a ser *estranhado*, visto que desnaturalizado. Para o mesmo autor:

O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de **confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações**. O estudo de conflitos, disputas, acusações, momentos de descontinuidade em geral é particularmente útil, pois, ao se focalizarem situações de drama social, pode-se registrar os contornos de diferentes grupos, ideologias, interesses, subculturas, etc., permitindo remapeamentos da sociedade. O estudo do rompimento e rejeição do cotidiano por parte de grupos ou indivíduos desviantes ajuda-nos a iluminar, como casos limites, a rotina e os mecanismos de conservação e dominação existentes (VELHO, 2004 [1981] grifo nosso).

Ainda que no presente trabalho o objetivo esteja além do perceber os “mecanismos de dominação” - indo mais na direção das respostas dadas a estes - perceber que fazer campo demanda também mudanças de percepção, de perspectiva, é ponto chave. Neste caso, por mais que o interesse estivesse no que os sujeitos que protagonizam essas rupturas produzem, confrontar diferentes pontos de vista e perspectivas acerca destes, *com* estes sujeitos, permitiu elaborar análises mais densas e próximas daquilo que eles próprios percebem do seu fazer.

Dentro do processo de elaboração do objeto desta pesquisa, e considerando tratar-se de anotações iniciais, algumas cenas, percebidas em certas áreas públicas tanto de Florianópolis quanto de São José, constituíram os registros de campo iniciais. Perceber estas cenas de uso foi também um exercício de estranhamento da paisagem cotidiana, dos lugares da cidade.

Tratou-se de um exercício de prestar verdadeira atenção ao que se vê, na tentativa de perceber aquilo de elementar que Simmel (2006) entende por “formas de sociabilidade”, ou seja, as formas de interação produtoras de sociabilidades, dado que advém da união de pessoas interessadas em algo comum que se realiza, via de regra, no social. Assim, produtora da própria sociedade, oposta – mas complementar – à perspectiva individual, as diferentes sociabilidades resultam de laços de interesse comum em torno de algo. Conforme essa perspectiva, mais do que o mero agir das pessoas, o *fumar crack*, é perceber o que se constrói de significativo nesses espaços. É perceber o que há, nessas práticas, de coletivo, de lúdico, de social. Seguem os primeiros relatos desse exercício de campo:

O uso de crack nas principais ruas do centro é notável no período da noite. Ao passar por dadas regiões depois das 20h, com as principais atividades comerciais do centro já encerradas, é comum encontrar grupos, de 3, 4 pessoas, homens e mulheres, ora sentados lado a lado nas portas das lojas conversando (as mãos geralmente fechadas, contraídas). Ora em rodinhas, onde conversam e fazem daquela posição também uma barreira para que os que passam não consigam ver o que fazem. Ou ainda, sentam-se puxando as pernas para si, esticando seus camisetaões por cima das pernas contraídas, fazendo assim uma espécie de casulo. Do “casulo” é possível ver apenas o clarão do acender o isqueiro.

Dessa forma, o centro muda sua paisagem não apenas por ser noite, e com isso contar com pouco movimento de comércio e apenas com a luz artificial amarela dos

postes, mas também por esse inusitado acender e apagar dos isqueiros ao longo de seus calçadões.

Ainda semana passada (dia 28 de março), enquanto passava pelo Largo da Alfândega à noite, presenciei a cena que segue. Cabe colocar que o Largo em questão é um local bastante ambíguo, muito procurado por turistas e moradores. Na confluência da Catedral, do Museu Cruz e Souza e da Praça XV, bem como de importantes agências bancárias e ruas da cidade, há ali ainda um posto permanente da PM, monumentos e o antigo prédio da Alfândega, onde os produtos que chegavam pelo mar (quando o mar chegava até ali) eram fiscalizados. Hoje há no prédio uma feira permanente com artesanato local. O Largo também sedia, quatro dias por semana, a maior feira de hortaliças e produtos coloniais da cidade. Às quintas-feiras à noite, a batalha de MC's conhecida como "batalha da alfândega"<sup>23</sup>, além de eventos anuais como a feira do livro e do mel. Por ela também circulam famílias, jovens, andarilhos, aposentados, traficantes, usuários.

Quanto a esses últimos, durante a noite é possível observar, a despeito do posto policial, cenas de venda e uso de diversas substâncias. Na cena presenciada, alguns homens (em torno de seis) que aparentavam - dadas as suas roupas amarrotadas e sujas - estar há algum tempo nas ruas. Percebi quatro deles sentados em torno de uma das mesas de cimento, perto da loja de louças de barro, enquanto outros dois estavam num dos bancos que tem

---

<sup>23</sup> Trata-se de uma disputa entre rimadores do RAP que, com caixa de som e microfone, elaboram rimas que são acompanhadas com atenção pelo público. Tomei conhecimento dessa batalha musical entre MC's através de um estudante secundarista, no ano de 2012.

exatamente do lado do coreto, voltados para a mesma loja.

Observando essa movimentação de longe e, interessada em saber o que se passava ali, o que estava em negociação naquela cena, resolvi passar entre eles. Ao passar, detenho minha atenção em dois homens sentados no banco do lado do coreto e, portanto, ao meu lado direito. Observo um deles, aparentemente o mais novo dos dois, com uma das mãos abertas e um pedaço de algo branco (plástico? Papel? Não sei dizer) sobre esta. O outro homem olhava para a mão de seu colega e fazia gesto de reprovação, virando a cabeça de um lado para outro. Nisso ouvi o outro homem responder “só isso?”. Como estava *de passagem*, consegui ouvir apenas essa frase. “Só isso”, nada mais.

Antes de o meu caminhar me levar para outro lugar, tive tempo de virar a cabeça pro outro lado e perceber que três dos quatro rapazes da mesa me observavam passar. O quarto sujeito, procurando algo em sua mochila, estava aparentemente alheio à minha passagem.” (Diário de campo, 03 de abril de 2014).

Em uma ida ao mercado, praticamente ao lado de casa, presenciei a seguinte cena: quando estava já voltando para casa, percebi um homem sentado na penumbra projetada pelo toldo de um dos sobrados da rua. A rua é pequena, residencial, mas próxima de ruas e estabelecimentos centrais do bairro.

Já havia notado que ali, sob aquele toldo, é comum ver gente dormindo, assim como também, na região de Kobrasol/Campinas, não é rara a presença de pessoas em situação de rua.

O que chamou a atenção era que o rapaz estava sentado - também com as pernas junto de si, como aqueles que descrevi no centro de Florianópolis - com um caixote de papelão emborcado sobre a cabeça. Paro para entender o que acontece e percebo um clarão surgir dentro da caixa. Sigo meu caminho, buscando disfarçar o quanto aquela cena me surpreendera.

Fico pensando como desconstruir o olhar sobre um lugar nos faz perceber as coisas como se elas viessem até nós. O uso de crack por muito tempo foi para mim algo mais televisivo do que das ruas, e só agora passo a reconhecê-lo de outra forma. (Diário de campo, 14 de abril).

Um dos momentos mais impactantes desse período, vivenciado em um início de madrugada, chama a atenção para um objeto indissociável do uso de crack. O cachimbo usado para fumar (no caso, a pedra), é objeto que sintetiza valores e práticas. Taniele Rui (2014) apresenta a importante e complexa relação entre o usuário e seu cachimbo, relação esta que perpassa coisas, lugares, pessoas, instituições e ideias. Este “elemento mediador (entre o fumante e o que se fuma) que nunca é questionado” (p. 299) ganha nome, torna-se objeto querido, estimado por seu dono e seu feitor, geralmente pessoas que, nesse contexto de abjeção, são desacreditadas da capacidade de construir, produzir ou elaborar qualquer coisa concreta e positiva em suas vidas.

A habilidade em produzir esses objetos e, por vezes, comercializá-los, mostra que, mais do que a possibilidade de algum dinheiro, há também criatividade, humanidade, habilidade e conhecimento. Podem ser feitos a partir de uma imensa gama de materiais, a cargo da necessidade e criatividade de quem os faz diante dos materiais disponíveis, que como a autora percebe, diz sobre quais lugares da cidade estão circulando aqueles que os elaboram. Neste sentido:

Isso lembra quando, ainda no ano passado (2013), estava saindo da Travessa Ratcliff com alguns amigos, já perto da uma hora da manhã, e fomos abordados por um

rapaz, de aproximadamente de 20 anos, que veio nos pedir dinheiro. Visivelmente agitado - mas em nenhum momento agressivo – começou um diálogo frenético conosco. No agito, remexeu seus bolsos e deixou seu cachimbo cair. Na hora, sem reconhecer o objeto, perguntei o que era aquilo, e ele, com ar de ironia, me responde: “meu cachimbo, né dona?”

Nisso começou a contar para nós um pouco de sua trajetória, de como saíra de casa, e da sua relação com o crack. Peço para ver seu cachimbo e, na hora em que o pego na mão, qual a minha surpresa ao constatar que se tratava de um cachimbo feito com partes de uma antena de televisão e o que parecia ser uma cápsula de bala. Curiosa diante daquele forninho de material inusitado, perguntei a ele, que confirmou tratar-se de uma “bala de revólver”.

Diante dessa afirmação e com seu cachimbo em mãos, olhei para meus amigos, sem conseguir esconder o espanto. O rapaz emenda o seguinte dizer: “a vida é louca né dona? Mas posso dizer que nunca roubei ninguém. Isso aí eu ganhei dum camarada ali do (morro do) Mocotó”.<sup>24</sup> Nesse momento um de meus amigos deu algumas moedas a ele, que agradeceu.

Devolvi seu cachimbo e, encerrando a conversa, soltei um “se cuida rapaz”. Ele agradeceu novamente, deu boa noite e foi embora, com seu andar ágil, praticamente um esgueirar-se pela rua, e assim sumiu entre as transversais da Tiradentes. Toda a cena não durou mais de 2 minutos (Diário de campo, 03 de abril de 2014).

---

<sup>24</sup> Conhecida “boca de fumo” da região do centro, já foi inclusive assunto de matérias veiculadas em jornais e canais da televisão local. O morro do Mocotó faz parte do Maciço do Morro da Cruz. Ver mapa da página 59.

Esses relatos, primeiras impressões sobre o que vinha tomando forma de objeto e campo de pesquisa, foram mudando gradualmente de tom, de sentido, de caminho. Esta pesquisa, que inicialmente trataria do crack, da cidade, passou a tratar de formas de sociabilidade em torno da evitação dessa droga, da possibilidade de se afirmar nas ruas a partir do seu interdito. Mais precisamente, o objeto desta pesquisa tornou-se o transitar pelas ruas de um grupo, o *bonde*, que se define nas ruas, com seu caráter itinerante, variável em tamanho e formação, que faz das ruas do centro de Florianópolis sua morada.

A liderança deste grupo, ao menos no período desta pesquisa, era exercida por dois rapazes cujas trajetórias de vida foram marcadas por momentos em que o crack se fez presente em associação a momentos devastadores, de forma que hoje não permitem em suas vidas aproximação de nenhuma natureza com o crack. Fui apresentada ao *bonde* no Centro POP, instituição assistencial mantida pela Prefeitura, onde o trabalho aqui apresentado teve seu começo.

Sobre a escrita que segue, teremos no **capítulo 01** uma análise da cidade a partir da perspectiva da gentrificação e consequente exclusão econômica e moral de determinados segmentos da população. Uma proposta de cidade dividida, fragmentada por aspectos econômicos, que transforma sua paisagem, seus espaços, em mercadoria. Ainda, há uma reflexão acerca do Novo Plano Diretor da cidade no tocante às destinações previstas para importantes lugares do centro, bem como uma descrição da instituição Centro POP, muito importante para esta pesquisa, destacando os aspectos institucionais de seu funcionamento.

No **capítulo 02** tem início uma narrativa que conduz o leitor do Centro POP às ruas da cidade. Do *lado de dentro* do balcão, nas tardes passadas na instituição, percebem-se movimentos que levam ao *bonde*, grupo com o qual esta etnografia tornou-se possível. Nesse capítulo, o bonde é o grande objeto de análise no que diz respeito a sua ética, sua constituição enquanto grupo e as ações que desempenha nas ruas do centro da cidade, especialmente no tocante ao crack e às relações estabelecidas com essa substância.

O **capítulo 03** traz algumas análises da vida nas ruas, das possibilidades a partir delas, tendo como base experiências compartilhadas com o bonde pelas ruas do centro, destacando a

partir destas vivências aspectos ligados ao processo de mapear e caminhar, enquanto inscrição e elaboração, portanto também uma forma de poder, perpassando as artes de fazer enquanto meio através do qual as ações do bonde pelo centro se tornam possíveis e se afirmam nos espaços públicos da cidade.



## 2 DISCUTINDO ESTRATÉGIAS E TÁTICAS: UMA CIDADE SENDO DIVIDIDA – OU AINDA: *AQUI É BENEFÍCIO, DROGADO É LÁ NO POP*”

A etnografia, entendida como incursão e inscrição de uma experiência vivida pelo antropólogo, é limitada, principalmente no tempo e no espaço. Em se tratando de antropologia urbana, essa limitação é também a própria cidade. A cidade, tomada aqui como *objeto temporal* (ECKERT; ROCHA, 2001), é reconhecida em sua arquitetura, seu traçado e também nas narrativas daqueles que vivem e fazem seu cotidiano, por meio de seus itinerários, das relações que estabelecem e práticas que constroem, coletivamente, em dado espaço e tempo.

A cidade, também junto com Certeau (2000), é compreendida enquanto espaço de exercício permanente de um projeto de controle, vigilância e dominação de seus espaços por parte do poder público. A exemplo disso, as estratégias de monitoramento dos espaços da cidade, como as câmeras, as rondas policiais e a própria organização do espaço urbano (como a já citada reforma de Haussmann em Paris e as obras de revitalização do Centro).

Assim, o ponto é entender a cidade como alvo de ações do Poder Público, que reflete uma moral e uma ética próprias dos governos que assumiram a máquina pública nos últimos anos, com suas políticas – ou seja, um conjunto de ações previstas e reelaboradas – que implicam em um lugar estabelecido para os sujeitos que movem esta pesquisa. Mas, também, entender a cidade como um lugar sujeito a movimentos contrários a tais ordens, relacionados ou não ao uso de drogas, que se afirmam no caminhar, imprimindo formas, atalhos, táticas e, assim, estabelecendo novas ordens, envolvidas no relacionar-se com a cidade sob a perspectiva da exclusão, da rejeição.

De que forma estas pessoas, indesejadas sob muitas perspectivas, transitam e vivem na/a cidade? Como a cidade se apresenta para estes sujeitos? Como é, sob a perspectiva da vida nas ruas, o uso do espaço urbano? Considerando que os espaços de controle, de vigilância, de ordem, “se vê(em) entregue(s) a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico” (CERTEAU, 2000, p. 174), são estes movimentos que interessam aqui, principalmente quando compreendidos como resposta às estratégias das instituições que,

conforme argumenta Certeau, combinam “gestão e eliminação”, com vistas a apagar dos espaços da cidade aquilo que ela mesma cria, os “detritos”, como as anormalidades, desvios, doenças, morte.

Dados os pressupostos, caminhar com esses sujeitos pela cidade, no sentido de descobrir-caminho (INGOLD, 2005), enquanto caminhar por ruas desconhecidas em uma região conhecida, e assim escrever, atualizar os traçados da cidade, foi o recurso metodológico escolhido. A partir do acompanhamento desses sujeitos, em suas práticas na e pela cidade, foi possível também perceber, reconhecer - através dos discursos e interações entre sujeitos e os equipamentos da cidade -, sob outros olhares, outros trajetos, caminhos. A partir disso, a proposta foi a de pensar a cidade como “texto vivo”, tempo vivido e escrito a partir dessa perspectiva.

Acompanhar as incursões dessas pessoas pelo centro da cidade a fim de conhecer, ver de perto suas “artes de fazer” (INGOLD, 2005) - as táticas desempenhadas pelo bonde para se valerem de seu direito - frequentemente contestado e violado - de usufruir da cidade, foi a forma encontrada para compreender as táticas das quais lançam mão para viverem na/a cidade, e como esta se apresenta para eles, enquanto sujeitos com direito<sup>25</sup> ao uso do espaço urbano.

O centro da cidade foi escolhido para esta pesquisa tanto pelos motivos supracitados (circulação de pessoas, lugar histórico) quanto por ser o bairro que concentra maior oferta de

---

<sup>25</sup> Nesse sentido, vale citar a cartilha da Secretaria Nacional de Segurança Pública e do Ministério da Justiça referente à “Atuação policial na proteção dos direitos humanos de pessoas em situação de vulnerabilidade” (BRASIL, 2010), especialmente no que se refere às pessoas em situação de rua. Atrelando à condição de rua aspectos como “diversidade”, “violência”, “drogas”, “desemprego” e “problemas de saúde”, a cartilha alerta que morar nas ruas não é crime e que, desde 2009, com a Lei 11.983, a mendicância deixou de ser tipificada como contravenção penal (BRASIL, 2010, p 109-11). Esse documento traz, ainda, a seguinte declaração: “O cidadão em situação de rua é sujeito de direitos e deveres, assim como qualquer outro brasileiro, de acordo com a Constituição Federal / 1988” (p.116).

serviços voltados à população em situação de rua<sup>26</sup>. Também por se tratar de uma parte da cidade palco de constantes transformações em seus espaços, principalmente na sua parte histórica, área que vem passando por inúmeras modificações, em um processo intermitente pelo menos desde o começo dos anos 2000.

## 2.1 O NOVO PLANO DIRETOR E A GENTRIFICAÇÃO – MUDANÇAS PREVISTAS PARA O CENTRO DA CIDADE

Conforme já dito, a cidade de Florianópolis é, hoje, mundialmente famosa por suas praias e belezas naturais. No caminho desta popularização, a cidade vem passando por grande expansão da ocupação humana, sendo a cidade da região Sul do Brasil que mais aumentou sua população entre os anos 2000 e 2010, crescendo o dobro da média nacional<sup>27</sup>. Particularmente no que tange à expansão da ocupação territorial, consequência também do aumento populacional<sup>28</sup>, um dos resultados é a constante ampliação das atividades econômicas da cidade, bem como a extensão dos circuitos, como o empresarial. A exemplo disto, os centros empresariais, dentre eles o “Novo Centro”, edifício empresarial situado no bairro do Saco dos Limões, tem em sua logo a apresentação do bairro como “o novo eixo empresarial da cidade”, evidenciando o movimento de expansão dos limites dos circuitos econômicos desse centro urbano.

---

<sup>26</sup> É no centro que encontramos o Centro POP e o albergue noturno de Florianópolis, inaugurado em 2014. Florianópolis foi, por muito tempo, a única capital do país a não oferecer albergue público.

<sup>27</sup> Cf. reportagem do jornal Diário Catarinense “Florianópolis tem crescimento populacional acima da média, aponta Censo”. Disponível em: <<http://tinyurl.com/pfhtoo8>>. Acessado em: 20 jan. 2015.

<sup>28</sup> Entre 1980 e 1991, Florianópolis passou de 187.880 para 255.390 moradores, um aumento de 35%. Entre 1991 e 2000, o acréscimo foi de 34%. Já entre 2001 e 2010, a população passou de 342.315 para 404.224 habitantes, o que representa um aumento de 18,08%. Fonte: censo nacional IBGE. Embora na última década ainda esteja acima da média nacional, cabe destacar que o aumento populacional mais expressivo foi registrado na década de 1980.

Em diversos bairros, notadamente os de praia<sup>29</sup>, o processo de enobrecimento é facilmente percebido, sob diversos aspectos. Este processo é entendido como a valorização de uma dada área popular pela sua renovação arquitetônica e fomento às atividades econômicas (principalmente ligadas aos setores empresariais), através da reconstrução ou reforma de suas edificações, substituindo antigos prédios e casas por novos empreendimentos, ou ainda, transformando a própria paisagem em mercadoria<sup>30</sup>. Como consequência, a valorização imobiliária torna a permanência da população tradicional nessas regiões bastante difícil ou até mesmo inviável.

Basta, para isso, olhar para o bairro Campeche, onde se vê a sua beira-mar, a Avenida Campeche, ser tomada por edifícios de alto padrão, que substituem as antigas edificações (e assim mudam a paisagem e o perfil de moradores). Ainda, ao oferecer “vista para o mar” como atrativo, transformam o mar, antes meio de trabalho da população local, em mercadoria com alto valor agregado e consequente inviabilização da permanência da população local<sup>31</sup>.

Para pensar sobre as formas pelas quais esse processo vem ocorrendo na cidade de Florianópolis, é importante falar do Novo Plano Diretor Municipal, votado pela Câmara de Vereadores em duas sessões, sendo aprovado em 30 de dezembro de 2013 e

---

<sup>29</sup> O bairro Campeche é um exemplo bem atual, por se tratar de um bairro de praia que vem sendo ocupado massivamente a partir dos anos 2000, mas outros bairros também vêm passando pelo mesmo processo. A exemplo da Trindade, Saco dos Limões, Carvoeira, Pantanal e Itacorubi. Estes bairros, também por serem periféricos à UFSC, passam por forte especulação imobiliária.

<sup>30</sup> Conforme discorre Sharon Zukin (2011), ao analisar as transformações desse caráter em Miami.

<sup>31</sup> Essa permanência é testada também de outras formas. Ataques a ranchos de pesca, como o incêndio de suspeita criminosa a um rancho centenário (Cf. <<http://goo.gl/cVkRdV>>. Acessado em: 20 fev. 2016), bem como a poluição, cada vez mais visível, que levou a um recente protesto de moradores (Cf. <<http://goo.gl/PDVnM2>>. Acessado em: 06 mar. 2016) são exemplos de um conjunto de práticas que levam à inviabilização da praia enquanto meio de vida e sustento de famílias tradicionais.

sancionado pelo então prefeito em 17 de janeiro de 2014<sup>32</sup>. O documento propõe uma série de novas destinações a importantes espaços de toda a cidade, como por exemplo, a Ponta do Coral<sup>33</sup>. Trata-se de um terreno situado na Av. Beira-mar Norte disputado pela construtora Hantei, que planeja construir um complexo hoteleiro, com edificações de até 18 andares no local<sup>34</sup>, e setores da população da cidade, que vêm se organizando e manifestando constantemente a vontade de transformar o local em um parque público.

---

<sup>32</sup> Ambas as sessões de votação foram marcadas por protestos e confrontos com policiais militares tanto dentro quanto fora da Câmara de Vereadores (Disponível em: <<http://goo.gl/vqgk6c>>. Acessado em 20 jan. 2014).

<sup>33</sup> Localizada em uma das avenidas mais elitizadas da cidade, a Beira-mar Norte condiz a uma área de aproximadamente 15 mil metros quadrados, disputada pela Hantei construtora, de um lado, e por movimentos populares, de outro. Os primeiros defendem o uso do espaço para a construção de hotéis, dada a localização do terreno e o potencial turístico da região. Já os últimos, defendem que a área seja destinada ao uso público, sem edificações particulares. Reivindicam a criação do Parque das Três Pontas, referente aos três istmos da Baía Norte (Ponta do Coral, Ponta do Lessa e Ponta do Goulart). De acordo com o novo Plano Diretor, a Ponta do Coral é “área turística de lazer”, podendo receber edificações de até 06 andares, conforme previsto no projeto original elaborado pelo Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF) (Disponível em: <<http://goo.gl/GFEMNI>>. Acessado em: 20 jan. 2014).

<sup>34</sup> A Prefeitura Municipal de Florianópolis e a FATMA já haviam concedido suas licenças para o início das obras. A população vem respondendo a isso com o movimento “Ponta do Coral 100% pública” e o projeto “Parque das Três Pontas”, na tentativa de ocupar o terreno com atividades de lazer (que a PMSC nem sempre permite. Cf. <<http://tinyurl.com/qfxgpsx>>. Acessado em: 20 fev. 2015). A última posição da Prefeitura quanto ao tema foi de suspender o alvará de construção do complexo. Porém, no mapa do Plano Diretor da cidade (Cf. <<http://goo.gl/5ZJeu>>. Acessado em: 20 jul. 2015), o local continua sendo “Área Turística de Lazer (ATL) - áreas que se caracterizam por serem dotadas de singularidades e atributos, tais como os naturais e culturais, dentre outros, e que deverão ser preferencialmente apropriadas para o uso coletivo público e voltadas para atividades de lazer, turismo e hospedagem de baixo impacto ambiental” (Cf. <<http://goo.gl/18DMPI>>. Acessado em: 20 jul. 2015), ou seja, ainda há a possibilidade de construções particulares na área.

No que se refere à área central da cidade, algumas reformas, como a da antiga Casa de Câmara e Cadeia, prédio situado no entorno da Praça XV, estão em andamento. Outras, como a do Mercado Público, que já foi reinaugurado, implicarão em alterações na estrutura física e na rotina dos seus moradores e frequentadores. De acordo com o documento síntese do Novo Plano, que apresenta 30 principais propostas de mudanças para todos os distritos da cidade, traz as seguintes proposições para o Centro:

Como não poderia deixar de ser, o distrito central foi das áreas mais trabalhadas pelo novo Plano Diretor. O movimento estratégico mais importante é o forte estímulo às moradias na área central, equilibrando a concentração de serviços atualmente existente. Essa ação urbanística acompanha tendência mundial que procura revalorizar as áreas centrais, gerando ocupações permanentes com qualidade de vida, maior segurança e alívio para a mobilidade. Além do equilíbrio entre serviços e moradias o Plano trabalha com o desenho de uma área central com capacidade de atração sobre toda a cidade, prevendo a dinamização do Aterro da Baía Sul, ampliação das vias exclusivas de pedestres, implantação de sistema de ônibus circulares para as áreas centrais, valorização de todos os monumentos, conjuntos tombados e elementos simbólicos da cidade, como é o caso da ponte Hercílio Luz. As propostas e ações não param por aí: o incremento das atividades náuticas a partir dos trapiches do Iate Clube Veleiros da Ilha e da Marina da Beira-Mar Norte, a indicação da transformação da Rodoviária em Museu de Arte e as **indicações de relocação do Centro de Convenções e do Sambódromo, recuperando-se espaço para um grande centro de administração, negócios, turismo e lazer que proporcionará novo alento vital**

**para o centro.** Muitas dessas medidas são fatores que conjugados a ações em andamento, como a restauração da Casa de Câmara e Cadeia, do Mercado Público Municipal, da Antiga Alfândega, a ampliação do Museu Vitor Meirelles e a Feira de Artes e Usados, reverterão a atual curva descendente da área central da cidade. Para a área central de Florianópolis, portanto, as propostas do novo Plano Diretor se coadunam e complementam com uma série de iniciativas, muitas delas já em andamento, que reservam para a área a vitalidade e o dinamismo que não podem faltar para a área central da capital de Santa Catarina (FLORIANÓPOLIS, 2013, p. 8-9, grifo nosso).

Este documento, representante de uma proposta de cidade – e de bairro – traz dados importantes, como o estímulo à habitação, visando atrair mais moradores de um dado perfil econômico para o bairro. Também, ao destinar grandes áreas do Centro para atividades de “administração e negócios”, deixa transparecer o perfil de bairro que se idealiza, posto que não há, por exemplo, referência específica aos moradores de baixa renda do Centro, especialmente do Maciço do Morro da Cruz, em nenhuma parte do documento em questão, ou mesmo no original<sup>35</sup>.

A partir disso, questionamentos sobre o modelo de bairro que está sendo pensado, quais partes dele estão sendo consideradas e quais mudanças propostas são norteadores desse debate. Afinal, pelo mapeamento oficial do município<sup>36</sup>, as comunidades do Maciço fazem parte do bairro, mas, na prática, o projeto urbanístico que se tem para o Maciço é o de um teleférico, cujo objetivo vem sendo bastante criticado por ter uma finalidade mais turística do que prática para a vida da população.

---

<sup>35</sup> O documento na íntegra está disponível no endereço <<http://goo.gl/Iv846n>>. Acessado em: 20 jan. 2014 e 23 fev. 2016.

<sup>36</sup> Disponível em: <<http://geo.pmf.sc.gov.br/>>. Acessado em: 20 jul. 2015.

Outro ponto nesse processo é o aumento considerável do IPTU, que em alguns bairros da cidade chegou a 80%<sup>37</sup>.

Dessa forma, o centro da cidade apresenta suas áreas periféricas associadas, de alguma forma, às populações de baixa renda – as áreas de morro e a própria área do Centro POP são exemplos de espaços do centro que estão fora da centralidade do bairro, conforme o anunciado subtítulo deste capítulo e aquilo percebido até mesmo entre as educadoras<sup>38</sup> do Centro POP<sup>39</sup>.

A proposta desse documento parece confluir com aquilo que Proença Leite (2007), analisando “o espaço social da rua”, percebe ao refletir sobre as ações desenvolvidas pelo poder público nas cidades formadas a partir de processos de colonização<sup>40</sup>. Segundo ele,

Um certo tipo de intervenção urbana nesses espaços da vida cotidiana pública tem-se proliferado no Brasil nas duas

---

<sup>37</sup> A média de aumento é de 25%, mas em alguns casos passou de 80%. Fonte: <<http://goo.gl/F7qDjD>>. Acessado em: 28 jan. 2014 e 23 fev. 2016.

<sup>38</sup> Assim são chamados todos os que lidam com o público assistido pela instituição, independente de serem da área da educação, assistentes sociais, pedagogos ou ainda profissionais da área do direito – tem-se ao menos esses 3 perfis de formação ali. Havia apenas um educador homem, que em dado momento resolveu passar a trabalhar com as funções administrativas do Centro POP. Nesse tempo, uma quarta educadora ingressou na instituição. Portanto, doravante, quando a referência for no artigo feminino, estão em questão as 04 educadoras que ficavam no balcão e com quem convivi ao longo da pesquisa. Quando houver o artigo masculino, a referência é à equipe de educadores, que vai além do número de servidoras que trabalham no balcão.

<sup>39</sup> “Um momento que chamou a atenção foi quando eu e as educadoras do POP chegamos ao outro lado da passarela. As três comentaram sobre como a cidade é dividida, como o “outro lado”, do Centro POP, é frio e barulhento, e que ali, do outro lado da passarela, elas estavam “na cidade”. Como se o POP não fosse parte da cidade” (Diário de campo, 30 de abril de 2014).

<sup>40</sup> Lembrando que Florianópolis, assim como Recife, é uma cidade colonial. A parte do Centro onde se instalou o primeiro povoamento é o que hoje se compreende por Centro Histórico, região de bastante importância para este trabalho.

últimas décadas em muitas de suas cidades históricas, desenvolvendo políticas de *gentrification*, cujo resultado mais visível é a alteração da paisagem urbana, com a transformação de degradados sítios históricos em áreas de entretenimento urbano e consumo cultural (LEITE, 2007, p. 19).

Ainda com base nesse mesmo autor, proponho pensarmos alguns conceitos e distinções. Começo pela ideia de *lugar*, tratada por Proença Leite enquanto espaço *de* e *para* diferentes sociabilidades. Um lugar, sendo assim, é um espaço construído socialmente, podendo uma única área permitir a criação de diferentes lugares, dado que diferentes relações podem vir a se dar num mesmo espaço físico. Em suma, enquanto os espaços possuem fronteiras físicas, os lugares possuem fronteiras sociais. Algo próximo à ideia de enquadre, que veremos melhor adiante, no capítulo seguinte desta dissertação.

O autor trata também do que ele chama de uso e contra-uso dos espaços públicos urbanos. Inspirado pelas ideias de Michel de Certeau, ao tratar das estratégias e táticas na ocupação e uso dos espaços da cidade, Leite (2007) argumenta que os espaços públicos podem também ser compreendidos como espaços que estão em constante disputa por múltiplos segmentos (comerciantes, empresários, moradores de rua e o próprio poder público). Estas disputas acabam por se refletir nos lugares que essas dinâmicas criam e na forma como se inscrevem, resultando em constantes transformações, que muitas vezes batem de frente com políticas de urbanização, pautadas em um ideal de urbanização de caráter civilizatório, que pouco se presta a considerar as relações estabelecidas a priori nos lugares da cidade, ou ainda, relações outras com o mundo como um todo, a exemplo da noção de habitar que discutiremos aqui.

Podemos, assim, afirmar que as pessoas que se estabelecem pelas ruas do centro de Florianópolis, principalmente para práticas que vão contra os interesses do poder público, como a mendicância, o descanso ou o consumo de drogas, constituem formas de contra-usos desses espaços. É contrarreação, resistência e a uma ordem social e moral, através de complexas

redes de relações, sociabilidades e, assim, atuam nesses espaços de forma a estabelecer neles uma relação também de identidade.

Ainda, a própria distinção entre *estratégias* e *táticas*, cunhada por Certeau (2000) é elucidativa quando se trata de analisar a complexa relação entre as instâncias de poder do Estado e aqueles/as que fazem das ruas um lugar habitado. Para o autor, as ações do poder público, tratadas do ponto de vista das estratégias, despertam respostas táticas, desenvolvidas por quem cuja sobrevivência é, muitas vezes, um ato de resistência. Em suas palavras,

[...] chamo de *estratégia* o cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado (CERTEAU, 2000, p. 99).

Essa definição tem três desdobramentos importantes: a estratégia é “[...] uma vitória do lugar sobre o tempo”, dado que ao criar um “ambiente próprio”, torna-se “[...] um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo [...] e é também um domínio dos lugares pela vista”, dado que ao mapear o espaço pode-se melhor observá-lo como um todo e em suas partes, aproximando-se da ideia de visão panóptica (CERTEAU, 2000, p. 99).

Desse modo, “[...] ver (longe) será igualmente prever, antecipar-se ao tempo pela leitura de um espaço”; e por fim, representa uma capacidade de “poder de saber”, legitimando ou ocultando fatos ao construir um discurso revestido de neutralidade (como o discurso militar, jornalístico ou científico). Dessa forma, “[...] sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio (CERTEAU, 2000, p. 100).

Já as táticas, descritas por Certeau como “a arte do fraco”, são, em suma, as respostas dos excluídos às estratégias de poder e vigilância, a fim de assegurarem sua permanência, ou seja, as respostas dadas por aqueles que são indesejados, como agem em relação às ações de controle e exclusão. São aqueles que “[...] tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário (CERTEAU,

2000, p. 101), visando sua sobrevivência em um ambiente potencialmente hostil à sua existência.

Soma-se a isso um contexto de campanhas voltadas especialmente ao combate do uso de crack - como o programa do Governo Federal “Crack, é possível vencer” que, segundo registros oficiais (BRASIL, 2014), começou a ser implementado em Santa Catarina no início do ano de 2014, ainda que, na prática, ela se torne visível apenas através de adesivos afixados no aparato policial, como capacetes e viaturas (Ilustração 5).

**Ilustração 5 - “Crack, é possível vencer”**



Fonte: A autora (15 abr. 2015).

Esses dois aspectos – a vigilância e um discurso de combate a uma droga que, na verdade, combate uma forma de ocupar, existir - têm por consequência, afinal, transformar paisagens e práticas, visando controlar e restringir, através da vigilância, quem e como usufruir desses espaços.

Neste sentido, no tocante aos aspectos político e metodológico, as contribuições de Tim Ingold (2011) merecem atenção. Ao argumentar que a vida se dá *entre*, não *em* lugares, nos ajuda na compreensão e exploração dos movimentos compartilhados no campo. Em seu texto “Against space: place, movement, knowledge”, o autor aponta uma “lógica da inversão”, que entre outras coisas tem como resultado a ideia de que *ocupamos* o mundo, e não o *habitamos* de fato. Como consequência dessa inversão, a vida é entendida como vivida de

forma circunscrita, dentro de limites, nos dando assim uma compreensão estática da mesma. Segundo o Autor, dessa forma “[...] emplacement becomes enclosure, traveling becomes transport, and ways of knowing become transmitted culture” (INGOLD, 2011, p. 01).

Para desconstruir essa lógica, Ingold argumenta que, entre outras coisas, a vida se dá *em movimento*, *entre* lugares. Se partirmos do pressuposto de que o mundo não é um lugar pronto (que apenas ocupamos), mas sim algo permanentemente *em processo*; a noção de que *habitamos* o planeta, sendo esse habitar um processo transformador e contínuo, a vida também passa a ser vista enquanto processo *entre*, e não mais restrita a lugares. Assim, *linhas* e *nós* são o que nos representam, e não mais círculos e pontos, que restringem a compreensão de nossas vidas a pontos e lugares vistos de forma isolada.

Assim, se a vida não se dá *em*, mas *entre* lugares – ou, nas palavras de Ingold, “[...] lives are led not inside places but through, around, to and from them, from and to places elsewhere” (2000 apud INGOLD, 2011, p. 01) – é entre um lugar e outro, incluindo o caminho entre lugares enquanto vivência (experiência, invenção), que a vida é, afinal, vivida. Essa posição é ilustrada na figura metafórica do viajante (wayfarer) que, sem destino final, vive em constante trânsito pelos lugares do mundo. Para Ingold, é viajando (wayfaring) que nos situamos no mundo da forma mais fundamental, pois, afinal, estamos sempre em trânsito.

O aspecto político em questão diz respeito à capacidade, percebida nos sujeitos que fazem parte dessa etnografia, de construir suas vidas nas ruas da cidade, percebendo os lugares que criam e de forma tal que suas práticas são também a afirmação de posturas diante do contexto de poder que faz parte da paisagem do centro da cidade. Seguindo ainda a sugestão de Ingold, compartilho do argumento de que o conhecimento científico, tanto quanto o conhecimento/saber local, é produzido no movimento, entre lugares.

Considerando isso, este trabalho tem como principal objeto de estudo o trânsito desses sujeitos através da cidade. Fazer parte dos lugares e paisagens produzidos constantemente no deslocar-se, compartilhando de seus itinerários, discutindo e analisando relações e percepções com e sobre os espaços pelos quais

circulam, foram as formas encontradas e adotadas para responder às questões que nortearam esta pesquisa.

É importante dizer que esta etnografia passou por um deslocamento de objeto. A princípio seria um trabalho sobre a cidade, da perspectiva do consumo de crack, mas acabou sendo um trabalho sobre um determinado grupo de pessoas e suas incursões pelo centro da cidade. Uma pesquisa sobre o centro de uma capital turística, na perspectiva de um grupo específico - aqueles e aquelas que estão nas ruas e têm no crack um símbolo que demarca os lugares de seu grupo. Nesse sentido, este trabalho não parte da mesma perspectiva de outros estudos ligados à mesma temática<sup>41</sup>. O que motiva este trabalho é analisar aspectos ligados à cidade, do ponto de vista das relações possíveis entre ela e esses sujeitos, perpassadas pelas iniciativas do poder público e respostas criativas e empoderadoras a essas ações.

Para pensar as atribuições que damos aos espaços das cidades, a diferenciação entre espaço público e espaço urbano segue a elaborada por Rogério Proença Leite (2007), adotada para entendermos os caminhos e lugares praticados pelo *bonde*. Ao distinguir espaço urbano de espaço público, pensando estes enquanto categorias permeadas por ações de caráter político tanto por parte do Estado quanto por parte de seus usuários, Leite argumenta que:

Embora o espaço público se constitua, na maioria das vezes, no espaço urbano, devemos entendê-lo como algo que ultrapassa a rua; como uma dimensão socioespacial da vida urbana, caracterizada fundamentalmente pelas ações que atribuem sentidos a certos espaços da cidade e são por eles influenciadas (LEITE, 2007, p. 116).

Os lugares de caráter público são, portanto, aqueles apropriados por diferentes sujeitos e possibilitam diferentes sociabilidades/práticas. Não são apenas vazios, são espaços praticados, exercidos por diferentes sujeitos. Essas interações não se dão sem a presença do poder público que, através de suas

---

<sup>41</sup> Como os estudos nas áreas de saúde mental, saúde pública, trajetórias de vida ou ainda sociabilidades em torno do crack.

estratégias, enquanto agente regulamentador desses espaços, busca delimitar e controlar os usos e as práticas que se desenvolvem nos espaços públicos.

Nesse sentido, retomo o exemplo do Plano Diretor de Florianópolis, documento que afirma um modelo de controle e gentrificação que se legitima à revelia da vontade popular, a exemplo dos tumultos ocorridos na sessão que resultou na sua aprovação. Ainda sobre o processo de enobrecimento, a análise de Sharon Zukin (2001), embora considerando outros aspectos e levantando questões em outros contextos, é pertinente por apresentar a identidade dos lugares enquanto vínculos estabelecidos entre moradores e os espaços habitados.

As questões em torno de identidade não são centrais nesta pesquisa, mas há um aspecto do processo de enobrecimento que a autora trabalha muito bem, e por isso é também aqui considerado. O enobrecimento é analisado por Zukin com base em grandes cidades do mundo, pensadas sob o aspecto da paisagem pós-moderna: ambígua e, por isso mesmo, difícil de definir em termos de identidade<sup>42</sup>.

Segundo Zukin, essa transformação pode ser vista sob dois aspectos. Um deles, que vem ocorrendo nas “antigas cidades modernas”, como Nova York ou Chicago, tem como marca o processo de substituição de velhas edificações e de seus antigos moradores e seu estilo vernacular por novos moradores e edificações, em um processo de transformação para o que a autora chama de *paisagem*, marcada pelo poder cultural a ela investido. Já nas novas cidades modernas, como Miami, o processo vai em direção à extrapolação do consumo, tornando a própria paisagem um produto, como por exemplo a Disneyworld, em Orlando (ZUKIN, 2001).

Compreender o processo de enobrecimento a partir da questão da identidade dos lugares é um aspecto interessante para pensarmos o próprio lugar onde esta pesquisa foi se desenhando. Embora Zukin trabalhe com grandes cidades do mundo, ao

---

<sup>42</sup> “[...] uma paisagem urbana pós-moderna não apenas mapeia cultura e poder: mapeia também a oposição entre mercado – as forças econômicas que desvinculam as pessoas de instituições sociais estabelecidas – e lugar – as formas espaciais que as ancoram no mundo social, proporcionando a base para uma identidade estável” (ZUKIN, 2001, p. 83).

pontuar sobre as pessoas que têm que se mudar de onde se estabeleceram por não terem mais condições financeiras de se manter nele, remeto ao aumento do IPTU e ao preço dos próprios imóveis em importantes cidades brasileiras, inclusive Florianópolis<sup>43</sup>.

Ainda em sua análise, é interessante destacar a forma como ela define paisagem, valorizando em seu conceito a ideia do socialmente construído, indo ao encontro da compreensão de tática de Certeau (2000), ao apresentar a paisagem enquanto construção, forma de controle e domínio sobre o espaço, sendo a pós-moderna a expressão da fragmentação de grupos e práticas constituinte de sujeitos e paisagens. Segundo a autora, a paisagem se apresenta enquanto

[...] uma ordem espacial imposta ao ambiente – construído ou natural. Portanto, ela é sempre socialmente construída: é edificada em torno de instituições sociais dominantes (a igreja, o latifúndio, a fábrica, a franquia corporativa) e ordenada pelo poder dessas instituições (ZUKIN, 2001, p. 84).

Sendo a paisagem pós-moderna resultado de relações econômicas e de poder, ela a define como:

Um processo social de dissolução e rediferenciação e como uma metáfora cultural dessa experiência. Consequentemente, o processo social de construção de uma paisagem pós-moderna depende da fragmentação econômica das antigas solidariedades urbanas e de uma reintegração que é fortemente matizada pelas novas formas de apropriação cultural (ZUKIN, 2001, p. 81).

---

<sup>43</sup> Um jornal local tratou da questão da moradia dentro do novo Plano da seguinte maneira: “*O metro quadrado de Florianópolis está tão valorizado que moradores acabam mudando para cidades vizinhas. Para evitar o êxodo, o plano estipula que para construir é preciso reservar áreas para moradias populares*”. Disponível em <<http://goo.gl/O4tkNU>>. Acessado em: 20 jan. 2014.

Nesse contexto, podemos pensar o Centro, entre outros bairros, como região que passa por processos constantes de mudança estrutural que resulta em alterações nos fluxos e no seu uso social/coletivo. Ainda, reconhecer o momento de confluência de diversos fatores, como campanhas de combate a determinadas práticas públicas – especialmente o uso de drogas, bem como os processos de revitalização e uma nova legislação sobre a cidade são momentos em que, ao se repensar os usos possíveis ao seu território, possibilita remanejar ao sabor de interesses privados áreas de grande valor para a população capaz, assim, de limitar e, por vezes, impedir o uso de espaços, por definição, públicos<sup>44</sup>.

As constantes transformações nos espaços da cidade - ruas que são ora abertas ora fechadas para o trânsito de veículos, shoppings a céu aberto que padronizam fachadas de prédios e lojas, prédios públicos que mudam de função (ou ainda, são abandonados pelo poder público<sup>45</sup>), construções e demolições são parte de um processo também econômico.

A referência é o comércio de rua, a exemplo de lojas que se transformam em *boutiques* e passam a vender seus produtos a preços que restringem sua clientela, prática aplicada também por bares e restaurantes. Os bares da *Travessa Ratcliff*, local tradicional da boemia na capital, após reformas estruturais, aplicaram aumentos consideráveis nos preços de seus produtos, de forma a equipará-los ao valor praticado nos restaurantes à beira-mar:

Saindo do campo, combino com uma amiga de tomar uma cerveja na Travessa, em um antigo bar que recentemente mudou de administração. Chego antes dela e começo a reparar no entorno, e percebo que dos dois bares da Travessa (geralmente são 03, mas um deles está

---

<sup>44</sup> A exemplo das constantes reclamações da população em relação aos *beach clubs* que ocupam a faixa de areia de praia com cadeiras e mesas, constringendo quem ocupa a estrutura sem consumir do estabelecimento.

<sup>45</sup> Cito como exemplo a referida “Casa de Câmara e Cadeia”, prédio histórico localizado na Praça XV e que está fechado para o público há vários anos. Um processo de reforma foi iniciado há algum tempo, ainda sem previsão de conclusão.

fechado há tempos, aparentemente em reforma), apenas um tem movimento. Resolvo parar no menos movimentado e eis a minha surpresa quando me deparo com os preços ali praticados: long neck a 8 reais, cervejas populares a 10, 12 reais a garrafa de 600 ml. Chamo o garçom, questiono os valores e ele os confirma. O surpreendente foi seu argumento, em defesa dos valores ali praticados. Segundo ele, essa era uma “aposta do bar”, a fim de “filtrar a clientela”.

Agradeço o esclarecimento, levanto e mudo de bar. Conferindo o cardápio, percebo que seus preços são de 20 a 40% menores. Desfez-se minha dúvida em relação à diferença de movimento nos dois estabelecimentos” (Diário de campo, 20 de agosto de 2014).

Também Antônio Arantes (2000), ao analisar o centro de São Paulo, a partir da Praça da Sé, “coração” da metrópole, tem a contribuir conosco. Em “A Guerra dos Lugares”, o autor remete à pluralidade e simultaneidade de usos dos espaços públicos da capital paulista. Arantes trabalhou com as chamadas *sociabilidades marginais*, que se dão nos mesmos espaços que os moradores e usuários da cidade utilizam – praças e ruas.

Para o autor, “[...] atores e cenários tendem a ser identificados como culturalmente ambíguos e simbolicamente invisíveis e poluidores”<sup>46</sup> e, em algumas áreas de cidade, como a Praça Matriz, o autor reconhece “territorialidades flexíveis” quando diferentes categorias sociais ganham, simultaneamente, expressão espacial. Desse modo, essas diferentes sociabilidades

---

<sup>46</sup> É difícil não haver ao menos um lugar da cidade “domesticado”, onde é possível o descanso ou até mesmo a afirmação de alguma propriedade. A exemplo, Hélio Silva e Claudia Milito (1995) trazem uma passagem de seus diários exatamente nesse sentido: “uma mendiga que ocupava a praça onde atua o projeto [...] estabelecia “precisas” paredes que delimitavam sua área doméstica do espaço circundante em que os meninos corriam. Um dos pesquisadores foi por ela agredido sob a acusação de “branca azeda e maconheira”, por ter transposto os invisíveis umbrais” (p. 18).

que se realizam num mesmo espaço tornam-no política e socialmente híbrido, ao, por exemplo, serem usados tanto para megaeventos religiosos e políticos quanto servir para a permanência de alguns, que muitas vezes fazem de certas partes da praça suas casas (ARANTES, 2000, p. 103-4). Conforme escreve,

[...] a Praça da Sé se repolitiza ao abrigar algumas das principais tensões e conflitos sociais constitutivos da vida paulistana atual. Ali se expõem publicamente a falta de direitos de grande parte da população da cidade, o que se identifica na incidência de assaltos, no comércio e ostensivo consumo de drogas, na construção de moradias “invisíveis”, no subemprego, na mendicância e na oferta de uma vida melhor por meio das loterias, das poções milagrosas e das pregações religiosas (ARANTES, 2000, p. 103-4).

A comparação aqui é válida. Da mesma forma que a Praça da Sé constitui-se lugar onde se sucedem os processos descritos, as ruas históricas do centro de Florianópolis, ou ainda a Praça XV, não ficam atrás. Por exemplo, as ruas que compõem o chamado “setor leste” do centro da cidade, entre a Praça XV de Novembro e a Avenida Hercílio Luz - Antônio Luz, João Pinto (presente já nas pinturas de Victor Meirelles, e que já foi “Rua Augusta<sup>47</sup>”), Tiradentes e Fernando Machado -, trata-se de ruas paralelas que ligam a Avenida Hercílio Luz à Praça XV.

Essas ruas fazem a ligação entre dois lugares bem distintos do centro. A Avenida Hercílio Luz, importante via nesse espaço, com seu passeio central esticado por sobre o riacho que já foi usado pelas lavadeiras da cidade, é asfaltada, com fluxo intenso de veículos e lugar de casas e sobrados antigos, prédios imensos (que constituem o popularmente conhecido “paredão” da Hercílio Luz, que abrigam seis mil pessoas) e um comércio variado. Essa avenida é, assim, espaço de diversas práticas. Nela é possível observar desde sujeitos sentados nos bancos do passeio público,

---

<sup>47</sup> Fonte: <<https://ruajoapinto.wordpress.com/historia-da-rua/>>. Acessado em: 16 mai. 2015.

por vezes com seus cigarros (de tabaco ou *cannabis*), bebidas, skates, mochilas, até aqueles/as que adentram as galerias construídas para a vazão do rio, acessadas por bocas-de-lobo, a fim de terem mais privacidade para práticas de uso de drogas, a exemplo do *crack*. Nela também está um dos exemplos mais claros da “arquitetura antimendigo”: um prédio, que já foi agência da Caixa Econômica Federal, que possui canos furados no alto de sua fachada a fim de esguichar água de tempos em tempos, impedindo, assim, a permanência de pessoas em frente à agência no período da noite, como aparece nas Ilustrações 6 e 7.

#### **Ilustração 6 - Fachada de prédio na Avenida Hercílio Luz**



Fonte: A autora (22 mai. 2015).

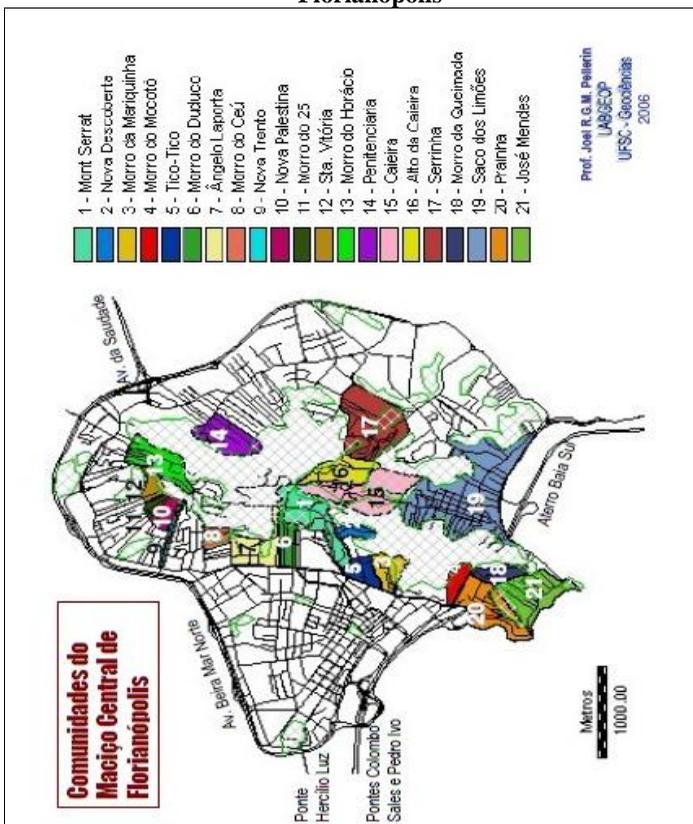
#### **Ilustração 7 - Detalhe do cano d'água**



Fonte: A autora (22 mai. 2015).

Essas ruas, assim como Arantes percebe as vias por onde narra seu itinerário por São Paulo, compõem também um aspecto liminar da paisagem, pois, ao cortar o centro histórico de Florianópolis, servem de passagem a pedestres e veículos e, principalmente, ligam as partes periféricas do centro florianopolitano, especialmente as comunidades do Maciço do Morro da Cruz, conforme mapa apresentado na Ilustração 8, à região central da cidade.

**Ilustração 8 - Mapa 01: Comunidades do Maciço Central de Florianópolis\***



\* A Avenida Mauro Ramos é representada no mapa pelo risco preto rente às comunidades da Mariquinha, Mocotó, Tico-Tico, Duduco e Ângelo Laporta. Fonte: UFSC (s./d.)<sup>48</sup>

<sup>48</sup> Disponível em: <<http://goo.gl/S2KmdC>>. Acessado em: 20 out. 2015.

Além de caminhos, essas ruas são vias de acesso entre duas partes muito importantes da região, em outras palavras, vias de ligação entre duas realidades. Uma praça central, com forte apelo turístico e histórico, e uma via que, embora conte com um passeio, é lugar de circulação, de passagem, que oferece poucas possibilidades em comparação às áreas exclusivas para pedestres.

As coisas e pessoas passam pela Praça, como passam pela Avenida, mas na Praça elas têm pontos de encontro determinados, dado que o campo confirmou: o bonde sempre passa parte do dia na Praça XV. Alguns lugares, inclusive, tinham marcas suas, como um desenho de Conselheiro Mafra. Ali chegava comida, bebida, amigos e toda uma variedade possível e imaginável de coisas, pessoas, animais, propostas.

Diferente de uma mera via de acesso, a Avenida Hercílio Luz, importante e antiga via do centro, é também parte da fronteira entre “morro e asfalto”, entre “centro histórico” e as comunidades que cresceram nos morros do Maciço nas últimas décadas. Observando essa região da cidade, é possível perceber a Avenida Hercílio Luz, junto com a Avenida Mauro Ramos como faixas, fronteiras, entre o Centro e os morros. Inclusive, as vias asfaltadas das referidas avenidas contrastam com a parte histórica do Centro que, por ser tombada, mantém o chão de granito. Espaços híbridos, de circulação, fluxo de pessoas e automóveis, pontos de fricção que se estabelecem a partir dos usos de dadas áreas, como boa parte do maciço do Morro da Cruz e o centro da cidade.

Na Praça XV é possível perceber, assim como na Praça da Sé, os múltiplos grupos que se constituem e se afirmam nesses espaços. Jogadores de dominó, casais apaixonados, turistas, michês, evangélicos que divulgam sua fé, artesãos<sup>49</sup>, sujeitos que ali conversam, comem, bebem e, eventualmente, dormem<sup>50</sup>, usam drogas (álcool, maconha, crack) e até mesmo combatem essas

---

<sup>49</sup> Depois da reforma pela qual a Praça passou nos anos 2000, mudou de perfil, não sendo mais permitido o trabalho sem licença concedida pela prefeitura para vender produtos, somente em barracas cadastradas, tendo dia e hora para usar o espaço.

<sup>50</sup> Apesar do que aponta Gabriel Rosa (2013, p. 41), ao pesquisar sobre a possibilidade de dormir na Praça XV, conforme o que ouviu de seus interlocutores, se a polícia aparece, acorda a todos e joga seus pertences fora.

práticas, a exemplo do próprio bonde. De fato, há uma infinidade de práticas que nos mostram a pluralidade, hibridez e fluidez das relações que se estabelecem nos espaços da cidade, constituindo, assim, identidades individuais, coletivas e espaciais.

Mais do que as ações do poder público, é importante pensar sobre como, afinal, Florianópolis está sendo vista, pensada. A começar, percebe-se que as instâncias de poder compreendem o espaço urbano de forma estática, estratégica, enquanto a cidade acontece, afinal, nos múltiplos movimentos que a compõe. Nesse sentido, zonedar a cidade, encerrar toda uma pluralidade de dinâmicas em determinados territórios é o maior reflexo dessa visão, pois é a clara tentativa de dominar e controlar, restringindo a certos espaços aquilo que confere ao urbano sua principal característica: o movimento, os fluxos, o mover-se, tal qual o bonde nos mostrará mais adiante.

Este trabalho buscou também repensar algumas práticas de higienização dos espaços públicos em relação aos sujeitos para os quais ações desse perfil são pensadas. As ações de saúde e assistência seguem sem uma política assistencial das ruas, ficando restritas a lugares específicos – o Centro POP não vai às ruas, e quando vai é em forma de abordagem de rua, indo ao encontro dos sujeitos enquanto estes dormem, comem, sem apresentar com os mesmos um mínimo de cuidado com suas imagens. O que fica evidente nesses casos é o claro objetivo, parelho às políticas assistenciais da cidade, de retirar as pessoas das ruas<sup>51</sup>.

Se de um lado há um poder público insensível aos movimentos, de outro, o que se percebe são políticas de saúde e assistência que atuam numa perspectiva que, certamente, nunca se concretizará, dado que parte dos pressupostos do cuidado de si são restritos aos corpos quando, na verdade, o cuidar de si é uma prática muito mais integrada aos lugares que se frequenta, os coletivos que se formam e as práticas coletivas e itinerantes de cuidado e vigilância em grupos do que à medicalização, higiene pessoal ou redução de danos.

---

<sup>51</sup> No ano de 2014, foram divulgadas em redes sociais, na página oficial da Secretaria Municipal de Assistência Social, várias fotos do trabalho da abordagem de rua noturna, expondo rostos de pessoas em situações constrangedoras, como dormindo, sendo acordadas ou ainda tendo suas digitais recolhidas. Falaremos mais sobre isso no Capítulo 03.

Em suma, o que emerge é a necessidade de chamar a atenção para se pensar os cuidados coletivos, itinerantes, que surgem e circulam pela cidade como importantes possibilidades e alternativas para se desenvolver as ações de cuidado por parte das políticas públicas de saúde enquanto ações que, por sua incongruência com as ações da rua, não dão conta de acessar lugares que só as práticas da rua conseguem tocar.

## 2.2 O CENTRO POP: AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA E O PODER PÚBLICO.

A pesquisa de campo – enquanto deslocamento programado entre (in)determinados lugares da cidade – teve início em janeiro de 2014. Nesse período, em busca de mais informações sobre a propaganda que passava na RBS TV, sempre em horários de maior audiência (no intervalo dos jornais do meio dia, da noite e da novela das 21h), sobre o programa “Crack, é possível vencer”, cheguei à Secretaria Municipal de Assistência Social. O itinerário de pesquisa começou por este órgão dado que, depois de pesquisar, via internet, tomei conhecimento de que seria através dessa Secretaria que as ações do referido programa seriam implementadas na cidade<sup>52</sup>.

Essa investida foi feita também depois de decidir, em conjunto com o Professor Orientador, Rafael Devos, que o melhor caminho para iniciar o campo seria ir às ruas, inicialmente, com o serviço de abordagem de rua promovido pela prefeitura de Florianópolis. Essa ideia foi reforçada também pelos professores Alberto Groisman e Sônia Maluf, membros da banca de qualificação do projeto.

Diante disso, fui até a referida Secretaria. Desci do ônibus onde esperava encontrá-la e descubro, informada por um segurança patrimonial, que a sede da secretaria em questão não estava mais naquele local, e que havia também mudado de nome. Encontra-se no nº. 183 da Avenida Mauro Ramos, um prédio

---

<sup>52</sup> Cf. Florianópolis. Secretaria Municipal de Assistência Social. Crack, é possível vencer. Florianópolis: SMAS, 2014. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/semas/index.php?cms=crack++e+possivel+vencer&menu=0>>. Acessado em: 18 out. 2014; 23 fev. 2016.

comercial, de fachada simples, localizado a aproximadamente um quilômetro do antigo endereço.

Numa quarta-feira quente de janeiro, fim de tarde com tempestade de verão se formando no céu, o asfalto fervendo e o trânsito, aliviado naquela região pelo período de férias escolares, fazia da Mauro Ramos uma paisagem atípica. Adentrei o prédio da referida Secretaria, cansada e com muito calor e, depois de recomposta, expliquei à recepcionista o motivo de minha visita - saber das ações do programa “Crack, é possível vencer” desenvolvidas pela prefeitura. Em resposta, recebo um olhar de dúvida.

A moça recorreu então ao rapaz que se espreguiçava numa das cadeiras ao seu lado. Ele prontamente disse: “tem que chamar a Lúcia<sup>53</sup>”. Aguardei e, em pouco tempo, surgiu de dentro da repartição uma jovem senhora, em seu vestido de verão, que educadamente veio até mim e me cumprimentou. Nos apresentamos e disse-lhe o que procurava. Sua resposta foi, para mim, uma das frases mais emblemáticas que ouvi em campo, e é a que abre este capítulo: “Não querida! Aqui é benefício, drogado é lá no POP”.

Questionei o significado da frase e ela me respondeu: “É que aqui é só benefício – bolsa família, fralda, remédio, essas coisas. O que tu queres *tem que ver* lá no POP”.

A frase acima, sintomática de uma visão estigmatizada – e estigmatizadora, dita por pessoas ligadas à implementação de políticas públicas voltadas para pessoas em situação de rua e/ou usuárias de drogas, incomoda. O termo “drogado”, que assim como “entorpecente” e “tóxico” são comumente associados, por quem ouve e lê, a condições degradantes de vida, ou a sujeitos perigosos à sociedade, retira desses sujeitos qualquer possibilidade de afirmação e defesa de suas condições, vontades e probabilidades de vida e, sobretudo, de dignidade, condição tão cara a todos nós.

A frase em questão, ao excluir do “setor de benefícios” os usuários de drogas, coloca-os no lugar que há tempos, e sempre, nas sociedades capitalistas ocidentais, é seu, especialmente no que diz respeito às políticas públicas. Em suma, não há benefício

---

<sup>53</sup> Nome fictício.

para esses sujeitos. Há as ruas, “lugar de drogado”<sup>54</sup>, que fragmenta, social e economicamente, os espaços da cidade<sup>55</sup>. Disso deduz-se, sem dificuldades, que a Secretaria se divide em, pelo menos, dois setores: o de benefícios e o de “drogados”, sendo o último representado pelo Centro POP.

Após me passar essa importante informação, encaminhou-me para a moça da recepção, que prontamente anotava os números do “Centro POP” num pedaço de papel. Fui orientada pela mesma senhora a ligar para aqueles números e agendar um horário com a coordenação antes de ir até lá.

Seguindo o que me fora recomendado, liguei para o Centro POP algumas vezes, sem nunca conseguir falar com ninguém da coordenação. Também dispunha de um endereço de e-mail, que no momento não me foi útil. Cansada de percorrer o Centro POP via cabeamento telefônico, em ligações que sempre se encerravam com alguma negativa, resolvi ir ao Centro POP e conversar pessoalmente com quem pudesse me receber.

### *2.2.1 Centro POP - Institucional*

O Centro POP – Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – é uma unidade de Proteção Social Especial de Média Complexidade, previsto no Decreto nº 7.053/2009 e na Tipificação Nacional de Serviços

---

<sup>54</sup> Desde João do Rio até Jean Genet, são muitos os relatos encontrados na literatura sobre experiências nas cidades, relatos de regiões conhecidas por serem ocupadas por “usuários de drogas”, designação popular a pessoas, geralmente expostas a condições degradantes de vida, às quais são diretamente associados o consumo de drogas como o crack.

<sup>55</sup> Aqui cito os estudos de Philippe Bourgois sobre a pobreza urbana, fenômeno que nos EUA é responsável por aquilo que o autor define por “inner-city apartheid”. Os guetos, que surgem em metrópoles como São Francisco e Nova York, são formados geralmente por negros e latinos, sendo que muitos desses imigrantes são ilegais. Marcados pela extrema pobreza e falta de acesso a direitos básicos, os guetos são lugar propício para um contexto onde pobreza, tráfico e uso de drogas, especialmente heroína e crack, em condições de absoluta precariedade, levam os EUA a ter, por exemplo, a população negra encarcerada superior à população negra nas universidades. Para mais, ver Bourgois (2003) e Fernandes e Bourgois (2009).

Socioassistenciais, sendo público e estatal. Viabilizado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), através do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), é específico para o atendimento à população em situação de rua (o que o diferencia, por exemplo, do CREAS<sup>56</sup>).

Tem como objetivo

[...] o convívio grupal, social e para o desenvolvimento de relações de solidariedade, afetividade e respeito. Na atenção ofertada no Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua<sup>57</sup> deve-se proporcionar vivências para o alcance da autonomia, estimulando, além disso, a organização, a mobilização e a participação social.

---

<sup>56</sup> “[...] que oferta serviços especializados e continuados a famílias e indivíduos em situação de ameaça ou violação de direitos (violência física, psicológica, sexual, tráfico de pessoas, cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto, etc.)”. Cf. BRASIL. Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CRAS. Observatório: crack, é possível vencer. Brasília: CREAS, 204. Disponível em: <[http://www.brasil.gov.br/observatoriocrack/cuidado\\_/centro-referencia-especializado-assistencia-social.html](http://www.brasil.gov.br/observatoriocrack/cuidado_/centro-referencia-especializado-assistencia-social.html)>. Acessado em: 20 mai. 2015.

<sup>57</sup> “O Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua, ofertado nos Centros de Referência Especializado para População em Situação de Rua, dedicam atenção especial a pessoas que utilizam as ruas como espaço de moradia e/ou sobrevivência. Tem como finalidade assegurar o atendimento e atividades direcionadas para o desenvolvimento de relações sociais e habilidades pessoais, com o intuito de fortalecer vínculos interpessoais ou familiares que oportunizem a construção de novos projetos de vida. Deve ofertar atendimento voltado à análise das fragilidades dos usuários, acompanhamento individual e grupal e encaminhamentos à rede socioassistencial e das demais políticas públicas, tendo em vista a inclusão em uma rede de proteção social. Além disso, a atenção ofertada deve contribuir para ações de reinserção familiar ou comunitária e construção de novos projetos de vida de pessoas em situação de rua, pautada na postura de respeito às escolhas individuais de cada sujeito”. Extraído de: <<http://goo.gl/17d1hE>>. Acessado em: 20 abr. 2015.

Administrativamente, tem por proposta uma gestão democrática, prevendo reuniões de organização e administração com a participação dos usuários do serviço, com vistas ao exercício do protagonismo e da participação social.

É obrigação do Centro oferecer o Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua. Conforme avaliação e planejamento do órgão gestor local, a unidade poderá ofertar também o Serviço Especializado em Abordagem Social<sup>58</sup>.

As parcerias para o desenvolvimento dessas ações, segundo informação obtida no campo, na esfera local (municipal/estadual), são com as secretarias de Saúde, Assistência Social e a Polícia Militar (BRASIL, 2009).

### 2.2.2 *Primeira visita*

A primeira ida ao Centro POP se deu em fins de abril de 2014, no mesmo dia em que, horas antes, havia ido a um encontro do CAPS-II. Por indicação de pessoas próximas, o CAPS também fez parte do itinerário desta pesquisa.

O contato se deu em um encontro do grupo de apoio da Agrônômica. Experiência muito válida, principalmente quando se pôde conhecer o posicionamento de alguns usuários do serviço sobre o uso de drogas, incluindo aí seus remédios. Frases como “falar (no teatro) sobre o que é aquela calma que deixa os outros (a sociedade) tranquilos e te derruba na cama”, músicas feitas por eles, cuja letra fala do efeito dos remédios (haldol, rivotril, certralina...) em suas vidas, indo da compreensão bio/neurológica ao entendimento político de suas condições de vida. Foram análises apuradas e muito críticas do padrão de saúde mental e modelo de saúde pública do qual são, também, usuários.

Quanto ao uso de crack em particular, as suspeitas foram se confirmando na medida em que conversava com os estagiários de psicologia que também participavam do encontro, juntamente com os usuários do serviço. Segundo os acadêmicos, não havia naquele grupo pessoas com uso de crack em seu histórico. Com isso, e com o que alguns dos próprios me relataram no dia em que nos encontramos, a pesquisa tomou outros caminhos.

---

<sup>58</sup> Informações extraídas de: <<http://goo.gl/xUFzH5>>. Acessado em: 25 abr. 2015.

Horas mais tarde, os caminhos da pesquisa me levaram ao Centro POP. Era quinta-feira, frio e tempo nublado, vento sul acompanhado de uma garoa incessante. Esse era o clima na região do centro de Florianópolis no dia 24 de abril de 2014. Passando por sobre a Avenida Gustavo Richard, pela passarela, tinha-se a impressão de que estava ainda mais frio. Do outro lado da via, sigo em direção à Passarela do Samba “nego quiridu”. Ali fica também o Centro POP. Esse é um aspecto importante, pois a arquitetura define/limita parte das possibilidades que o Centro POP pode oferecer aos seus usuários. O fato de esse prédio ser um “anexo” da passarela, além de impor um limite estrutural, impõe também uma existência concomitante com grandes eventos que, quando realizados, paralisam, total ou parcialmente, as atividades da instituição.

Na chegada, um portão de ferro marca a cisão no muro amarelo de considerável extensão e altura. Em suas paredes, ainda do lado de fora, assinaturas, desenhos e recados românticos. Do lado de dentro, um pátio comprido, em conformidade com o traçado da passarela. Nele, percebi em torno de 20 pessoas que conversavam em diferentes rodas. Alguns fumavam seus cigarros, outros conversavam, dançavam ou tocavam violão, aparentemente alheios a quem chegasse.

Andando em linha reta, chega-se do portão à porta do prédio, totalmente aberta, e o que se tem à frente é um balcão, situado no fim do corredor de uns cinco metros. Esse mesmo corredor de acesso, à esquerda, logo na entrada, abre para uma pequena sala, sem luz nem mobília. Ali, apenas um bebedouro e algumas pessoas dormindo sobre cobertores e pedaços de papelão. Percebi nessa hora meus sentidos sendo explorados ao máximo: o cheiro forte que vinha daquela salinha, junto com o cheiro de cigarro vindo do pátio impregnavam minhas narinas. Os múltiplos odores, somados à variedade de ruídos (violão, gritos, conversas), e a profusão de pessoas em torno do balcão deixaram claro que aquele não era um lugar pacato.

Atravesso o corredor e paro diante do balcão, onde presencio a seguinte cena: uma jovem, do meu lado, respondia em tom bastante alterado a uma funcionária, falando alto e batendo com as mãos sobre o balcão. Falava muito, em tom agressivo, sendo repreendida (em vão) pelas funcionárias do lugar, que pediam o tempo todo para que ela se acalmasse.

Naquele momento, uma senhora se aproximou de mim e perguntou o que eu desejava. Me apresentei e, no que disse que desejava conhecer as atividades do Centro, a moça que estava enfurecida ao meu lado imediatamente diz:

- “A atividade é que eu tô menstruada e não querem deixar eu tomar banho nessa porra, dona!”.

A senhora que me atendia reagiu a essa fala me convidando para o lado de dentro do balcão. Entrei e, enquanto a garota continuava a protestar, a mesma senhora que me atendia tratou de lembrá-la que, por ter infringido as regras da instituição, ela estava proibida de frequentar aquelas dependências, e que não adiantava se queixar. Percebi que, do lado de dentro do balcão, um corredor comprido, mais uma vez em conformidade com o traçado comprido e reto da passarela, seguia tanto para a direita quanto para a esquerda, dando àquela instituição um traçado em “T”. Não à toa, o balcão fica no encontro entre as linhas do “T”, pois dali é possível ver os 3 corredores da instituição e até um pedaço do pátio.

Conversamos brevemente no corredor, em pé. Ela se apresentou, disse que era coordenadora administrativa, e que estava ali, à tarde, para cobrir a coordenadora geral que estava em consulta pré-natal<sup>59</sup>. Me apresentei como estudante e expliquei sobre minha proposta de trabalho. Ela me disse, então, que a maioria dos atendidos são usuários de crack, e que o Centro POP estava começando a organizar oficinas para serem realizadas durante o ano, e que eu poderia até mesmo ajudar em alguma delas. Disse também que, por ela ser a coordenadora administrativa, seria mais adequado eu retornar no dia seguinte, pois era imprescindível falar com a outra coordenadora.

Interessada na cena que acabara de presenciar, pergunto à coordenadora sobre a situação que se desenrolava no balcão. Ela me explicou que se tratava de uma usuária antiga do POP, que por desacatar (ou, como me foi passado depois, agredir fisicamente) um educador, havia sido suspensa por 3 dias. Inconformada com a sanção, alegava estar menstruada para poder tomar banho. A coordenadora, em tom queixoso, começou a

---

<sup>59</sup> A massiva presença feminina na parte de assistência da instituição dá a esta uma “atmosfera feminina”, já percebidos por Willian Foote-Whyte (2005 [1943]), ao desenvolver sua pesquisa de campo que deu origem à obra “Sociedade de Esquina”.

relatar a resistência dos usuários daquele serviço em aceitar as regras e a disciplina. Segundo ela, a casa tem que cobrar disciplina das pessoas que usam o POP, pois, sem isso, segundo ela, a casa “não funciona”.

Assim encerramos nossa conversa. Pediu novamente para que eu voltasse na tarde seguinte e conversasse com a outra coordenadora, pois era certo que me atenderia. Agradei a atenção e me despedi, deixando meu retorno previamente agendado para o dia seguinte, às 15h.

### *2.2.3 O dia seguinte*

No dia seguinte, conforme combinado, retornei ao POP. Cheguei no horário combinado e me apresentei às educadoras que estavam na recepção, sendo em seguida encaminhada à coordenadora, que me aguardava.

Essa conversa inicial foi muito importante, pois, a partir dela, pude, à medida que me inseria na rotina daquela instituição, observar de que forma minhas impressões iniciais – e até teóricas - se confirmavam ou não. Aos poucos, pude compreender como funciona o Centro POP, e as oportunidades que tive de ouvir o discurso institucional merecem ser destacadas, e ainda contrastadas com outros discursos, como o dos usuários do POP.

Além disso, outro aspecto que merece destaque é a ideia geral que diretores e coordenadores de instituições têm de uma pesquisa. Fato sobre o qual já fora alertada antes, tanto por colegas quanto pela literatura etnográfica, a exemplo de Foote Whyte (2005, p. 292-93). O autor, ao descrever sua relação inicial com as assistentes sociais, apontando a dificuldade de explicar seus objetivos no Centro Comunitário de Cornerville, objetivos subjetivos, qualitativos, difíceis de serem colocados de forma clara, precisa. Sua relação com as coordenadoras não se aprofundou muito, mas estas, mesmo diante de suas explicações, por vezes não muito precisas (tais quais as minhas), embora não entendessem exatamente o que ele queria, perceberam que apresentar o pesquisador a interlocutores das ruas seria um caminho.

A coordenadora, assim que nos sentamos, foi muito direta:

- Então Suzana, do que você precisa? Quais dados você quer?

Estava diante de uma situação onde explicar o que desejava, que não era o que ela esperava, seria imprescindível – e deveria ser muito bem feito, no sentido de argumentado, justificado - para que eu pudesse iniciar meu campo por aquela instituição.

Explicar de forma competente que o objetivo da pesquisa não era o de analisar dados já produzidos, mas sim produzir dados, de caráter etnográfico, e para isso querer acompanhar itinerários urbanos de usuários e usuárias do Centro POP, sempre explicando de forma muito honesta o papel dessa instituição e dos atores sociais nesta pesquisa – acima de tudo a busca de um intermediador seguro para mim – foi importante para que a própria coordenadora, surpresa com a proposta que eu levava, me sugerisse o balcão como local para o início das minhas atividades no Centro POP.

Dos cuidados sugeridos por ela, todos versaram sobre a possibilidade de os usuários não gostarem de mim. Segundo ela, alguns poderiam achar que eu fosse da polícia. Outros, ainda, que eu fosse alguma jornalista, a exemplo do que recém acontecera com alguns deles<sup>60</sup>. E me recomendou para nunca negar um cumprimento a eles quando os encontrasse pela rua. Segundo ela, nada os chateia mais do que serem ignorados por conhecidos.

Ainda de acordo com ela, os usuários do Centro POP são, em geral, pessoas de fora, que dificilmente ficam muito tempo na cidade. São os chamados “peregrinos”, pessoas que, vivendo *no mundo* (INGOLD, 2011), viajam pelo Brasil – ou mesmo pela América do Sul –, aportando aqui e ali em busca de algum trabalho rápido que os permita seguir viagem, e vão ao Centro

---

<sup>60</sup> Poucos dias antes, um homem, se dizendo jornalista, foi às ruas do centro, à noite, disfarçado de morador de rua. Portava uma câmera escondida e fez uma série de registros fotográficos de pessoas dormindo, comendo e procurando material reciclado em lixeiras pelas ruas do centro. Os registros, bem como a publicização destes não foi consentida por eles. Por conta desse fato, a desconfiança em relação a estranhos estava ainda maior. Esse exemplo de trabalho antiético foi, à época, publicado pelo colunista social Cacau Menezes, com o deprimente título “caçando zumbis em Floripa”. Para mais, ver <<http://goo.gl/f5NDMj>>. Matéria acessada em: 30 abr. 2014 e 22 fev. 2016.

POP atrás dos serviços por ele oferecidos<sup>61</sup>. Pessoas educadas e receptivas, segundo a coordenadora, muitos deles contam suas histórias de vida já no balcão, no primeiro contato.

A recomendação do balcão, portanto, se deve ao fato de ser nele que as múltiplas trajetórias de vida, que muitos contam em detalhes, se transformam, se adaptam às demandas oferecidas por aquela instituição. Outra possibilidade de aproximação apresentada seria realizar oficinas com eles, sobre qualquer tema de meu interesse. Havia nessa proposição o pedido implícito de uma devolutiva, uma contrapartida à porta que se abria para mim. Mas diante dos problemas estruturais que a instituição apresenta<sup>62</sup>, e de meu desconhecimento acerca da casa, bem como de seus frequentadores, optei pelo balcão.

Por fim, a coordenadora me apresentou os espaços físicos da instituição, como a biblioteca, a cozinha<sup>63</sup> e a copa. Fui

---

<sup>61</sup> São eles: banho, comida (café da manhã, almoço e café da tarde), lavar roupa, acesso à internet, telefone, atendimento psicossocial (para possíveis encaminhamentos, como clínicas de reabilitação) e as oficinas, que passaram a aumentar em variedade à medida que os serviços do PRONATEC começaram a ser divulgados entre eles.

<sup>62</sup> Em dado momento da conversa, pergunto à coordenadora sobre a possibilidade de um dormitório para os usuários do Centro POP, que ela diz não ser possível por problemas estruturais. De fato, as salas são pequenas e quase sempre têm mofo e infiltração – além do que, parte delas, dependendo do evento realizado na passarela do samba, tem que ser esvaziada. Ainda, o sistema de esgoto entope com certa frequência. Em meados de 2014, o Corpo de Bombeiros esteve no local e solicitou uma série de melhorias e mudanças para que o Centro pudesse continuar funcionando. Soube ainda, na mesma conversa, que de acordo com projetos da prefeitura relacionados com o plano diretor, aquela área é para ser parte de um complexo de lazer, já que existe um projeto de remoção da passarela para a via-expressa sul. Soube ainda que ali, do outro lado da passarela, de frente para o mar, há uma piscina semi-olímpica, pronta desde 2010, que nunca foi usada.

<sup>63</sup> Embora o Centro POP tenha uma cozinha com fogão industrial, a comida dos usuários – do pão ao almoço – é terceirizada. O almoço, por exemplo, é sempre distribuído em marmitas, já prontas e feitas para consumo imediato, o que gera frequentes queixas entre os usuários. As reclamações vão da qualidade da comida ao seu custo, despertando sempre muitas dúvidas quanto à transparência no gasto de recursos.

apresentada também a alguns funcionários e um usuário que via a cena do balcão. Fui anunciada a eles como a “pesquisadora da universidade que vai fazer uma pesquisa aqui com a gente a partir da semana que vem”.

#### *2.2.4 Primeiro dia de balcão: primeiras observações, primeiras impressões*

Voltei ao Centro POP na quarta-feira seguinte, conforme agendado. Cheguei ao balcão e fui mais uma vez levada à coordenadora, que me encaminhou ao balcão e me apresentou às educadoras e ao educador que trabalhavam no período da tarde. Cumprimentei a todos e, a convite de um deles, sentei-me em uma das 05 cadeiras colocadas atrás do balcão, lugar de encontro entre as demandas e a instituição, o ponto divisor simbólico entre população e serviço público. A rotina, quebrada pela minha presença, foi retomada logo depois de ter sido apresentada e assumir um posto. Pouco à vontade, puxei um bloco de anotações do bolso e ali fiquei, com caneta em mãos, fazendo as primeiras notas de campo.

A partir daquele momento, procurei me ater às regras e condições de funcionamento daquela instituição. E de imediato percebi que o horário é muito importante. Naquele dia cheguei às 16h, o café da tarde – última refeição oferecida no dia –, começa às 15h. Daí em diante, o movimento só faz diminuir. Estava anotando essa informação quando me deparo com meu primeiro momento de teste.

Uma moça (que depois fui saber se tratar de uma das estagiárias do curso de Serviço Social) veio em minha direção. Parou e começou a fazer brincadeiras, simulando uma possessão espiritual ou coisa que o valha. Colocou sua mão direita sobre o meu ombro esquerdo e começou a falar coisas como: “você, irmã, está agora livre das tentações do diabo...”.

Diante daquela situação, da qual todos riram, não me restou alternativa que não fosse superar o desconforto. Apesar do constrangimento, resolvi entrar na brincadeira e rir também. Afinal, minha condição de novata inevitavelmente me submeteria a diferentes testes. A brincadeira acabou quando alguém no balcão chamou por ela, que se virou e, a princípio, esqueceu-se de mim.

Quem a chamou foi Felipe Schmidt, rapaz conhecido das educadoras por seu perfil galanteador, sempre fazendo piadas e paquerando as funcionárias. Ele fazia diversas brincadeiras com a estagiária, que respondia a ele sempre com ar mais sério. Esse mesmo rapaz foi quem observou a coordenadora me apresentando aos educadores. Com não mais do que 1.70m de altura, é um rapaz de pele negra, sorriso de um branco resplandecente e voz grossa. Deduzi que não devia ter mais do que 25 anos.

Observei os dois, ao lado dos demais educadores, quando a estagiária, encerrando a cena, foi até o fim de um dos corredores e me chamou de lá, parada em frente à porta do depósito. Fui até ela e percebi que todos, mais uma vez, me observavam. Ela abriu a porta e me chamou para dentro. Desconfiei de imediato se não seria mais um teste.

Apesar da desconfiança, entrei. Em seguida, perguntei o que ela queria. Não adentrei mais do que 1/3 do espaço daquela sala, desconfiada de alguma brincadeira. Parei a uns 3 metros dela, que me pediu para olhar para a sala. E o que vi foi uma infinidade de coisas esperando para serem usadas.

Uma pilha enorme de papel higiênico, ocupando em torno de ¼ do espaço da sala, indo do chão até o teto. Armários cheios de aparelhos de barbear, muitos desodorantes, sabonetes em barra, escovas de dente, talco para os pés, creme dental, copos plásticos, papel toalha, creme hidratante. Sacos e mais sacos de roupas íntimas e de inverno, cobertores, chinelos. Surpresa diante da quantidade de coisas, perguntei por que estavam ali e não em poder dos usuários.

A estagiária começou a relatar alguns problemas, como o caso de alguns ex-funcionários da casa que comiam a comida destinada aos usuários do Centro POP, e que por conta disso, por vezes, acabava faltando comida para os usuários. Disse que era para eu ver aquele lugar para perceber como os usuários não ganhavam nada. Visivelmente insatisfeita com a forma como essa questão estava sendo conduzida, me chamou para, também, apontar sua percepção quanto aos entraves burocráticos e funcionais das políticas públicas, especialmente as de assistência social.

Perguntei por que as coisas que estavam ali não eram distribuídas para quem, afinal, era destinatário de todo aquele material. Ela disse, em tom irônico, que “é pra não acabar”. Saio da sala, sem saber ao certo o que dizer. Ela sai em seguida, com

um desodorante na mão, passa chave e cadeado na porta, explicando que antes eram distribuídos kits higiênicos aos atendidos, o que não acontecia mais. Hoje, no Centro POP, o desodorante, roll-on, é de uso coletivo (mediante solicitação a um/a educador/a). Depois de usá-lo, o usuário deve tampar o frasco e devolvê-lo à gaveta do balcão, para que outra pessoa possa usá-lo. Ter 20 aparelhos de barbear ou, ainda, 10 desodorantes, 30 sabonetes não supre, nem de longe, a demanda do Centro POP. A política da casa, então, é dividir entre todos, para que não falte para ninguém. Dessa forma, esses itens (quando os há) ficam sempre no balcão. Falaremos mais sobre esse aspecto da política pública no capítulo 02.

Essa dimensão da pesquisa é sempre muito delicada. A chegada de alguém a determinado espaço em contexto de pesquisa - portanto, alguém geralmente de fora e sempre com algum interesse - passa pela aceitação do/a pesquisador/a na instituição, aceitação essa imbricada em expectativas e vontades. Nesse sentido, por reciprocidade e expectativa, a devolutiva é iminente.

Desde a “oferta” de realização de alguma oficina com os usuários dos serviços do Centro POP até a reclamação da estagiária, a chegada é sempre um momento complexo. A troca é mais importante do que as coisas trocadas, já disse Lévi-Strauss (apud BRUMANA 1983), e assim tentei buscar algo para oferecer em troca. Coisa que só alcancei no âmbito interpessoal, conseguindo donativos para alguns usuários, o que por si já era parte de outra negociação, visto que não institucional.

Andamos em direção ao balcão enquanto Felipe Schmidt veio em nossa direção, saindo do refeitório, e nos abordou com suas guias da umbanda na mão. Uma azul e outra branca. Ofereceu-as à estagiária, que se negou inclusive a tocar nelas. Observei a cena calada e o rapaz, que aparentemente me ignorava, insistiu em oferecer suas guias para ela, que começou a explicar que é católica e, por isso, não acredita e nem aceita as guias.

Comecei assim a conhecer, aos poucos, as pessoas que usam e constituem aquele lugar. Outra pessoa me chamou bastante a atenção. Trata-se de uma jovem, de pele morena, cabelos curtos, roupas simples e surradas. Com seu olhar vago, Madre Benvenuta, segundo me relatam, foi abandonada pela família por apresentar problemas mentais. Ela me cumprimentou,

lançando um “oi moça bonita!”, que devolvi com um sorriso. Ela costuma ficar pelo pátio do Centro POP, ou então pelo balcão. Infelizmente, alguns usuários sempre faziam chacota com ela.

Um deles é Tenente Silveira, de 18 anos, e que, de acordo com os educadores, veio de fora, motivado por questões familiares. É um rapaz alto, com tatuagens e piercings. Bem vestido, tem um estilo que o diferencia dos demais usuários daquele espaço. Muito simpático, conversou com os educadores e comigo, falando sobre seu pouco tempo de rua (2 meses) e da saudade de seus irmãos.

A conversa fluiu até que, em dado momento, Tenente Silveira, dirigindo-se a seu colega Felipe Schmidt, o convidou para “subir”. Felipe Schmidt, que é bem parecido com ele esteticamente, embora de estatura menor, fez sinal afirmativo com a cabeça. Entendendo que a forma de se referir aos espaços da cidade (subir, descer) pode dizer também sobre as práticas (as práticas associadas às “cidades baixas” das cidades brasileiras – Salvador, por Michel Agier em seus estudos sobre o fazer da cidade e sua rotina, que por vezes estabelece divisas mais sociais do que geográficas – 2011 - e Porto Alegre são um bom reflexo disso), questionei os educadores sobre o que seria “subir”. Relataram que é subir o morro, onde muitos deles passam a noite. Nessas horas fica evidente o porquê de tanta desconfiança quanto às pessoas de fora, principalmente a polícia, pois parte de seus itinerários e de suas práticas são conversadas naquele lugar.

Uma confusão próxima ao banheiro masculino rouba a cena. Tenente Silveira e seu amigo saem correndo de dentro do banheiro, aos pulos e gritos. Segundo eles, dois homens estavam “se pegando” (beijando) no banheiro. Fizeram todo tipo de piada e comentário possível, chamando os rapazes de muitos nomes vulgares. Essa cena foi um indício do que algumas etnografias<sup>64</sup> trazem sobre a questão de gênero entre as pessoas em situação de rua: os preconceitos de gênero, conforme presenciei depois, são permanentemente reafirmados.

Esse foi um dos últimos episódios do meu primeiro dia no balcão. A partir das 17h, o movimento no Centro POP diminuiu sistematicamente, até ficarmos somente as educadoras e eu no

---

<sup>64</sup> Remeto mais uma vez à obra de Philippe Bourgois (2003), que traz diversos relatos dessas tensões entre héteros e não héteros entre os grupos das ruas estudados por ele.

balcão. Nesse meu primeiro dia, pude observar como a falta de toalhas limpas para os usuários se secarem, por exemplo, os deixa insatisfeitos. Principalmente os homens, maioria entre os entendidos pela instituição. Por isso também o movimento fora menor, pois naquele dia só tomou banho quem tinha a própria toalha.

Com a diminuição do movimento, as educadoras começaram a me fazer diversas perguntas sobre quem eu era e o que pretendia pesquisar. Minhas explicações versaram sobre antropologia, crack e, enquanto explicava o que pretendia ali, falei das ações previstas pelo “Crack, é possível vencer”, que a princípio apenas a coordenadora conhecia. As educadoras, recém-empossadas, tendo pouco mais de um mês de trabalho, não sabiam do que se tratava, assim como também não sabiam que o Centro POP era uma iniciativa do Governo Federal. Éramos todos novatos (e, portanto, todos estávamos sujeitos a testes).

Por fim, perguntei sobre os frequentadores do Centro POP, e me disseram que era sabido que muitos não usavam aquele espaço por ameaça da parte de frequentadores. De fato, a existência de grupos rivais nas ruas é uma realidade, e se confirma a partir do próprio *bonde*, grupo central desta etnografia. Também, para se valer dos serviços da instituição é necessário apresentar documento de identificação, coisa que nem todos têm. Perder os documentos nas ruas é algo bem comum. Eventuais complicações com a polícia muitas vezes os impedem de providenciar a segunda via. E assim, o Centro POP deixa de ser uma possibilidade também por esses motivos.

As relações tecidas por esses sujeitos na/com/pela cidade são entendidas aqui sob o pressuposto, por eles afirmado, de que existem grupos, aliás, um *bonde*, grupo que se configura tendo no crack seu traço diacrítico. Ao vetarem o crack em seu meio, estabelecem relações de outra ordem com os que usam a droga, e nesse sentido o conflito, como relatado, é muitas vezes a forma de reafirmar esse diferencial. Parafraseando Gilberto Velho (2004), ao apresentar a obra de Foote Whyte, as pessoas da classe média costumam enxergar a rua como uma massa de confusão, um caos social. Os da rua, por sua vez, a veem como um sistema social altamente organizado e integrado<sup>65</sup>.

---

<sup>65</sup> Para Whyte (2005, p. 13): “As pessoas da classe média enxergam a área como uma formidável massa de confusão, um caos social. As de

O primeiro dia de balcão foi o bastante para obter boas pistas sobre o que me relatavam. As piadas, sempre com tom homofóbico bastante forte, bem como a forma como encaram, observam e se dirigem às mulheres naquela instituição, sempre em tom de cantada, galanteio – a exemplo do que acontecera com a estagiária que me levou ao depósito – demonstram como aquele espaço exigia habilidades, especialmente das educadoras mulheres, para lidar com certas situações.

É importante observar que muitas das pessoas que cito aqui já não estão mais na cidade. Algumas se mudaram da capital, seja por segurança pessoal (pois como aprendi, uma vez que você briga com as pessoas erradas, não existe outra possibilidade) ou por desejo de seguir seus projetos e vontades. Outras simplesmente foram viajar, tentar a vida em outras cidades, reaproximando-se da família. Ou, ainda, simplesmente abandonaram o Centro POP, ou foram para a reabilitação. Fora as tantas outras possibilidades que conferem às ruas a fluidez e dinamicidade há tanto relatada nos romances, etnografias e biografias de quem já fez e faz delas um modo de vida.

Nos meses que se seguiram estabeleceu-se uma rotina de campo com ao menos duas inserções semanais, periódicas. Cabe salientar que a pesquisa teve de ser interrompida algumas vezes, tanto por motivos pessoais quanto profissionais. Também, nem tudo o que foi visto está escrito. Nem todas as ideias, fatos e *insights* foram para o papel e a rotina muitas vezes atropelou a escrita. Todavia, o fato de a pesquisadora ser moradora da cidade e ter outras relações estabelecidas com o centro da cidade levaram a situações onde se tornava cada vez mais difícil distinguir uma ida ao centro de uma ida a campo.

As atenções iniciais foram investidas na familiarização com as rotinas do Centro POP, que oferecia seus serviços, à época, das 08h às 17h<sup>66</sup> (embora aberto até as 19h, os serviços para a população se encerravam às 17h), e era procurado por muita gente. Essa alta demanda faz do Centro POP um lugar bastante movimentado, onde muita coisa acontece em pouco

---

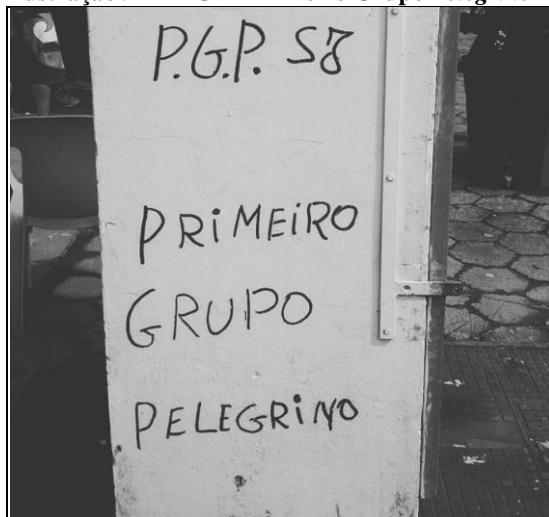
dentro veem em Cornerville um sistema social altamente organizado e integrado”.

<sup>66</sup> De fins de 2014 até meados de 2015, o centro POP não atendeu no período da tarde. A justificativa foi a falta de policiais para dar conta da segurança da casa e de seus funcionários.

tempo, num ritmo muito rápido. Acompanhar isso é um desafio, já que são em média cem pessoas atendidas por dia para não mais do que quatro educadoras.

Essas observações permitiram ver como o trabalho é incessante e exaustivo, o que deixa as educadoras bastante cansadas, e por vezes sem conseguir dar conta das demandas dos usuários e da própria instituição, que recebe desde moradores de rua (com endereço fixo ou não<sup>67</sup>), trecheiros - ou *pelegrinos*<sup>68</sup> -, imigrantes, ex detentos, pessoas abandonadas pela família, que fogem de casa, mulheres grávidas. Gente de toda sorte, que se afirma, seja como indivíduo ou grupo, também nas paredes da instituição.

**Ilustração 9 - “PGP - Primeiro Grupo *Pelegrino*”\***



\* Inscrição feita em um dos muros do Centro POP. SJ é provavelmente uma referência ao município de São José. Fonte: Imagem cedida por uma das estagiárias em Serviço Social da casa. 22 out. 2015.

<sup>67</sup> A exemplo do seu Prainha, que mora em uma barraca fixada no mesmo lugar há tanto tempo que todos, inclusive a equipe do Samu que vi ser chamada para atendê-lo certa vez, sabem seu “endereço”.

<sup>68</sup> Termo nativo para se referir a pessoas que estão em viagem, em trânsito. Não há critério de tempo mínimo, já que alguns deles, que estão na ilha há algum tempo – alguns há anos –, ainda assim se veem como trecheiros.

Um critério importante para poder usufruir dos serviços oferecidos pela instituição é ter mais de 18 anos, o que se comprova mediante documentação. É fato que a documentação é um complicador para muitos, pois na rua se está à mercê de muitas coisas, e perder os documentos é uma delas. Mochila roubada, perdida, extraviada, esquecida são algumas das possibilidades. E refazer esses documentos nem sempre é algo fácil, principalmente quando se deve algo à polícia. Como alternativa, alguns pediam para os colegas cadastrados levarem principalmente marmitas para eles. Essa situação era frequente e negociada com as educadoras, que só podiam permitir isso caso sobrasse alguma marmita. Ou seja, quando todos os cadastrados àquela refeição já tivessem retirado as suas, as sobras poderiam ser distribuídas a quem não tem acesso formal a elas.

### *2.2.5 Os espaços do Centro POP*

O POP é local de confluência de diversos perfis de pessoas, e um aspecto muito notável é como construíam territorialidades que sobrepunham até mesmo a autoridade institucional. A sala interna do Centro POP, descrita no início deste capítulo como um espaço pequeno e escuro, onde alguns dormem praticamente o dia todo, era o território de um dos grupos com quem menos se conseguia conversar, acessar. As próprias educadoras não conseguiam falar com eles, que não gostavam nem de ser acordados para comer.

Para esse grupo, o Centro POP era o lugar de descanso, de sono. Boa parte deles dormia até aproximadamente 15h, quando era servido o café. A partir dessa hora, começavam a acordar e se organizar para voltar às ruas da cidade. Mal falavam com as educadoras ou com os demais usuários. Vistos como um desafio para a administração do lugar, usavam o Centro para aquilo que em teoria não é permitido<sup>69</sup> e, na prática, é muito difícil de impedir, a exemplo do relato que segue:

---

<sup>69</sup> No inverno de 2013, quando uma forte onda de frio passou pela cidade, o Centro POP ofereceu abrigo noturno. Esse serviço, realizado em caráter de mutirão, durou poucas noites.

Após o café, lá por volta das 17h, a cozinheira chamou as educadoras ao refeitório para resolver uma questão. Tratava-se de uma moça, muito magra, com não mais que 1.60, barriga saliente, evidenciando uma gravidez avançada. O ponto é que essa moça, de cabelos desgrenhados, pés descalços e sujos, vestindo roupas esfarrapadas e também sujas, estava dormindo no refeitório, deitada em um dos bancos. Segundo a funcionária “não acorda(va) nem por deus”. Duas educadoras foram até ela e voltaram, minutos depois, abismadas com a profundidade de seu sono.

Até que, aproximadamente uma hora depois, ela se levantou e saiu em silêncio, por suas próprias pernas, sem nem olhar para trás. Foi embora. As mãos e lábios machucados, além do corpo esquelético, contraste direto com a protuberância da barriga, evidenciavam o corpo abatido pelo uso constante de crack. Essa mulher é mais uma das que considero totalmente inacessíveis, dado que ninguém ali a conhecia – nem educadoras e mal os usuários. Não a vi mais por ali. Aliás, todo dia aparece alguém novo. Essa mulher é vista pelos demais usuários do POP como “noia” (Diário de campo, 07 de maio de 2014).

O pátio externo, que durante algum tempo contou com uma área coberta chamada pelos usuários de “suíte”<sup>70</sup>, é também um espaço territorializado, nos termos de Antônio Arantes (2000). Ali ficavam as pessoas que compunham o grupo de amigos de Mauro Ramos e Conselheiro Mafra – o bonde. Na

---

<sup>70</sup> A suíte correspondia a uma parte do pátio, à direita de quem entrava no Centro POP, coberta com telha brasilit. Esse espaço, ocupado geralmente pelo bonde, foi destruído depois de uma vistoria do Corpo de Bombeiros, sob a alegação de que a estrutura não oferecia segurança, por estar com as vigas e colunas de madeira comprometidas.

suíte, o bonde esticava suas barracas, suas roupas, calçados, também dormia e criava. A dimensão criativa do improviso é percebida em diversas etnografias, como Gerber (2013), ao comentar sobre objetos criados pelas pescadoras com as quais trabalhou, como as bandeiras elaboradas a partir de restos de guarda-chuvas:

Ao perguntar-lhes como e com que material faziam (as bandeiras que sinalizam as redes de pesca no mar), uma resposta em comum: inventamos. Na ocasião de minha pesquisa, observei e eles me contaram que estavam usando muito restos de guarda-chuva. Ao indagar-lhes como chegaram aos guarda-chuvas, me esclareceram: Testamos e vimos que dura muito, não resseca tanto no sol e mantém a cor por mais tempo. Na verdade, percebi que tudo se aproveita em uma permanente bricolagem: restos de panos, de saias, de camisetas de clube de futebol e de tecido de guarda-chuva ou sombrinhas (GERBER, 2013, p. 237).

Suas criações podiam ser desenhos e frases, traçados tanto em papel ou papelão quanto nas paredes. Criavam caixas de som, amplificadores. O improviso dá o tom dos objetos que circulam entre eles, que são de uma criatividade sem fim, e os materiais envolvidos nos objetos criados variavam em tipo e procedência. A música é uma constante. Seja de seus celulares, rádios à pilha, reproduzida nos amplificadores feitos por eles. Rap, reggae, funk carioca, proibidão e sertanejo compõem o repertório.

### *2.2.6 Os serviços da casa*

O Centro POP foi incorporado à vida de muita gente, inclusive à desta pesquisadora e das pessoas das quais me aproximei durante o campo. Muita gente tem no POP uma relação de intimidade, quase apego. Essa proximidade se manifestava na forma como ocupavam dados espaços físicos da instituição e como tratavam os funcionários. Embora pensado

para ser um espaço de passagem, tornou-se parte da rotina de muitos frequentadores, que a partir dali vislumbram possibilidades<sup>71</sup>, socializam, conhecem gente nova e estabelecem relações que vão além do profissionalismo impessoal, imprescindível e nunca abandonado, mas por vezes quebrado, ainda que momentaneamente, em prol de relações que superam o formalismo institucional que o balcão representa.

A rotina, da casa e dos usuários dela, começa de manhã cedo. Boa parte das pessoas que usam o centro POP criam um movimento perceptível a quem chega à ilha pelas pontes entre 07 e 08h. Sabe-se que são usuários do POP pois, embora dispersos, todos seguem a mesma direção e têm consigo os objetos que os identificam como parte daquele grupo: barracas, sacos de dormir, sacolas, caixas, mascotes...<sup>72</sup>.

#### 2.2.6.1 As refeições

Os horários das refeições são sempre os mais movimentados. Primeiro, porque comer é uma prioridade a quase todos. Comida é algo muito sério para eles, e para conseguirem participar das refeições precisam colocar seus nomes em uma lista, a partir da qual são chamados. Essa lista existe por conta do tamanho do refeitório e o estoque de canecas, insuficiente para o contingente diário do lugar, razão pela qual a entrada de pessoas é controlada. Desse modo, o primeiro da lista come primeiro e o último pode ser que não coma, dado que as marmitas ou pães, no caso do café, podem não ser suficientes.

Essa lista gera toda uma movimentação, porque é a própria pessoa que deve dar seu nome. Assim, formam-se duas filas por refeição: a primeira, um pouco mais demorada, para colocar o nome, pois a pessoa responsável por organizar o fluxo no refeitório registra os nomes à mão. A segunda fila, para comer, deve ser feita para a distribuição de um cartão, ficha ou

---

<sup>71</sup> Desde a possibilidade de internação em clínicas de reabilitação até poderem viajar com passagem conseguida pela prefeitura, possibilidade essa que fez alguns deles elaborarem planos para seus futuros e compartilhá-los entre amigos e comigo.

<sup>72</sup> O uso de barracas é notável no centro da cidade, especialmente no inverno. No verão, devido ao calor e outros motivos –, migração para alguma praia da ilha ou, ainda, a probabilidade de uma casa para ficar –, não se costuma ver barracas pelo centro da cidade.

equivalente, a fim de manter o controle sobre o estoque de comida e fluxo de pessoas.

Aliás, foram muitas as vezes em que percebi os usuários lançando mão de táticas para manterem fichas consigo, a fim de poder repetir a refeição, por exemplo. Diante disso, a resposta da instituição foi enumerar as fichas. A contra-resposta foi o sumiço massivo das mesmas. Foram diversas as substituições, mudanças e adaptações pelas quais essas fichas passaram. Ao todo, uns 04 modelos foram testados no período de campo.

Muitas vezes essas táticas não davam certo pelo simples fato de que eram mais um teste à instituição, às educadoras - que também eram novas na casa - do que uma séria empreitada para repetir o prato. Isso porque, as educadoras conheciam todos ali, e por isso muitos eram flagrados em plena ação (mas outros, conforme foi possível observar, nunca foram pegos).

Na época, eram servidos em média 120 almoços e 80 pães por refeição. Quando estes acabavam, eram substituídos por bolachas e frutas. As refeições se davam de forma rápida, já que para um comer o outro precisava sair. Ao que observei, não se permanecia mais do que 05 minutos no refeitório. Os próprios usuários do Centro POP se controlavam quanto a isso.

#### 2.2.6.2 O banho

Em geral, um serviço bastante requisitado. Para tomar banho também era necessário colocar o nome em uma lista e esperar sua vez, caso o banheiro estivesse ocupado. Quando da sua vez, os usuários eram chamados e ganhavam dois copinhos plásticos, desses de 50ml que usamos para cafezinhos: um com um pingado de sabonete líquido e outro com um pingado de shampoo 2 em 1. A toalha tinha numeração, a ser apresentada para a educadora anotar na ficha de controle. Assim, se acaso a toalha sumisse, seria responsabilidade do usuário, pois era seu dever, ao fim do uso, devolvê-la nos latões plásticos que ficavam na porta dos banheiros. Ouvi vários relatos das educadoras sobre como essas toalhas sumiam com frequência, mesmo com a tentativa da instituição de controlar seu uso.

O serviço de banho era interrompido com alguma frequência. Fosse porque as toalhas não secavam a tempo<sup>73</sup>, ou por conta de chuveiro queimado, fossa estourada ou falta de água. Alguns usuários tinham seus próprios pertences e tomavam banho mesmo sem a instituição ter toalhas limpas ou, ainda, sem água quente, isso mesmo no inverno. Assim como sabonete e shampoo, o papel higiênico também era controlado. Quem quisesse usar o sanitário, tinha que pedir um pedaço de papel higiênico, distribuído em pequenas porções pela pessoa responsável presente no balcão no momento.

Da mesma forma o exemplo, já descrito, do desodorante. Alguns já não pediam mais para usar, outros ainda faziam uso do perfume e creme hidratante, espalhando pelo corpo todo. Para poder pegar o talco, ou o creme dental, era preciso pedir a alguém. Do mesmo modo devia-se agir para usar o computador ou ligar para a família.

#### 2.2.6.3 Assistência social

Outro serviço oferecido no Centro POP é o acompanhamento assistencial. Ou seja, ao chegar na instituição, o usuário é encaminhado para o serviço de assistência social e psicológica. Acompanhado e orientado por uma assistente social e/ou psicóloga, o usuário passa por triagem e cadastramento<sup>74</sup>, a fim de, caso queira, ser encaminhado para clínicas de reabilitação, cidade natal ou, ainda, buscar empregos, cursos e oficinas de seu interesse. De toda forma, esse cadastro é obrigatório.

Esse serviço era bem procurado, e como não era oferecido todos os dias da semana, os dias em que havia atendimento conferiam ao corredor algum tumulto: as cadeiras e bancos no corredor em frente ao balcão ficavam ocupados a tarde toda. Durante o campo, o público que mais procurou esse serviço foi o masculino, que naqueles dias tomava os corredores com sua

---

<sup>73</sup> São os educadores que têm a responsabilidade de lavar essas toalhas, com sabão em pó e água sanitária, e colocá-las na secadora.

<sup>74</sup> Esse cadastro é o chamado de CADÚnico. Trata-se de um cadastro nacional, parte do SUAS – Sistema Único de Assistência Social, para controle e análise do grau de vulnerabilidade da pessoa ou família em questão.

presença, conferindo um falatório de tom grave e volume alto, por vezes, alto demais. Todos os que se cadastram no Centro POP são obrigados a passar por esse serviço, embora nem todos gostem dele.

Ainda que uns não gostem, outros são muito gratos às possibilidades que esse serviço lhes deu. Cruz e Souza traz a gratidão em seu discurso. Um jovem senhor, com seus quarenta e poucos anos, muito falante, sempre bem perfumado e vestido, fazia questão de se diferenciar dos demais usuários daquele espaço, colocando-se de todas as formas possíveis em contraste com os outros. Fosse pelas roupas, pela fala eloquente, pelo perfume, pelos acessórios, pelos serviços que prestava ao Centro POP – varrer, organizar, limpar –, ele sempre se destacava.

Quando me procurou para conversar, relatou uma trajetória de vida intensa. Filho de militar, conta que seguiu carreira no exército até que, por conta do crack, tentou assassinar um sujeito no quartel, segundo ele por tê-lo assediado sexualmente. Expulso da corporação, dizia viver de rendimentos e fazer cursos para se especializar em cozinha industrial. Seu objetivo era conseguir emprego em hotel ou restaurante.

Quando contou sua história de vida, colocou o Centro POP como o lugar que o ajudou a se refazer na vida. Tem muito apreço pela instituição e pelas pessoas que trabalham lá. Cruz e Souza não se identifica com o bonde, nem mesmo anda na rua em companhia deles. Apesar disso, foi um dos maiores incentivadores da minha pesquisa, me apresentando para diversas pessoas e sempre querendo saber mais sobre o meu trabalho.

Outro exercício que comecei a praticar no balcão foi o de observar a transformação de algumas pessoas quando usufruíam de algum serviço oferecido pela casa. Seus semblantes mudavam consideravelmente, de forma que não foi difícil perceber que as pessoas discutiam mais antes e durante as refeições, mas raramente depois. Também, que saíam dos banhos mais vívidas, ativas, como que recarregadas para mais uma jornada. Isso para não falar da emoção que tomava conta delas e delas quando conversavam com algum parente, fosse por telefone ou internet. A exemplo dessa transformação, trago a seguinte passagem:

Já no fim do dia, notei a presença de um homem, sentado do lado do balcão. Segundo a educadora, ele seria atendido

pelas assistentes sociais. O que estranhei foi o modo como estava vestido. Ele estava com um boné, com a aba para frente, inclinada para baixo, de modo a cobrir seu rosto, e com o capuz do blusão de moletom cobrindo sua cabeça onde o boné lhe faltava. Isso dava a ele uma aparência bem estranha. Ficou um bom tempo ali parado, praticamente imóvel. Quando perguntei dele para a educadora, ela o chamou, pois a ela também causou estranheza o seu jeito.

Ele, se mexendo muito pouco, a respondeu, e eles trocaram algumas palavras. Percebi então algo muito curioso acontecendo... esse senhor começou, à medida em que lhe era dada atenção, a se destapar, colocando o capuz para trás e levantando a aba do boné. Agora seu rosto era visível. Logo em seguida foi chamado pela assistente, e saiu da sala sem capuz, com o boné na mão, sorridente e conversando. Não sei exatamente qual encaminhamento recebeu, mas saiu dali nos dando boa noite e agradecendo a atenção (Diário de campo, 07 de maio de 2014).

O Centro POP também oferece outros serviços, como as já citadas oficinas e cursos, e o pequeno acervo da biblioteca. Soube que no ano de 2013 uma fotógrafa realizou, com parte dos usuários do Centro POP, uma oficina de fotografia, cujo resultado está afixado nas paredes da biblioteca. Um trabalho muito bonito e sensível, bastante comentado, ganhou inclusive as paredes da Câmara de Vereadores<sup>75</sup>, conforme Ilustração 10.

---

<sup>75</sup> Esse trabalho foi reconhecido e exposto na Câmara de Vereadores de Florianópolis, conforme a matéria do site da prefeitura, acessado em 30 de abril de 2014. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/mobile/index.php?pagina=notpagina&noti=10387>>.

**Ilustração 10 - Fotografias feitas na oficina promovida pelo Centro POP e expostas na Câmara de Vereadores em 2013**



Fonte: Florianópolis (2013)<sup>76</sup>.

Quanto à biblioteca, a vi sendo frequentada poucas vezes, geralmente por Conselheiro Mafra. A exemplo de um dia em que

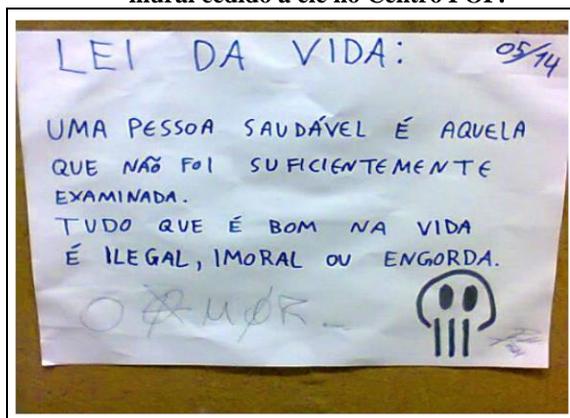
---

<sup>76</sup> FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Moradores de rua expõem trabalhos fotográficos. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/mobile/index.php?pagina=notpagina&n>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

nos encontramos lá e ele comentou comigo sobre como gosta de ler e escrever.

Apesar de ter parado de estudar cedo, sempre gostou muito de ler e escrever. Dos escritos seus que tive a oportunidade de ver, me surpreendeu a ortografia e gramática, impecáveis. Seu interesse pela escrita levou a instituição a abrir um mural para que ele pudesse colocar seus recados e poesias. O mural durou pouco tempo, mas guardei o seguinte registro (Ilustração 11):

**Ilustração 11 - Recado feito e afixado por Conselheiro Mafra no mural cedido a ele no Centro POP.**



Fonte: A autora (2014).

No segundo semestre de 2014, as possibilidades de oficina cresceram e passaram a ser oferecidos também cursos de capacitação profissional, realizados pelo PRONATEC via SENAC, a todos que usavam os serviços do Centro POP. Pude reconhecer, pelas camisetas, que alguns estavam fazendo os cursos, como eletrotécnica e auxiliar de cozinha.

Outro dos serviços que passaram a ser oferecidos, especialmente nos meses de frio - quando o volume de pertences sempre aumenta -, foi o de guarda-volumes. Bolsas, sacos, sacolas, caixas, malas, pacotes, sacolões, trouxas e todo tipo imaginável de volume era depositado naquela sala, que passou a ser muito requisitada e, por isso mesmo, gerou alguns problemas quanto a controle e acesso, com reclamações de pertences mexidos. Foram necessárias algumas conversas institucionais

para que se organizasse esse aspecto do funcionamento do Centro POP.

A segurança da instituição é um aspecto delicado. Não à toa, o Centro POP por vezes atende em horário reduzido, pois nem sempre se pode contar com segurança profissional. Para fazer a segurança no lugar, o encarregado era um senhor, Policial Militar. Há, ainda, a segurança patrimonial, feita por um vigilante terceirizado. E também a GMF (Guarda Municipal de Florianópolis), que por vezes fica estacionada na área externa, no pátio, especialmente quando há alguma briga na casa.

Os problemas decorrentes da presença dessas instituições de controle e vigilância, de caráter militar e privado, sem se articularem para uma ação conjunta, permanente e integrada, são muitos. A PMSC (Polícia Militar de Santa Catarina), bem como a GMF e a segurança terceirizada, são presenças importantes no POP, mas alguns fatores deixam esse aspecto sensível da instituição – a segurança pessoal dos funcionários – em uma condição bastante delicada.

De um lado, a segurança patrimonial, serviço terceirizado, é feita em esquema de rodízio. É postura de empresas terceirizadoras desse tipo de serviço fazer rodízio dos funcionários que atuam em determinado lugar – seja na limpeza ou na vigilância, já que durante o campo mudaram também a cozinheira e faxineira, ambas terceirizadas.

Essa dinâmica, evidentemente, cria uma diferenciação entre os que ocupam o cargo, tendo sempre o antecessor como parâmetro. A rotatividade impede também que laços de qualquer ordem sejam estabelecidos. O que, no Centro POP, gera problemas quanto à confiança. Um lugar onde se fala muitas vezes sobre atividades dos usuários fora dos muros – ou dentro deles –, ter na vigilância uma figura sempre nova, desconhecida<sup>77</sup>, não inspira confiança, e é capaz de gerar atritos que, dependendo dos ânimos, sempre podem se tornar algo bem maior.

O PM alocado no Centro POP, senhor conhecido e respeitado por usuários e funcionários da casa, era reconhecido e

---

<sup>77</sup> Durante o período de campo conheci três vigilantes. Um deles, muito simpático, era bem querido por todos, a princípio. Mas tempos depois, foi substituído por outro que não despertou muita simpatia nos funcionários da casa.

elogiado pelo seu serviço. Uma das educadoras certa vez comentou comigo que ele tinha uma “abordagem diferenciada”, tinha “tato” com as pessoas, buscava sempre conversar, recorrendo apenas em último caso à sua autoridade. Segundo ela, ele mediou diversos conflitos, entre usuários e também entre estes e funcionários.

O problema, como anteviram as educadoras, é que ele estava prestes a se aposentar. Essa possibilidade deixava as educadoras angustiadas, pois a PM, em geral, não é instituição dada a muitos diálogos com sujeitos que têm uma existência pautada em aspectos incompatíveis com a moral dos quartéis, por exemplo.

Ainda, a GMF, instituição que começou com o objetivo de auxiliar no trânsito da cidade de Florianópolis, hoje conta com porte de armas e, aos olhos dos usuários do Centro POP, é igual (ou pior, no sentido da truculência) à própria PM. Existem registros de conflitos entre usuários do Centro POP e a GMF, numa relação marcada por tensão permanente.

De modo geral, o que relatei até aqui tem base, em grande parte, nos diários de campo e dados conseguidos “do lado de dentro do balcão”, no espaço que ocupei no início da pesquisa. Lembro que meu ponto de partida para as ruas foi o Centro POP, através do balcão. A partir dele é que pude conhecer os integrantes do bonde e todas as pessoas da rua que dão forma a esta pesquisa.

Sair do balcão permitiu conhecer as pessoas que aqui descrevo e, ainda, as ruas da cidade a partir do “descobrir caminho”, que foi a experiência de transitar com elas pela cidade. Quanto ao nome dos interlocutores desta pesquisa, os identifico por codinomes relativos àquilo que serve de caminho deste estudo: as ruas do centro da cidade. Assim, são encontrados nesta dissertação Mauro Ramos, Conselheiro Mafra e Anita Garibaldi, entre outros.



### 3 OS CAMINHOS DO CAMPO: DO CENTRO POP ÀS RUAS

A trajetória desta pesquisa tem no Centro POP um dos seus pontos mais importantes. Afinal, como já afirmado, foi a partir dessa instituição que a rua, da forma proposta aqui, se tornou lugar possível. Descrever o processo que levou esta pesquisa às ruas, a partir do referido Centro, como consequência das relações estabelecidas lá dentro, é um dos eixos deste capítulo.

A rede de interlocutores estabelecida começou com o trabalho feito com e a partir do Centro POP, através da equipe de educadores e demais profissionais da casa. Aceitar a presença de uma pessoa de fora, nem conhecida e nem funcionária da casa, em suas rotinas foi imprescindível, e por meio dessa aceitação tive acesso a informações, histórias, dados e pude, por vezes com a ajuda deles e delas, chegar aos sujeitos que deram a esta pesquisa os contornos que ela apresenta.

Assim, de abril a setembro, o lado de dentro e o lado de fora do balcão foram partes importantes do itinerário desta pesquisa. O lado de dentro, onde muitas coisas sobre o funcionalismo público, políticas públicas e assistência social foram esclarecidas, tornou-se também o lugar a partir do qual a rede de interlocutores deste estudo se estabeleceu. Por meio dos aprendizados de dentro do balcão, foi possível compreender mais detalhadamente as rotinas desse tipo de instituição, bem como os resultados do uso por parte dos sujeitos que a frequentam, e das políticas públicas em torno das quais toda a estrutura aqui evocada é pensada.

Através do acompanhamento da rotina da casa, tive contato com os sujeitos que buscavam seus serviços e, assim, pude começar a construir essa rede com os/as que demonstravam algum interesse naquela moça que não era nem educadora, nem funcionária da instituição. A “pesquisadora da universidade” chegou, se instalou do lado de dentro do balcão e, a partir disso, buscou apreender o possível de todo o universo de situações que ocorrem naquele espaço e tempo tão agitado, dinâmico e

exaustivo<sup>78</sup>. Um exemplo desse frenesi é a própria forma como as chegadas ao Centro POP foram registradas em diário.

Cena recorrente nos diários, traz um pouco do dinamismo daquele espaço, mostrando que sempre tinha algo de novo, que se destacasse. O Centro POP de um dia nunca era o mesmo do dia anterior ou do dia seguinte. As novidades, constantes, muitas vezes se dissipavam antes mesmo de serem assimiladas<sup>79</sup>. Esse é mais um aspecto que reforça o quanto praticamente tudo, se tratando das ruas, é efêmero, seja no aspecto social - os coletivos itinerantes, com suas fronteiras fluídas, sempre em transformação - ou ainda, material<sup>80</sup>. Retomando a passagem referente à primeira ida ao Centro POP, ressalto detalhes que, à medida que o campo seguia, foram sendo assimilados, e outros que passaram a ser percebidos em relação às dinâmicas da instituição.

Nas paredes, ainda do lado de fora, vê-se um muro marcado por vários escritos, que vão de declarações a xingamentos. Do lado de dentro, um pátio, que concentrava algumas pessoas (em torno de 20), que conversavam em rodinhas, algumas fumavam cigarros, outras tocavam violão e cantavam. Passo por elas e entro pelo

---

<sup>78</sup> Essa exaustão de quem atua em políticas públicas aparece também em outros trabalhos. Gabriela Sánchez López (2016) se refere às “relações devoradoras” para descrever o processo que leva os agentes públicos muitas vezes à exaustão. Como descreve, “Uma equipe para ser devorada, consumida pelo outro através de demandas em um tom de revolta e o cansaço ao final do dia. ‘Este trabalho te suga’ era a expressão que ouvia com frequência nas conversações das equipes” (p. 211).

<sup>79</sup> A exemplo das constantes mudanças em termos de horário de funcionamento, quadro de pessoal, disposição dos móveis e disponibilidade de serviços.

<sup>80</sup> A circulação e a perda de objetos de toda ordem chamam bastante a atenção, principalmente quando objetos passam a ser disputados (algumas brigas de grandes proporções começaram pelo desaparecimento de peças de roupa, como bermudas e calças, por exemplo). A troca de objetos é bastante comum, bem como o uso coletivo de louças e outros pertences, especialmente quando estão na rua, pois aí preparam comidas e bebidas que são consumidos coletivamente.

corredor, que já à esquerda de quem entra abre para uma pequena sala, sem luz nem mobília, apenas com um bebedouro.

Algumas pessoas dormiam, sobre cobertores e papelões, ali. Enquanto minha amiga ficou me aguardando, atravessei o corredor, que termina num balcão. Parei nele e percebi uma certa confusão ali. Uma jovem, que estava do meu lado no balcão, agindo com bastante irritação, falava alto e batia no balcão, gritando diversos palavrões e mobilizando vários funcionários da casa que pediam para ela se conter (Diário de campo, 24/04/2014).

Em 10 dias, o mesmo movimento de entrada já era percebido de outra forma:

Cheguei ao POP aproximadamente 14:30, passei pelo portão, o pátio, a porta e notei o movimento de sempre. Alguns grupos na rua, uns tantos (4, 5) dormindo na salinha de entrada, uns 3 sentados nas cadeiras do lado do balcão. Do lado de dentro do balcão estavam os 04 educadores e **um novo guarda, que está cobrindo as férias do que conheci semana passada** (Diário de campo, 07 de maio de 2014, grifo nosso).

Algum tempo depois, o Centro POP foi inspecionado pelo Corpo de Bombeiros, e passou por mudanças nítidas, ainda que algumas delas não tenham durado muito.

O que vi chamou muito a atenção. Imediatamente o pátio estava mais claro, e a área coberta à direita de quem entra, que o pessoal chamava de “suíte”, não estava mais ali. Sigo adiante e percebo que o balcão de sempre simplesmente não estava mais lá. Cheguei até onde ele deveria estar e encontro o caminho livre, à exceção do

segurança patrimonial do POP<sup>81</sup>, sentado, sozinho, numa cadeira (Diário de campo, 08 de julho de 2014).

Um mês depois, mais mudanças:

Chego ao POP na hora do café, 15h, e percebo mudanças sutis: as barracas do bonde, que eles sempre deixavam armadas no pátio, não estão ali. Entro no prédio e percebo que a saleta onde antes estava o balcão virou sala de tv. Percebi ali uma tv ligada na Globo, reprisando novela, coisa de meia dúzia de cadeiras plásticas e, por conta do frio, alguns cobertores. Ao todo, 4 pessoas ocupavam a sala. Sigo em frente e constato o balcão no mesmo lugar de antes da inspeção do corpo de bombeiros. Paro diante dele, em meio a umas 10 pessoas, a maioria homens, a maioria negros, que aguardavam a sua vez de serem chamados para o café que recém iniciara (Diário de campo, 12 de agosto de 2014).

Um outro fator que contribui para essa instabilidade é referente ao espaço físico do Centro POP, que vale relembrar, fecha suas portas quando tem eventos grandes (como carnaval) na Passarela do Samba, ou quando a fossa estoura/entope, ou quando alaga por conta do excesso de chuva. Ainda, podem não abrir as portas por conta dos incidentes dentro do espaço, como discussões e brigas entre usuários<sup>82</sup>, outro aspecto que atribui àquele lugar uma configuração especial. Como ouvia de uma das educadoras, “a gente ganha pouco, mas a emoção tá garantida”.

---

<sup>81</sup> Funcionário terceirizado do quadro da empresa Triângulo.

<sup>82</sup> Como já dito, o Centro POP passou boa parte de 2015 abrindo ao público somente até as 13h. O motivo alegado foi a falta de segurança para os funcionários, fator apontado depois de uma grave briga que aconteceu no espaço interno da casa.

### 3.1 DO LADO DE DENTRO DO BALCÃO

Iniciar as observações do lado de dentro do balcão me permitiu perceber aspectos cotidianos da rotina institucional. Por mais que ela tenha alguns horários a serem cumpridos, isso não configura um sentido exato de rotina, enquanto um mesmo modo de se fazer as coisas periodicamente. Percebia que as coisas aconteciam, sim, mas nem todo dia<sup>83</sup>, e quando aconteciam, dificilmente ocorriam do mesmo jeito. Mudava a ficha, a ordem, a orientação, o encaminhamento.

Ainda, como novata na instituição, percebi testes tanto do lado institucional quanto por parte dos usuários do Centro POP. Da parte institucional, já em meu primeiro dia na casa, fui colocada à prova por uma das estagiárias. Situando o leitor, me refiro à cena, do capítulo 01, em que uma estagiária brincou comigo e, em seguida, me mostrou o depósito do Centro POP.

Da parte dos usuários, especialmente dos que ficavam boa parte do dia no balcão (e não no pátio ou dormindo, como alguns dos que frequentavam a instituição), fui ignorada por algum tempo, e só passei a ser citada através de provocações em tom de brincadeira. Uma das vezes em que puxei o bloco de notas, dias depois de começar as observações, esse mesmo rapaz olhou para mim e perguntou se eu não queria aproveitar para anotar o telefone dele. Respondi fechando o bloco e puxando assunto com ele, e com alguma dificuldade consegui uma conversa razoável. A partir desse dia, não fui mais ignorada, tampouco voltei a usar o bloco de notas.

Perceber a burocracia sempre se reinventando, por um lado, e os sujeitos, por outro, criando alternativas por meio dela foi uma das possibilidades dessa experiência do balcão. A partir de Certeau (2000), significa pensar as estratégias de controle e o estabelecimento de uma dada ordem sendo desafiadas por “movimentos contraditórios” que burlam o sistema. Essas alterações, novidades, mudanças, somadas ao frenesi constante, deixavam até mesmo as educadoras confusas, condição percebida e bem apropriada. Os eventuais lapsos das educadoras eram

---

<sup>83</sup> A exemplo dos dias sem sabonete, sem toalha limpa, sem telefone e sem internet já citados.

também motivo de risadas entre os usuários que presenciavam quando estas chegavam aos seus limites<sup>84</sup>.

Acompanhar as situações que aconteciam na instituição a partir do balcão me permitiu, na medida em que me familiarizava com os fatos, compreender melhor as críticas internas a muitos dos procedimentos da casa, bem como observar as táticas – as respostas criativas e complexas dos usuários às orientações e principalmente proibições da casa. Essas táticas, sempre executadas no sentido de se manter em suas posições de dignidade, implicavam em arrancar do Estado aquilo que, embora em abundância na sala ao lado, lhes era negado. Com isso, asseguravam também sua dignidade. Se não dignos perante o serviço público, que os entende e encaminha como demanda a ser encaixada e suprida, com ares de caridade (e não de direito, como de fato o é) muitas vezes, com certeza dignos diante de seus colegas de Centro POP e das ruas.

O convívio praticamente diário permite extravasar alguns enquadres, criar contextos outros que geralmente levam a um estreitamento de relações. Por consequência, a ideia que se tem sobre a pessoa que está do outro lado do balcão, de ambos os lados, pode se tornar bastante estreita. Quando sujeitos tomam forma humana, de gente mesmo, indo além do formalismo pré-estabelecido e sendo gradualmente percebidos como existências, trajetórias, enquanto sujeitos com dignidade e personalidade, merecedores de respeito por consideração, e não mais por pressuposto formal, as relações humanas tomam formas muito mais amplas e complexas.

Parte disso se percebe na própria forma como se tratam e se referem uns aos outros, funcionários e usuários. Referências a apelidos e/ou nomes surgidos em contextos de brincadeira são constantes. A exemplo do dia em que Conselheiro Maфра ficou conosco, do lado de dentro do balcão, até as 19h – ou seja, além do horário permitido aos usuários, 17h – vendo álbuns de família de uma das educadoras e participando da conversa, que versou principalmente sobre assuntos pessoais. Isso foi possível por que o Centro POP já estava fechado, e se o enquadre da política

---

<sup>84</sup> A exemplo das vezes em que as educadoras se cansavam das piadas feitas pelos usuários, ou ainda quando estes escondiam seus pertences ou objetos ligados ao trabalho, como chaves e fichas, o que as deixava, dependendo do dia, do movimento, bastante cansadas.

pública não permite privilégios como sentar do lado de dentro do balcão – ou, ainda, conversar sobre a vida pessoal dos funcionários, não impede as afinidades e aproximações.

Neste sentido, cabe também uma reflexão acerca do termo “usuário”. A primeira vez que vi esse termo ser problematizado no campo foi quando presenciei uma conversa entre uma assistente social e uma educadora. Em dado momento da conversa, a assistente se referiu ao rapaz que ela estava encaminhando para a educadora como “usuário”. Ele de imediato negou, com veemência, que ele fosse usuário, enfatizando o termo “usuário”. Aos que acompanhavam a cena, ficou claro que o que houve foi uma quebra na compreensão do sentido dado ao termo, o que nos diz também sobre os diferentes enquadres que sujeitos podem dar a uma situação. O garoto entendeu que a Assistente o estava encaminhando enquanto usuário “de crack”. O crack foi o “sobrenome” implícito que gerou o mal-entendido.

A assistente se dirigiu ao rapaz e explicou-lhe que o que estava dizendo é que ele era um usuário do Centro POP, e não de crack. Como percebeu López (2016), a questão em torno do termo usuário é o seu “sobrenome”. O sujeito pode ser usuário de muitas coisas, inclusive ao se pensar no próprio termo em sua concepção, que tem a ver com uso, usufruto de algo. Nesse sentido, “[...] pode estar associado, [...], a drogas, álcool ou serviços, mas também à cidade e à política” (LÓPEZ, 2016, p. 35).

Considerando isso, e levando em conta os significados que esse termo pode aludir, pontuo que o sentido adotado aqui é relativo a tudo o que se pode usar, não sem esquecer a continuação de sua análise, que lembra como esses múltiplos “sobrenomes” os fazem transitar por diversas categorias e assim os colocar em diversos lugares de negociação. Continuando, ao retomar Certeau (2000) para me referir à cultura popular como uma “arte de fazer”, isso nos permite pensar que a categoria usuário implica em uma dada forma de agir e, portanto, uma dada “arte de utilizar” a partir da condição que ela presume (CERTEAU, 2000, p. 36).

### 3.2 MAPEANDO MOVIMENTOS

Comecei a caminhar pelo pátio, especialmente na hora do lanche, disposta a conversar e oferecer meu lanche - biscoitos e

sementes - a quem se interessasse. Dessa forma, acompanhava o movimento, o fluxo de pessoas e objetos naquele espaço. Como toda política pública de assistência social, há sempre carência de alguns itens, cuja oferta não supre a demanda. Essa condição mobilizava os usuários do Centro POP, que se atentavam para, sempre que possível, ter em mãos esses itens, especialmente fora do Centro, na rua – quando afinal se fazem mais necessários.

Como as educadoras e os demais funcionários da casa nem sempre conseguiam perceber quando um item recém trazido do depósito sumia, posto que estavam sempre circulando pelos espaços da casa, a circulação desses itens era relativamente grande. Algumas vezes, essas ações eram descobertas. A exemplo, numa das tardes de balcão, acompanhei a demanda por talco para pés/calçados. Na segunda ou terceira vez em que o talco foi requisitado na mesma tarde, a educadora percebeu que havia algo errado, pois sabia que ao menos um tubo havia sido pego no depósito naquela tarde. Saiu em busca do suspeito que, em própria defesa, disse que não devolvera o frasco porque este havia acabado.

As atenções da pesquisa redobram nesse sentido, também, porque passou a interessar o destino, os outros usos desses itens nas ruas. Um exemplo que ilustra essa passagem é o relato que segue, referente a uma das vezes que os acompanhei em suas incursões pela cidade.

Em meio ao papo comecei a sentir vontade de fazer xixi. Perguntei a eles como faziam, e eles me apontaram uma moita - “vê por lá”. Estava indo em direção a ela quando Conselheiro Mafra me entrega um rolo de papel higiênico e diz, sorrindo: “Ó! Patrocínio Centro POP” (Diário de campo, 19 de junho de 2014).

Esse aspecto do serviço público, de uma estrutura que visa suprir demandas dentro de moldes estabelecidos institucionalmente, não alcança a dimensão das relações sociais, da pessoalidade dos sujeitos que fazem uso desta, bem como os aspectos destas que são incorporados às suas rotinas dentro de todo o amplo universo de relações que a rua permite. Um exemplo informal dessa atenção ao que acontece nas ruas surgiu

em conversa com uma colega de pós-graduação<sup>85</sup>, cuja pesquisa se deu com usuárias de crack na região do Pelourinho – Salvador. Enquanto compartilhávamos histórias de campo, dados de pesquisa e afins, descobrimos uma diferença de comportamento interessante entre os sujeitos em situação de rua de lá e de cá.

Em Salvador, as ações de cuidado e higiene pessoal das políticas públicas se mostram, por exemplo, no fato de que lá não é costume beber colocando a boca em contato direto com o bico do frasco ou garrafa, prática que aqui presenciei muitas vezes. Essas diferenças, embora sutis, refletem um pouco daquilo que o Prof. Dr. Alberto Groisman definiu como exemplo de “comportamento domesticado”, aos moldes estatais de políticas públicas, através do que se define por “redução de danos”.

Seguindo a argumentação, a redução de danos, por princípio, é uma política que parte do pressuposto de que reside no uso da(s) droga(s) o(s) “dano(s)” produzido(s), danos para os quais apenas o conhecimento da biomedicina é capaz de apontar formas legítimas de se reduzir. Uma política de cuidados de si de cunho moralista, que se opõe a uma posição de consumo de si, de comportamento pautado na autoridade da experiência diária, por muitas vezes deslegitimadas através desses discursos que se pretendem verdade em um universo onde usuários de drogas são tão frequentemente deslegitimados em seus posicionamentos e vontades<sup>86</sup>.

Não serem “domesticados” às formas de higiene das políticas públicas não tornam menores as preocupações e cuidados com o asseio pessoal, bastante prezado tanto pelo bonde quanto por outros usuários com os quais conversei ao longo da pesquisa. Mesmo vivendo uma vida condicionada a tantas variáveis para se acessar direitos mínimos, como o de tomar um banho, o cuidado de si faz parte das suas rotinas. Perfumes, desodorantes, talcos para os pés, hidratantes e demais itens de

---

<sup>85</sup> A referência é a Gabriela Sánchez López, cuja tese trata de modos de constituição de experiências e processos de subjetivação das usuárias de crack em Salvador.

<sup>86</sup> Argumentação apresentada em 19 de fevereiro de 2016, por ocasião da defesa de tese de doutorado de Gabriela Sánchez López, realizada nas instalações do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

higiene fazem parte das suas rotinas. Das cenas de cuidado de si registradas, destaco o seguinte relato

Cruz e Souza então abriu sua mala, aparentemente nova, bem cuidada e limpa, e o que vi foram roupas e calçados dispostos de forma muito organizada. Bem embalados em sacos plásticos, os calçados ocupavam um canto da mala. As roupas estavam distribuídas em dois montes simétricos no meio, e no outro canto um saco plástico guardava creme hidratante, perfume, talco e shampoo, itens que ele fez questão de me mostrar. E então pegou o hidratante e enquanto conversávamos, ali mesmo no corredor, começou a espalhar aquele creme de perfume suave por seus braços, pescoço e pernas (Diário de campo, 29 de maio de 2014).

Estar do lado de dentro do balcão também tornou possível desconstruir a ideia que o próprio Estado tenta impor, e que a instituição via de regra segue, de que os que procuram o Centro POP, os que se debruçam diante daquele balcão são pessoas sem dignidade e que o Estado, com sua assistência, permite a eles acessar tal condição. O tratamento formal dado a esses sujeitos quando no Centro POP é impessoal, padronizado e burocrático. Porém, ao chegarem ao balcão e exporem suas demandas, se mostram autônomos, independentes inclusive do Centro POP, no sentido de que suas vidas aconteceriam mesmo sem aquele espaço, com suas próprias elaborações sobre suas condições de vida, e com autonomia para tomarem as próprias decisões. O Centro POP não é uma casa<sup>87</sup>, um lar, ele é mais uma das possibilidades da rua.

Por mais que as políticas públicas tendam a eliminar dos sujeitos assistidos sua personalidade e autonomia, ao enquadrar os sujeitos numa massa homogênea enquanto categoria social diante de uma demanda, cada um dos que passaram pelo balcão tem uma trajetória particular, maior do que a política que ali se pratica

---

<sup>87</sup> O termo “casa” é usado no texto como sinônimo de Centro POP apenas por uma questão de escrita, não tendo alusão, aqui, ao espaço doméstico.

e bem diferente do que o Estado muitas vezes espera, pensa. Ou seja, a condição de usuário, seja do Centro POP ou da cidade, é diferente para cada um, mas somos todos usuários da cidade. Como nos traz Certeau (2000), o uso é questão de invenção e reação, de cada um de nós, ao que o contexto urbano nos provoca.

Explorando o balcão enquanto lugar de encontro tantas vezes observado no campo, trago à discussão a ideia de *enquadre* (BATESON, 2000). Enquanto lugar de encontro, o balcão é o lugar onde, por excelência, se instala a política pública. Ali, o contexto institucional se materializa nas listas, fichas, chaves e objetos emprestados aos usuários. Para apresentar o conceito, o autor toma a capacidade de abstração como elemento importante da comunicação humana – é por meio dela que nos tornamos capazes de entender situações em diversas perspectivas – riso, ironia, sarcasmo. A abstração nos leva a, ao menos, duas direções – metacomunicativa e metalinguística.

Assim, define como um sinal da evolução na comunicação humana a capacidade de entendermos o sinal emitido por outro ser humano e por si próprio como mero sinal, passível de análise, que não necessariamente implica uma resposta imediata, ou que se compreenda tendo em vista apenas o gestual ou o verbal. Uma ação pode não significar aquilo que ela aparenta ser. Entendê-la para além do gestual, percebendo os sinais, estímulos, o seu tom, é o que torna possível enquadrá-la como outra coisa que não o que, gestualmente ou verbalmente, é.

São os aspectos metacomunicativos e metalinguísticos envolvidos na transmissão de uma mensagem os elementos capazes de nos fazer entender uma mordida como agressão ou como brincadeira. É o *enquadre* e as informações que ele nos traz sobre a cena que ajudarão a defini-la, delimitá-la numa coisa ou noutra. São essas informações que utilizamos para orientar nossas ações – rir ou puxar uma briga, por exemplo. O ambiente pode, por definição, pressupor um dado enquadre – profissional, institucional –, mas as práticas dos sujeitos vão ditar o tom, transformar, subverter, ainda que momentaneamente, a ordem imposta.

Os diferentes enquadres possíveis na relação entre usuários do Centro POP e funcionários da casa permitem conhecer aspectos dos sujeitos e das relações que lá se estabelecem. As situações vividas naquele espaço variam de acordo com uma

soma de fatores, dentre eles a permissão, o interesse, tendo inescapavelmente o ambiente institucional como um dos formatadores das interações naquele espaço.

Ainda, de acordo com o autor, o enquadre, enquanto algo nem físico e nem lógico, é primeiramente definido numa classe de mensagens cuja premissa é: uma ideia (ou mensagem) em dependência, em relação com outra. Dessa forma, o enquadre do balcão, institucional, é o espaço físico onde o encontro entre sujeitos e políticas públicas é viabilizado por pessoas que, no cotidiano, passam a estabelecer relações de diversas ordens. Estas, por vezes – e por escolha, afinidade, transbordam limites institucionais, mas sempre, naquele espaço, se moldando aos limites dele.

A figura metafórica da moldura é importante para fins de assimilação. Aqui a moldura é o elemento cuja função é delimitar um dado tipo lógico. Ela é “[...] uma instrução para o observador de que ele não deve estender as premissas que vigoram nas figuras de dentro do quadro para o papel de parede atrás dele” (BATESON, 2000, p. 45).

Dessa forma, o espaço físico do balcão foi onde se tornou possível perceber as formas e limites das interações. As “molduras” de informalidade, dissipadas rapidamente, não deixavam as educadoras esquecerem que o ambiente requer dadas posturas. Os usuários, cientes disso, sabiam como, com categoria, subverter as ordens ao sabor de suas vontades, brincadeiras, reclamações, brigas. E aí, sempre, o que era apresentado na brincadeira era reconduzido ao ambiente formal de uma instituição pelas educadoras. As cenas (como as próprias brincadeiras) vividas naquele espaço eram permeadas por aspectos de autoridade e hierarquia. De um lado, a autoridade das ruas, se afirmando naquele lugar que é, também, parte dos circuitos das ruas. De outro, a instituição, o Estado, se afirmando na política pública formal e padronizadora.

Exemplo importante que retomo aqui é a cena que se passou no balcão, do esbravejo da moça enfurecida por uma sanção aplicada a ela por violar regras de convivência da casa<sup>88</sup>.

---

<sup>88</sup> Capítulo 01, p. 67-9.

A cena faz parte de um repertório de situações de brigas<sup>89</sup> e discussões que ocorriam naquele mesmo lugar do Centro POP – o balcão –, onde também vi Conselheiro Mafra mobilizar a mim e às educadoras para ajudá-lo a comprar uma barraca.

Entender a ajuda nesse contexto é importante principalmente por sua frequente associação à vulnerabilidade de quem é ajudado. Existe na cidade um circuito de ajuda (LÓPEZ, 2016) composto por igrejas, pelo Centro Espírita e do qual o Centro POP também faz parte. Esse circuito, formado por profissionais, voluntários e pessoas em condição de ajuda, implica em diferentes negociações geralmente em torno da percepção de quem ajuda acerca de quem é ajudado. Ser ajudado, por vezes, para os sujeitos, pode ser passar por uma condição com a qual, de fato, não se identificam, que não reconhecem como sua, seja por superação ou por negação<sup>90</sup>.

Ora são vistos como “moradores de rua”, tanto pela instituição Centro POP<sup>91</sup> quanto por quem os ajuda na rua. Ainda, “usuário de drogas” é uma condição frequentemente associada a eles por parte do pessoal das igrejas, que sempre traz em seus discursos a perspectiva da pessoa em situação de rua como alguém exposto à degradação física e moral, via de regra associadas às drogas.

---

<sup>89</sup> A exemplo de uma vez que um usuário que passava por detrás do balcão, quando avistou seu inimigo e não contou tempo: “pulou” no pescoço do outro, por cima do balcão, levando os 3 – homens e balcão – ao chão.

<sup>90</sup> A superação aparece nos discursos relativos ao crack, pois aí deixam claro que não se tem mais relação nenhuma com a droga. E a negação, carregada de questionamentos, exemplifico no seguinte desabafo que ouvi em uma das vezes em que estava na Praça XV com o bonde, acompanhando a distribuição de café por parte de uma igreja do norte da ilha. O pastor contava sobre como fora uma pessoa de rua, do quanto sofreu nesse período da vida, e de como foi com a ajuda de Deus que saiu das ruas, se reergueu, fez família e hoje é um “homem de Deus”. No que o pastor termina a frase, Mafra, que estava sentado do meu lado, diz o seguinte: “[...] que mania de achar que na rua só tem gente perdida! Perdido tá quem dá a vida trabalhando pros outros e não é feliz. Eu sou feliz” (Diário de campo, 12 de agosto de 2014).

<sup>91</sup> Cujo nome institucional, lembrando, é “Centro de referência especializado em pessoas em **situação de rua**” (grifo nosso).

A relação de ajuda pode ser também uma relação de poder. Ela implica, por parte dos ajudados, a exposição de suas vulnerabilidades, fraquezas. O que é interessante pensar é que essa exposição de fraqueza pode ser vista como constituinte de uma relação de poder, onde estão em jogo o poder da ajuda e, principalmente, do ajudado em se colocar, habilidosamente, performaticamente, junto com o concreto do mundo, a dor, o machucado, a ferida exposta, sua condição de ser ajudado. A ajuda é, dessa forma, uma negociação de poderes<sup>92</sup>.

Outras diferenças importantes entre o enquadre da assistência e o da ajuda vão no sentido da natureza da relação que se estabelece em ambos os casos. A assistência, ligada às questões de cidadania e acesso a direitos, perpassa relações formais, institucionais, onde o encaminhamento do sujeito enquanto demanda o acomoda em formulários burocráticos, e um dado tipo de relação obrigatória – posto que parte do trâmite institucional – é estabelecida, mesmo que a contragosto de ambos os representantes das partes.

Esse enquadre, via de regra representado aqui pelo Centro POP, é o que os coloca os usuários na condição de assistidos dentro de um limitado número de possibilidades oferecidas institucionalmente. Todavia, isso não impede que funcionárias da casa se organizem para ajudar um usuário individualmente, ou um grupo que venha a ficar sem os serviços do Centro POP por conta de um feriadão.

Evidência de quebras de enquadre é, por exemplo, o fato de que apenas parte do quadro da instituição participa das ajudas promovidas, como contribuições em dinheiro para aquisição de algo ou ainda na promoção do PICNIC sobre o qual falaremos no capítulo 03. O enquadre da assistência social, por partir da perspectiva da cidadania, do acesso a direitos, é o que garante a legitimidade das reclamações e confrontos quando os usuários do POP se veem diante de algo que os impeça de acessar serviço essenciais<sup>93</sup>.

---

<sup>92</sup> Para mais sobre a ajuda enquanto categoria articuladora de relações, identidades e poder, retomo o trabalho de Gabriela López (2016), que a discute a partir de sua pesquisa em circuitos de intervenção, ajuda e cuidados em Salvador.

<sup>93</sup> Podemos retomar aqui a cena da moça que reclamava ao balcão por não poder tomar banho na instituição, conforme descrito no capítulo

Já a ajuda, enquanto negociação, jogo de reciprocidade e dádiva, prescinde diálogo, interação, o estabelecimento de laços e hierarquias. A solidariedade imbricada na ajuda é o estabelecimento de uma relação, um laço social a partir da troca, da dádiva. A análise de Godbout (1998) sobre a dádiva enquanto afirmação de relações sociais e sua diferença frente a outras formas de troca nos lembra que:

Dar com a certeza de que não sairemos perdendo é a base de toda sociedade. Se essa certeza não existe, não há sociedade possível. É a luta contra o determinismo, contra a necessidade. "Você não devia, não precisava...", é o que dizemos a quem nos dá algo, libertando assim o ato da ordem da necessidade. É o oposto do que dizemos a um funcionário: "O senhor é obrigado a fazer isso para mim, é um direito meu". A dádiva se opõe, portanto, aos sistemas mecanicistas e deterministas e se aproxima da vida. A dádiva é o estado de uma pessoa que, resistindo à entropia, transcende a experiência mecânica determinista da perda ligando-se à experiência da vida, ao aparecimento, ao nascimento, à criação (GODBOUT, 1998, p. 49).

Ou seja, o que em uma lógica é perder, na outra é ganhar. Essa lógica é um aspecto importante para diferenciar os quadros analisados. As respostas e negociações também o são. Nas políticas de assistência, o que está em jogo, no fundo, é o pagamento de uma dívida. Na caridade, é dádiva, criação. A lógica da "liquidação imediata e permanente da dívida" (GODBOUT, 1998, p. 41) não perpassa a possibilidade de criação de laços, objetivo da dádiva. A lógica do direito assegurado ao cidadão, portanto da dívida do Estado com a sociedade, permite a quem não é assistido, ou o é de forma

---

01 ou, ainda, as constantes queixas dos usuários diante dos diversos serviços suspensos constantemente, fosse por falta de material ou estrutura.

precária, reconhecer e cobrar, por vezes com fúria, seu direito. Diferente do direito, a dádiva não permite cobranças.

A partir do balcão pude conhecer as regras da casa e como eram aplicadas. A partir dali também foi possível perceber que existem regras “além” das regras da casa. Foi por conta das regras “para além” que, durante o tempo de observação no Centro POP, duas pessoas foram proibidas de voltar àquele espaço. As regras institucionais, que nunca vi afixadas ou escritas, mas que eram, embora por diferentes motivos, prezadas por todos naquele Centro, incluía não brigar ou desacatar funcionários<sup>94</sup>. Não eram muito específicas, mas serviam para que se pudesse manter o mínimo de organização. Em suma, a teoria era que nenhum ataque ou ofensa a quem quer que fosse era tolerado na casa. Os casos de indisciplina, com as regras da casa ou funcionários, eram tratados com advertência, que a cada 03 davam uma suspensão e, se suspenso/a por sucessivas vezes, poderia levar até mesmo à expulsão. Quem tinha o poder de suspender alguém era a coordenação, não as educadoras.

Isso não quer dizer que o bonde estabeleça regras e que a instituição não o faça. Isso é sim um sinal de que o bonde se afirma também no Centro POP. O bonde, assim como percebeu Foote Whyte (2005) quanto aos “rapazes de esquina” – coletivo que se faz nas ruas de Cornerville (Boston, EUA) – não dispõe de um estatuto. As regras do bonde perpassam por outras formas de assimilação. As decisões do bonde, como a de expulsar os rapazes da cidade, são tomadas de forma coletiva, mas não em caráter de assembleia. É por meio de associação formal, em encontros não programados, que se ratifica o que já é, de alguma forma, consenso prévio entre eles.

No período desta pesquisa, a instituição suspendeu poucas pessoas, e tenho registrada a expulsão de um rapaz, que agrediu outro usuário do pop no banheiro. Ouvi mais de uma vez o episódio em que usuários do Centro POP, insatisfeitos com os serviços, pegaram bastões de ferro e madeira e dedilharam entre as grades das janelas da coordenação, a fim de intimidar a

---

<sup>94</sup> Não me refiro aqui ao Artigo 331 do Código Penal, que prevê punição em casos de desacato a funcionário público em razão do exercício de sua função. Trato aqui das regras estabelecidas pelo Centro POP para tratar dos casos de desacato institucionalmente.

administração. Nesse episódio, a instituição conseguiu conduzir a saída no diálogo e nenhum usuário foi expulso.

Não eram raros os conflitos entre usuários, que por vezes tornavam-se brigas de grandes proporções, com desdobramentos significativos. Como território em disputa e lugar de outros tantos embates, evidentemente, ocorriam desde pequenas discussões até brigas generalizadas. Ouvi vários relatos nesse sentido, de brigas surgidas pelos mais variados motivos, e com diversos desfechos. Parte dessas histórias, inclusive, envolviam pessoas do bonde, como veremos adiante.

### 3.3 APROXIMAÇÕES E DIÁLOGOS

As educadoras foram muito importantes nesse processo de aproximação dos sujeitos que usufruem daquele espaço. Com certeza, cada um dos funcionários foi essencial para a pesquisa, mas as educadoras foram imprescindíveis. O cuidado e atenção que deram e a disposição em ajudar, conversando com os usuários ou, ainda, indicando alguém com quem conversar, da forma já descrita por Foote Whyte tempos atrás<sup>95</sup>, contribuiu com muitos dos contornos que esta pesquisa assumiu.

E ao ficar no balcão, lugar de parada delas, e onde sempre tinha alguém chegando, saindo, passando, requisitando alguma coisa ou apenas querendo bater um papo, passei a conhecer muita gente. Aliás, a conversa no balcão era recorrente. Especialmente mais ao final do expediente, quando o movimento diminuía e as educadoras podiam ficar mais tranquilas. Nesse momento do dia, diversos assuntos vinham à tona. Família, vida nas ruas, valores morais, religião, Deus e o que mais surgisse, sempre permeado por indiretas, brincadeiras, piadas e risadas.

Todos os dias eram marcados pelo ritmo dos objetos, pessoas e cheiros específicos que circulavam pelos corredores. Os ritmos do Centro POP eram bem marcados, e a circulação de determinados objetos era sintomática do momento do dia. Às 15h, o aroma de café tomava conta dos corredores. A preocupação era a de garantir que as roupas e calçados estivessem

---

<sup>95</sup> Foote Whyte conheceu seu principal interlocutor, Doc, através da “[...] chefe das moças do centro comunitário de Norton Street”, que o indicou ao líder de um grupo que foi imprescindível à sua pesquisa. Para mais, ver Foote White (2005, Anexo A, p. 293).

pegando sol, bem como que seus pertences ainda estivessem no lugar deixado. Suas criações, como as já citadas caixas de som e outros instrumentos criados a partir de materiais encontrados nas ruas, do mesmo modo que livros - a exemplo de uma Bíblia que ficou no balcão por alguns dias, e era frequentemente folheada por vários deles - fazem parte do rol de itens que circulavam pelo Centro POP nos intervalos entre os serviços oferecidos pela casa.

Próximo às 16h, horário limite para tomar banho, era vez do cheiro de sabonete e shampoo. Movimento no balcão, onde pegavam itens de higiene e toalha, movimento no corredor do banheiro, cesto de roupa que se enchia rapidamente de toalhas. Talco, desodorante e perfume também apareciam nesse horário. Perto das 17h, quando eles se preparavam para ir embora, circulavam mochilas e cobertores, roupas e itens de uso pessoal. Se fosse dia de chuva, sacos, sacolas, bolsas plásticas e tudo o que pudesse impedir a água de molhar seus pertences era requisitado, entre eles e para as educadoras.

Também a vaidade feminina era notável. Pintar o cabelo, fazer as unhas, usar cremes de corpo e cabelo eram práticas de seus rituais de beleza. Uma dessas ocasiões me permitiu oferecer ajuda a uma das usuárias<sup>96</sup>, que estava tentando pintar os cabelos. Consegui um saco de lixo para ela cobrir os ombros e, assim, não manchar a pele. Ajudei-a no procedimento, o que nos permitiu conversar e contar um pouco do que ambas fazíamos ali.

A partir dessas situações é que começou a interação com os usuários do Centro POP que se mostravam receptivos à minha presença. Assim foi que, em uma das tardes do início de junho, estava no pátio conversando com alguns rapazes quando a conversa levou até o grupo que estava na suíte<sup>97</sup>. Foi lá que tive minha primeira conversa com Mauro Ramos, figura de suma importância para este trabalho. Foi nessa primeira conversa, ao me perguntar sobre a pesquisa, que comecei a ouvir sobre o “bonde”. Sua história se soma com as de outros que lá se uniram e formaram o bonde, essa “sociedade de esquina” com valores e códigos que configuram a esse coletivo autoridade e legitimidade

---

<sup>96</sup> Trata-se da sra. Luz. Ela fez parte do bonde por bastante tempo, mas saiu das ruas pouco depois do início do campo desta pesquisa. Voltou para a sua família, deixando para trás seu cachorro, que ficou sendo um dos mascotes do bonde.

<sup>97</sup> Ver nota 70, p. 80.

diante dos grupos das ruas com os quais negocia no transitar pela cidade.

Foi no balcão que conheci Felipe Schmidt e Tenente Silveira que, ao serem expulsos da cidade, despertaram a reflexão sobre como, afinal, aproximar-se desses sujeitos sem ferir sua ética. Ou melhor, assimilando sua ética. Como já dito, circular pelo pátio na hora do lanche foi uma estratégia adotada. Estava mais disposta a ser notada do que a me fazer notar, até que começaram a surgir burburinhos sobre quem eu seria. As pessoas no balcão começaram a ficar mais atentas a mim, e a partir daí perguntas sobre quem era e o que fazia começaram a aparecer. Desse processo de me apresentar para as pessoas, destaco dois episódios capazes de resumir, em aspectos gerais, as situações vividas com alguns usuários e usuárias do Centro POP nesse mesmo sentido.

Primeiro, sobre um dos aspectos mais importantes do campo, esclarecer sobre o que tratava a minha pesquisa, e o que estava tentando entender a partir dela. O desafio era fazer isso de forma clara, rápida e capaz de despertar algum interesse a quem ouvisse. Afinal, seria a partir disso que as pessoas abririam espaço para mim. Foi assim, esperando despertar interesse nos que chegavam àquele balcão que conheci Gustavo Richard. Seu sotaque evidenciava sua origem nordestina, que ele mesmo fazia questão de destacar, quando dizia que não gostava muito do modo como as pessoas aqui no sul estabeleciam relações de trabalho: “Trabalhei no fumo aqui no Estado e quando vi tava pagando pra trabalhar. Aí resolvi sair fora. Peguei a madrugada e vim. Na verdade tô percorrendo o Brasil todo”.

Gustavo Richard folheava um jornal enquanto me perguntava o que eu fazia no Centro POP. Aproveitei uma peça publicitária de um conjunto residencial de alto padrão recém-inaugurado na cidade para explicar a ele o que me interessava. Conversamos sobre como a ideia de cidade vendida naquele anúncio é uma ideia possível apenas a uma parte da população, falamos também sobre como as ruas são vitais às cidades, de como nelas corre, pulsa vida. E de como eles eram parte disso, dessa vida caminhante que era, afinal, o que me interessava. Ele se mostrou surpreso e empolgado com o que eu disse, e se dispôs a divulgar aos conhecidos dele o que ouvira de mim. No mesmo dia dessa conversa, 29 de maio, foi também quando conversei pela primeira vez com Conselheiro Mafra.

### 3.4 UM BONDE AGITA O CENTRO POP

A história da expulsão de duas pessoas me chamou bastante a atenção, e comecei a fazer perguntas a fim de conhecer melhor quais mecanismos e pessoas fazem valer as regras das ruas. Me refiro ao caso de Felipe Schmidt e Tenente Silveira<sup>98</sup>, que “falaram demais” e, por isso, foram expulsos do Centro POP e da cidade. Ambos foram, escoltados pela polícia, encaminhados à rodoviária, de onde partiram para suas cidades-natal<sup>99</sup>. Foi um dos maiores exemplos de como as ruas têm seus jogos de lealdade e reciprocidade afiados, sendo por vezes mais radicais em suas leis do que o próprio Estado.

Ainda no lado de dentro do balcão já ouvia falar de Mauro Ramos como uma liderança das ruas. Embora sem maior noção dos pormenores de seu papel nas ruas, as educadoras já haviam apontado ele como liderança, alguém capaz de condicionar aspectos do cotidiano da casa, como o não uso de crack ou ainda resolver questões como o sumiço de itens pessoais, a exemplo de celulares e afins. Foi questão de dias para conhecê-lo melhor.

Meu primeiro contato com o bonde se deu quando vi afixado num mural próximo ao balcão uma espécie de jornal feito por Conselheiro Mafra, contando das recentes expulsões supracitadas de modo cômico e policiesco, lembrando o linguajar de programas como “Cidade Alerta”<sup>100</sup>. Ainda, exaltava o fato de que existem regras que, quando não cumpridas, implicavam em sanções. Foi naquele papel também que vi o nome do bonde pela primeira vez. Estava parada ao lado de Conselheiro Mafra lendo o material quando me deparei com a expressão “bonde”, e perguntei do que se tratava. Mafra, rindo, desconversou.

Dias depois, tive a chance de ter a primeira conversa pessoal com Mafra. A partir daí comecei a me aproximar dele e do bonde. Foi uma conversa que deixou clara sua personalidade perspicaz e sarcástica. Conversar com ele não é um exercício

---

<sup>98</sup> Ver capítulo 01, p. 74-5.

<sup>99</sup> É um aspecto comum das políticas assistenciais oferecer às pessoas em situação de rua passagens rodoviárias para voltarem às suas cidades. Exemplo dessas práticas são as prefeituras de Curitiba (Cf. <<http://goo.gl/0jCW1q>>) e Florianópolis (Cf. <<http://goo.gl/kLSg8f>>). Acessados em: 18 mai. 2015.

<sup>100</sup> Programa jornalístico policial brasileiro da Rede Record.

simples. Há que se prestar muita atenção, já que suas estratégias de fala muitas vezes contestam de forma sarcástica e irreversível o que se diz. Por exemplo, certa vez conversávamos sobre a inauguração do albergue municipal, que embora com poucas vagas, era uma possibilidade de pernoitar fora das ruas. Quando perguntei para ele dessa possibilidade, sua resposta veio sem pestanejar: “Como que eu vou viver de dia e dormir à noite se a vida é justamente o contrário?”

Um tipo magro, estatura mediana, pele e olhos claros, sorriso largo e fala articulada, Conselheiro Mafra traz em sua história uma combinação de viagens, aventuras, muitas histórias diferentes numa única vida. Já teve três empregos de uma vez, foi garçom em restaurante ao meio dia e pizzaria à noite, e pintor aos finais de semana. Já trabalhou em cozinha de restaurante, chegou à ilha a pé, depois de ter pegado uma carona até Biguaçu, de onde seguiu para a ilha caminhando. De fato, muitas são as histórias de vida que o acompanham. Muito educado, gentil, possuidor de uma percepção apurada das situações, tem uma sagacidade definida também dentro daquilo que Certeau chama de “arte do fraco”. Consegue transitar por diversos meios e grupos, sendo assim uma pessoa bastante querida pelas educadoras e que dificilmente se complica nas ruas.

Através dele fui formalmente apresentada ao bonde. Estávamos no pátio conversando sobre o bonde, ele me descrevendo como funcionava, que era uma galera “do bem”, uma galera que tá na rua e quer “viver numa boa, sem problemas”. Pergunto quem é o bonde, e ele aponta para a suíte, parte do pátio onde estavam Mauro Ramos e mais alguns rapazes, e diz, “É essa galera aí”.

Na referida conversa também soube qual é a principal característica do bonde: nele os laços constituintes têm em uma substância seu divisor de águas. Não é permitido, sob nenhum aspecto, usar, vender ou comprar crack. Nem mesmo *corre*<sup>101</sup> de crack é algo bem visto por eles. Ou seja, “se quiser colar com o

---

<sup>101</sup> Definindo o termo a partir do que foi dito por Conselheiro Mafra, fazer corre significa conseguir dinheiro, seja vendendo, repassando ou comprando coisas. Por exemplo, comprar um walk-talk para quem não pode ir até uma loja pessoalmente lhe garante uma porcentagem em cima, espécie de comissão. Da mesma forma, levar e trazer coisas mediante algum pagamento é também entendido como corre.

bonde”, e fazer parte dos seus itinerários pela cidade – e por consequência usufruir das vantagens de se andar com esse grupo, tendo acesso ao que ele consegue – comida, roupas, a possibilidade de dormir em barracas, bem como o respeito com o qual o bonde é tratado nas ruas – o crack tem que ficar de fora. Mais do que o crack ficar de fora, o noia<sup>102</sup> fica de fora. Tem que ser “gente de bem”, como ouvi tantas vezes depois.

Os discursos referentes ao crack, por parte do bonde, sempre colocam no interdito o uso ou qualquer aproximação da droga. Nesse sentido, a lógica apresentada por Taniele Rui, ao analisar o noia em sua corporalidade, é pertinente. Diz ela, ao pensar na pessoa que essa relação radical com o crack constrói, que

Não há, assim, como separar corpo e substância da construção da pessoa. São atos de consumo, ou melhor, eventos (como quer Vargas, 2006), continuamente repetidos que se materializam e se corporificam. Sem a substância química não se constrói esse tipo de corpo, sem esse corpo não se constrói essa pessoa, sem essa pessoa não se acionam os feixes de relações já observados e sem essas relações não se constrói territorialidades que se tornam igualmente abjetas. Está tudo imbricado (RUI, 2012, p. 246-7).

---

<sup>102</sup> A discussão apresentada por Rui (2012) traz o *noia* como aquele que “[...] por uma série de circunstâncias sociais e individuais, desenvolveram com a substância (crack) uma relação extrema e radical, produto e produtora de uma corporalidade em que ganha destaque a abjeção” (p. XI), termo este entendido pela autora como condição produtora de ambiguidades que, num limite, produz tanto a sujeira quanto o poder. Ainda, partilhando da perspectiva apresentada por Judith Butler, o *nóia* torna-se alguém cuja vida não é vista como legítima. Portanto, uma existência difícil de se materializar. Ainda com a autora, “[...] é o corpo imaginado do *nóia* que radicaliza a alteridade, na medida em que constitui, de diversos modos, um tipo social fundado a partir da exclusão (RUI, 2012, p. 09).

Esta abjeção não é a uma droga, ou a um sujeito. É a uma forma de vida que se constitui, como a própria autora afirma, tendo como aspecto chave uma relação radical com o crack. Essa radicalidade, que implica em uma dada corporalidade, os coloca no lugar abjeto que, “[...] fundado a partir da exclusão, é alvo de permanente desconfiança – impossibilitando, assim, o estabelecimento de relações pautadas na confiança ou lealdade. São várias as histórias, por exemplo, de conflitos entre traficantes e *noias*<sup>103</sup>. Aliás, o *noia* é quase como um tipo solitário, descreditado por praticamente todo o universo da rua. O *noia* em geral, por ser o sujeito do mais baixo nível social, vê assim descartada a possibilidade de ganhar dinheiro através de atividades como os corres, que prescindem confiança por parte de quem os encomenda.

Parte da sobrevivência nas ruas é decorrente de corres. Atividade que demanda responsabilidade e pressupõe confiança, é algo a se fazer de forma ágil, discreta e eficiente. Mas como ouvi, mais de uma vez inclusive, o bonde não faz corre de crack.

A conversa continuou, instigante, e ganhou novos interlocutores. Quando percebi, estava em uma roda com Conselheiro Mafra e Mauro Ramos, entre outros. Notei que estava diante das duas lideranças do bonde quando me dei conta de que eram eles os que mais falavam. Suas afirmações eram consentidas por todos, sem questionamentos. Mafra comentou com Ramos que eu estava interessada no bonde, ele então começou a me explicar, ao lado de seus companheiros, como operava esse coletivo.

### 3.5 UMA “SOCIEDADE DAS ESQUINAS”

Os rapazes da esquina são grupos de homens cujas atividades sociais giram em torno de algumas esquinas em particular e

---

<sup>103</sup> Taniele Rui traz isso da seguinte forma: “Ouvi inúmeras vezes de traficantes que *nóia* atrapalha muito a dinâmica de um ponto de venda: como nunca tem muito dinheiro, insiste em comprar uma pedra de cada vez, o que o faz ir até a biqueira e voltar muitas vezes ao longo de um mesmo dia [...], um vendedor foi alocado para se situar numa posição bastante estratégica e fornecer crack aos usuários que ali estão. Desse modo, ficou acertado que eles não mais adentrariam no bairro para comprar a droga” (RUI, 2012, p. 138-9).

as adjacências, com suas barbearias, lanchonetes, bilhares ou clubes. [...]. Poucos haviam completado o segundo grau, e muitos deixaram a escola antes de terminar a oitava série (WHYTE, 2005, p. 22).

Doc, Danny e Mike ocupavam as posições mais altas. Eram mais velhos que os outros [...]. Seus campos de ação e movimento eram mais amplos. Enquanto os seguidores estavam limitados ao estreito âmbito da esquina, os três do topo tinham amigos em muitos outros grupos e eram bem conhecidos e respeitados por grande parte de Cornerville. Uma de suas funções era acompanhar os seguidores quando tinham que se mudar para fora de sua esfera social e necessitavam desse apoio. Os três na liderança também eram respeitados por sua inteligência e poder de auto-expressão. Doc, em particular, era notado por seu talento para negociar. Nas raras ocasiões em que se envolvia numa discussão, tinha uma capacidade pouco usual de manobrar o oponente sem humilhá-lo. Nunca vi as três lideranças exercendo sua autoridade por meio da força física, mas as histórias de brigas no passado ajudavam a sustentar suas posições (WHYTE, 2005, p. 37).

A fim de traçar alguns contornos mais precisos do que seria esse *bonde*, de forma a dar jus à sua constituição, proponho alguns paralelos com a já referida sociedade de esquina de Foote Whyte, dado que o bonde também se trata de um coletivo que se faz nas ruas. Tal qual os Norton, a galera comandada por Doc, que se faz nas esquinas, o bonde só existe nas ruas, no caminhar por entre as praças, ruas e esquinas do centro. Ser itinerante é seu pressuposto. Quando se reúnem, seja para trocar ideia, compartilhar o que conseguem, conseguir algo que seja de seus interesses ou simplesmente curtir a rua, *brisar*<sup>104</sup>, têm como

---

<sup>104</sup> Termo usado pelo bonde com sentido de contemplação, observação, algo próximo à ideia da *flânerie*.

premissa fazer isso longe de quem quer que esteja usando crack, nem que para isso o conflito seja necessário.

As lideranças de Cornerville podem nos ajudar a melhor entender as lideranças do bonde, e aqui podemos pensar que, considerando que ambas têm a rua como cenário comum, alguns valores e regras são semelhantes, dado que são similares aos coletivos de rua formados por grupos cujo recorte econômico os exclui da cadeia das relações de trabalho – Doc, Mafra, Ramos e os demais interlocutores do bonde não possuem alta escolaridade (alguns nem alfabetizados são).

Estudar o bonde permite corroborar aquilo que Foote Whyte percebe sobre Cornerville. Este, ao estudar os Norton e outros grupos do bairro ítalo-americano de Boston, percebeu o que sintetizou Gilberto Velho, ou seja, “longe de ser ‘socialmente desorganizada’”, Cornerville apresentava um complexo sistema de relações entre grupos e individuais que expressava densos e ricos conjuntos de significados” (WHYTE, 2005, p. 13). Assim também é o bonde, cujas interações com outros grupos e pessoas se dá sob diversas formas, e produz relações das mais variadas ordens, sendo ele mesmo uma pequena amostra do tanto de possibilidades que as ruas oferecem.

Pensando, nos termos de Foote Whyte (2005), na “natureza dos grupos”, o bonde, assim como os Norton, possui grande número de características em comum. Similaridades que vão dos aspectos mais gerais, como a presença massiva de homens, a existência de mais de uma liderança, umas com mais influência do que outras, a oscilação das relações entre seus membros e a variação de configurações. Não possuir estatuto ou regulamento, não tomar decisões (especialmente quanto ao futuro de algum membro) em caráter de assembleia (as decisões eram já previamente tomadas, sendo apenas corroboradas coletivamente) são outros aspectos em comum.

Assim como entre os Norton, nunca vi nenhuma das lideranças do bonde envolvida diretamente em brigas violentas, mas ambos os senhores Conselheiro Mafra e Mauro Ramos são pessoas que, nas ruas, desfrutam de uma condição de estima e liderança, sendo bastante respeitados.

Como me disseram, o bonde é um grupo (ou uma “rapaziada”), composto por pessoas e animais (geralmente cachorros – definidos por eles como mascotes), não fixo, nem permanente, mas com lideranças fixas e com itinerários marcados

pelo centro, cujo convívio é regido por códigos particulares de liderança e confiança. No caso do bonde ainda, não se trata meramente de moradores *de rua*, ou seja, de pessoas em situação de rua, como a política pública define. Trata-se de um grupo *das ruas*.

Essa distinção é significativa para o bonde, que várias vezes me deixou muito claro que ali não tinha “mendigo”, mas sim “*pelegrinos*, trecheiros, malucos, mas não ‘morador de rua’”. Trata-se de um grupo que se forma entre os percursos, os sujeitos, as substâncias, pelas praças e ruas especialmente do centro da cidade, e cuja regra central é a interdição ao *crack*, droga cuja aproximação implica em afastamento ou expulsão do bonde.

O bonde acolhe quem chega às ruas. Ouvi vários relatos acerca do caráter acolhedor do bonde, principalmente da parte de quem havia chegado há pouco nas ruas e fora incluído nele. Cito nesse exemplo Antonieta de Barros, moça que chegou ao POP já em companhia do bonde. Fora de casa por problemas familiares, afirmava que o bonde era como uma “família”, que a acolheu e tratou muito bem. Se dizia muito grata a ele, e o defendia também. Foi a única mulher do bonde que pude conhecer mais, já que a senhora Luz saiu das ruas pouco depois do início deste campo.

Os demais membros do bonde, com muitos dos quais tinha apenas contatos esporádicos, geralmente mediados por Mafra, quando conseguia conversar com alguns, manifestavam bastante gratidão ao bonde, por ser uma possibilidade de acolhida nas ruas a quem ou não usava *crack* ou estava querendo parar de usar. Ou seja, mais do que acolhida, fazer parte do bonde confere um lugar que, do ponto de vista tático, é bastante vantajoso, pois é um lugar de estima entre as hierarquias das ruas. Quem faz parte dele “não passa aperto”, coisa que também ouvi repetidas vezes.

Essa forma de ajuda e proteção mútua, especialmente quando o assunto é o *crack*, é apresentada de forma radical, e se dá em qualquer lugar. Diz Mauro Ramos que “onde a gente tá, não tem *pedra*”, que “a gente expulsa mesmo! Quer fumar *pedra*, vai pra longe”. As elaborações sobre o que levou ao surgimento do bonde - essa rede de lealdades - evocam dor, tristeza e raiva por perdas que, em algum ponto, relacionam com o *crack*. Como ouvi deles, no bonde “só tem gente que perdeu com o *crack*”. Ramos me contou na tarde dessa conversa que o bonde chegou a expulsar um usuário do Centro POP que estava fazendo uso de

crack no banheiro da instituição. “Expulsamos na porrada mesmo. Pedra aqui no POP, depois da nossa chegada, nunca mais”.

Ou seja, há um repertório de práticas, táticas, habilidades que o bonde compartilha e que mostra um complexo mapeamento do centro, reconhecendo e criando práticas em lugares diversos, muitos dos quais pouco acessados pela maioria da população.

Os circuitos dos quais fazem parte se cruzam e se moldam aos circuitos de cuidado e ajuda, às redes de assistência pública e caridade. Por exemplo, era frequente, quando saíamos do Centro POP, às 17h, irmos para a Praça XV. A Praça era lugar onde, às 19h, com o fim do expediente das lanchonetes do entorno, os salgados que sobravam iam parar. Dependendo do dia da semana, às 22h havia distribuição de comida ou na Catedral ou no coreto da Praça XV, ou, ainda, na Praça da Alfândega. Essas dádivas possuem hora marcada, e isso é importante para o bonde se estabelecer. Existem horários, que são determinados pelo ritmo do bairro e pelo ritmo de vida dos voluntários<sup>105</sup>.

Ao mesmo tempo em que Mafra e Ramos eram as lideranças do bonde, não eram figuras que demonstravam muita proximidade. Ambos tinham suas características de notoriedade, e exerciam poder de formas distintas. Ramos é um senhor alto, magro, bastante risonho e sarcástico. Me apelidou de “pequena”, e sempre que conseguia, fazia alguma brincadeira com as educadoras, como desamarrar seus sapatos ou cabelos.

Foi na mesma tarde em que conheci o bonde que soube que o que levou os senhores Ramos e Mafra a formar o bonde com a premissa de interdição ao crack e o que se associa a ele – o *noia*, em sua personalidade e corporalidade – foram aspectos de suas trajetórias particulares. Ramos relatou perdas pessoais associadas, em sua narrativa, à droga. Contou de seu passado, de quando vendia a droga. Disse que na época perdeu muitos “irmãozinhos” – colegas e amigos das ruas – para o crack. De tanto ver gente morrer, cansou. Isso, diz, é “mais do que motivo pra ficar longe da pedra”. Mafra me relatou, em outro momento, ter sido usuário da droga por um dado período da vida, e também

---

<sup>105</sup> Os circuitos de voluntários que pude conhecer são formados por pessoas ligadas a igrejas e que, em conversa informal, soube que eram em sua maioria universitários e trabalhadores do setor de serviços.

traz em suas narrativas a perda de pessoas amadas como relacionadas ao crack. Ambos associam o fundo do poço de suas vidas ao crack.

O perfil etário do bonde varia entre 20 e 40 anos. Não há idosos ou crianças, e são poucas as mulheres presentes nele. Destaco Antonieta de Barros, que passou pelo bonde um tempo e impôs sua presença de forma questionadora. Seu estilo masculinizado dava forma a uma mulher com muitas histórias de aventuras e namoradas. Se definia no feminino e se afirmava mulher, e fazia questão de fazer as mesmas coisas que os homens do bonde - inclusive ficar com mulheres na frente de todos, o que por vezes levantava grande burburinho entre os rapazes.

Há ainda uma dimensão de cidadania global muito rica. O acesso à internet é possibilitado pela sala de informática do Centro POP e através de seus celulares. Era comum haver mais de um tipo de aparelho no bonde, cada um com sua função. Bater fotos, gravar vídeos, ouvir e baixar músicas e falar com a família<sup>106</sup> e amigos eram hábitos do bonde. Conseguiram os aparelhos nos corres, às vezes ganhavam, outras, achavam. Alguns deles tinham perfil em redes sociais, produziam e publicavam fotos e vídeos, seja do mascote aprendendo a morder ou de alguma tarde à beira do mar na área do remo.

Outro aspecto de destaque é uma noção comum de liberdade, muito valorizada por eles. A liberdade, assunto que vi aparecer bastante nos pixos, rabiscos e nas conversas, especialmente naquelas sobre a rua, sobre o habitar a cidade, é vista como uma vantagem conseguida nas ruas. Geralmente argumento número um a favor desse estilo de vida, a ideia de liberdade é apresentada como o não dever satisfações, não ter uma rotina que inclua obrigações, como trabalho ou estudo formal. É, em suma, poder fazer das suas vidas o que bem interessar, a qualquer tempo<sup>107</sup>. Há resistência a qualquer forma

---

<sup>106</sup> Cito o exemplo das conversas telefônicas presenciadas: Ramos, uma vez falando com sua mãe, outra com uma amiga do bonde que fora morar no Nordeste com a família, e Mafra, que me relatou conversas por telefone entre ele e sua irmã.

<sup>107</sup> Por exemplo, a possibilidade de viajar de ônibus para outra cidade, solicitando passagem à prefeitura. Nos casos comentados no capítulo 1, os rapazes expulsos da cidade foram encaminhados de volta às suas cidades de origem com passagem paga pela prefeitura. Essa alternativa de mobilidade, comum a várias cidades, é apropriada de

de trabalho que os submeta a ordens de outras pessoas, a qualquer relação de mando, de submissão. Há entre eles também a noção de que o trabalho assalariado é fonte de lucro para outrem. Como já ouvi, “trabalhar pra dar dinheiro pros outros!?! Nem a pau!”

Com certeza, essa vida só é possível por conta dos mapeamentos constantes e apurados que o bonde tem das ruas. Saber os horários e locais certos para conseguir o que se precisa, bem como saber quais lugares oferecem mais possibilidades para o que desejam; conhecer os circuitos de ajuda, traçar itinerários, mapear os melhores lugares, seja para descansar, para apreciar uma paisagem, essa noção constitui um dado conhecimento sobre a cidade, que fornece alguma garantia a quem segue com o bonde.

Podemos pensar que o que tomam por liberdade é também um conhecimento sofisticado do ambiente, que garante alguma segurança e amplia as possibilidades sobre o mesmo, resultado de uma habilidade desenvolvida por tempos de prática. Alguns deles já estão na rua há anos, outros oscilam entre períodos nas ruas e períodos com a família. De toda forma, a estadia pelas ruas, seja intermitente ou permanente, demanda muitas habilidades, a serem desenvolvidas de forma constante, seja através dos mapeamentos resultantes dos processos de caminhada, de descobrir-caminho, das interações e do potencial criativo a partir dos equipamentos da própria cidade.

Os corres, bem como os caminhos até os meios de assistência levam ao conhecimento do bairro, constituem mapeamentos que incluem saber onde dormir, conseguir comida, dinheiro, bebida, roupas e mais uma infinidade de coisas que lhes possibilita suprir necessidades imediatas, como fome ou frio, e também vontades, como algum dinheiro para comprar uma bebida ou utensílio. Fazer corre é também um exercício de

---

uma forma interessante quando percebida como possibilidade de mudança. Se por um lado o Estado aplica essa política a fim de acabar com a presença indesejada de quem desvaloriza a paisagem, por outro lado ela é vista também como alternativa de circulação, deslocamento.

habilidade, uma técnica corporal<sup>108</sup>, dado que nem sempre o que se carrega é permitido pela lei.

A exemplo disso, trago uma passagem do diário de campo de julho de 2014. Depois de sair do Centro POP, estávamos na Praça XV quando Mauro Ramos viu um conhecido passando e o chamou até nós. Ele chegou e Mauro Ramos foi puxando assunto. O rapaz, muito rápido em gestos e fala, diz que não pode no momento, e abre a boca mostrando num movimento de língua uma bolsinha plástica que guarda na bochecha. Ramos olha e então diz “Ah tá, tu tá no corre. Mas oh, na volta passa aqui!”. O rapaz faz um gesto afirmativo com a cabeça e sai andando apressadamente em direção à Travessa (Diário de campo, 22 de julho de 2014).

Tal qual a sociedade de esquina, no bonde pessoas vão e vêm, relações se fazem e desfazem, e no caso do bonde o crack é um dos principais elementos envolvidos nessas relações. Ao longo do campo acompanhei dois casos de pessoas que se afastaram do bonde por terem “caído na pedra”. Um deles era um rapaz muito próximo de Mafra, com quem tive a oportunidade de conversar por seu intermédio. Certa vez, notando sua ausência, perguntei desse amigo e ouvi simplesmente, “esse aí saiu fora, vacilou”. Pedi para explicar o que seria esse vacilo. A resposta foi: “tá na pedra de novo”.

Essa situação permitiu perceber que a alta circulação de pessoas nas ruas segue alguns padrões. Elas vão e voltam seja por irem ao encontro de parentes, amigos, ou para passar temporadas na praia, movimentos constituintes daquilo que definimos aqui como habitar enquanto prática; há ainda os casos de expulsão, que costumam ser amplamente divulgados; e os casos de pessoas que simplesmente “sodem”. Sobre elas nada se diz. Nem piada, nem risada, nada. Afastadas do bonde – e por consequência de seus itinerários –, esses sumiços geralmente estavam ligados à violação da regra principal do bonde – o uso do crack.

O bonde, esse coletivo itinerante, como todos os demais arranjos da rua, passa por constantes mudanças, a exemplo da chegada e saída de pessoas e de promoções e rebaixamentos relativos aos mesmos laços que o constituem. Essas mudanças

---

<sup>108</sup> No sentido apresentado por Mauss, enquanto comportamento adquirido, tradicional e eficaz que permite melhor se servir de seu corpo para dada finalidade (MAUSS, 2013, p. 401-09).

obedecem uma dada lógica, possuem um sentido, uma razão de ser, fiel aos valores do grupo. Ou seja, ligados aqui à dignidade, liberdade, respeito e solidariedade, aspectos que perpassam, para o bonde, ao não uso do crack.

Reconhecer as lógicas e hierarquias, perceber as constantes reconfigurações, e especialmente o perfil das lideranças (que coordenam boa parte desses rearranjos) – em suma, conhecer o bonde, é o tipo de experiência que só se realiza a partir do momento em que se está lá, caminhando pela cidade e, junto deles, participando de suas incursões. Somente nas ruas, a partir do Centro POP, é que se tornou possível perceber a complexidade do universo das relações humanas no ambiente das ruas, e foi a partir desse lugar que os dados apresentados foram levantados.

Só fui conhecer Mafra melhor na rua, em uma noite em que nossas trajetórias se cruzaram aleatoriamente, e a partir de então passamos a nos identificar nos assuntos a conversar, nas experiências de vida de um e de outro, além do interesse que a pesquisa despertou nele e, em pouco tempo, passamos a transitar juntos pelas ruas da cidade.

### 3.6 O BONDE E O CRACK: DE UMA EPISTEMOLOGIA NEGATIVA A UMA EPISTEMOLOGIA POSITIVA

A discussão final proposta para este capítulo analisa os aspectos do bonde descritos e enfatizados até aqui, no tocante à sua constituição enquanto um grupo das ruas e os valores envolvidos nessa associação voluntária que tem no crack seu divisor de águas. A ideia chave é proposta por Gregory Bateson (1972) em sua análise sobre os 12 passos do AA. A partir das discussões desse texto, proponho pensarmos como a postura do bonde nas ruas pode ser a forma mais eficiente de coibir o uso de crack no Centro, ao partir de uma premissa oposta ao “orgulho” de quem se coloca numa relação simétrica de forças diante do que, reconhecidamente, exerce poder sobre si.

O trabalho de Bateson, “Teoria sobre o Alcoolismo”, nos faz pensar sobre os aspectos que levam um alcoolista a continuar, a despeito do reconhecimento de sua vulnerabilidade quanto à bebida, fazendo uso de álcool na vida. Sugere que há que se buscar na sobriedade dessas pessoas o que as leva a voltar à bebida, e aí, correlacionando a sobriedade e a intoxicação, propõe pensar a intoxicação como uma “correção subjetiva” da própria

sobriedade, entendida como o quadro que conduz o alcoolista ao copo.

Bateson parte da premissa geral de que em torno dos alcoolistas que vêm apresentando dificuldades diante da bebida há uma ideia reiterada de que se há de “ser forte”, resistir à bebida, lutar contra o copo, a garrafa, as idas ao bar. O alcoolista se vê então diante de um inimigo, o qual deve combater com todas as suas forças, resistir, portanto. A perspectiva da resistência, da luta, está embasada em uma percepção cartesiana e simétrica de mundo, que separa o sujeito do mundo material e reconhece nas coisas do mundo um poder de ação. O “orgulho do alcoolista” nada mais é do que uma resposta dentro de um sistema de valores e relações. Fruto de uma epistemologia descrita pelo autor como *negativa*, acaba por, sucessivas vezes, levar o alcoolista de volta à embriaguez.

Considerando que os seres humanos vivem ligados por redes de premissas de ordem epistemo e ontológicas (ou “autoverdades”), através das quais elaboram sobre si, sobre o mundo em que vivem e a partir de onde balizam suas experiências, o autor propõe repensar a forma cartesiana que divide, ontologicamente, o sujeito do mundo. Para ele, a mente humana é imanente ao sistema como um todo, sistema do qual o sujeito é parte constituinte. Lutar contra a bebida é se ver aparte dela, e não perceber o todo que, especialmente nesse tipo de relação, reforça uma postura que leva, via de regra, à derrota. Para ilustrar o argumento, Bateson afirma que

La computadora es siempre sólo un arco de un circuito más amplio, que siempre incluye un hombre y un ambiente, del que se recibe la información y sobre el que tienen efecto los mensajes eferentes que proceden de la computadora. De este sistema total, o conjunto, puede decirse legítimamente que manifiesta características mentales. Opera mediante el ensayo y el error y tiene carácter creativo (BATESON, 1987, p. 222).

Dessa forma, o comportamento é determinado por outras partes do sistema e por ações anteriores do próprio sujeito dentro desse sistema. Para haver uma guinada, um momento decisivo

capaz de fazer o alcoolista passar do enfrentamento ao reconhecimento de sua impotência, é necessário o reconhecimento, pelo sujeito, de um momento-limite. Esse momento, de reconhecimento e reelaboração de suas ações e posturas, ou seja, de mudança de atuação num dado sistema – ou a guinada para uma epistemologia *positiva*, é o caminho que o AA propõe, grosso modo, ao postular o reconhecimento do poder maior do álcool sobre o sujeito.

É aí que entra a inversão lógica incutida nos princípios do AA. Bateson argumenta que, numa perspectiva simétrica de forças, quanto mais força um lado exerce, mais o outro exerce em resposta, até que um dos lados vença. Já uma outra conduta, definida pelo autor como *complementar*, fruto de uma percepção sistêmica de mundo, sugere uma mudança de conduta diante do álcool.

Ao reconhecer que algo exerce poder sobre si, propõe uma forma diferente de agir: não mais lutar, mas se reconhecer diante de algo que exerce domínio sobre si. Os dois primeiros passos do AA - reconhecer sua impotência perante o álcool; e que este possui um poder que domina o alcoolista – pressupõe um reconhecimento aparentemente simples, mas em termos epistemológicos implica uma mudança de postura que traz reflexos diretos na forma de se colocar no mundo. Reconhecer a derrota é uma experiência transformadora, por ser de fato o primeiro passo para uma mudança de conduta eficaz perante a droga.

O apresentado aqui nos permite traçar um perfil sensível do bonde, capaz de apontá-lo como uma tática eficaz, posto que pautada no que aqui apresentamos como uma *epistemologia positiva* em relação ao crack no centro de Florianópolis. Não frequentam os circuitos onde o crack se faz presente, e essa evitação é parte de uma postura, um reconhecimento de que o crack possui uma força, um poder desestabilizador. Não buscam ser fortes, bravos. Buscam o afastamento, percorrendo caminhos onde a droga não entra. O fato de se ter nas ruas um grupo *das ruas* se valendo desse tipo de tática para viver – evitar o crack –, nos permite pensar como o bonde, em seu caminhar, imprime não apenas uma ética, mas também uma postura diante do mundo, particular, se comparada a muitos outros grupos e, também, produtora de vivências que chamamos aqui de *sensíveis*, posto que pautadas em aspectos éticos tão particulares.

Há que se recordar que em suas elaborações sobre as experiências com o crack, o aspecto da guinada, o momento em que realizam que o crack tem poder, se faz presente. Para Ramos, foi ver pessoas próximas morrendo por conta da droga que ele vendia. Para Mafra, esse momento inclui a perda de pessoas muito queridas e também uma vivência que começou como combate, passou por uma guinada e hoje consiste em evitar os circuitos da droga. A passagem a seguir é um relato de Mafra que nos permite entender um pouco da dimensão da sua “guinada” e da postura particular do bonde, assunto que emergiu em uma conversa, no saguão da rodoviária, enquanto conversávamos sobre o assunto do dia, a derrota da Seleção Brasileira por 7x1 para a Alemanha, na Copa do Mundo de Futebol de 2014.

Mafra começa a contar de quando teve três empregos na sua cidade natal. Conta que o mais legal desse período da vida foi poder conhecer muita gente. Pergunto por que ele não seguiu com essa vida e ele diz que foi o crack. Pergunto como, e ele explica que essa vida ele teve numa das tentativas de parar com o uso, mas em seguida ele recaiu “forte”. Perguntei como foi isso e ele diz que foi usuário por quase 20 anos, sendo que só não lutou contra nos primeiros cinco anos, e que depois foi isso, oscilou entre períodos de trabalho, “fuga da droga” e recaídas. Pergunto sobre hoje e ele diz que está limpo há “três anos, 07 meses e 08 dias”. Sobre a vida na rua longe do crack, diz que “é uma batalha diária”, que evita contato com a droga, e que quem quer andar com eles, o bonde, tem que parar também. Conta que o rapaz que passou a noite conosco no remo teve que parar com o crack para andar com eles. “Ele é um, mas tem outros que pararam com a droga pra andar com a gente”. Pergunto se realmente pararam e ele “ah, assim, quer usar usa, mas usa longe de mim” (diário de campo, 08 de julho de 2014).

A ação do bonde reside em reconhecer o poder do crack e, a partir disso, promover a mudança de postura que inclui a evitação. As táticas do bonde, a fim de garantir sua existência, e assim facilitar suas vidas nas ruas, são de diversas ordens, e variam de acordo com o lugar em que se está. Nas ruas, se camuflam na multidão, seguem os fluxos da cidade. Nas praças, se encontram e decidem seus rumos. Nos lugares que param, evitam a presença da polícia, que por vezes pode não ser seu pior inimigo.

Outros grupos podem ser problema, por serem chamariz para a polícia. Por isso também a expulsão de certas pessoas, especialmente as que têm alguma ligação com a venda de crack, por ser uma das drogas cujo comércio chama a atenção pela alta circulação de pessoas. Logo, evitando aquilo que seria sua ruína – pessoal e coletiva –, evitam e repelem o crack, não permitindo a droga em seus trajetos e entre seus membros.

O bonde, ao conciliar essa postura a outros métodos eficazes, como criar entre seus membros laços de solidariedade, que se constituem a partir da dádiva do acolhimento, recebendo a quem chega nas ruas disposto a ficar “numa boa”, se torna assim um grupo de merecido reconhecimento no tocante ao amplo universo de ideias, projetos e propostas de “combate” ao crack.

A partir disso, no terceiro capítulo acompanharemos como essa ética opera nas ruas, através dos seus movimentos pela cidade. Diferente por exemplo dos Norton, que têm uma referência territorial forte, demarcada pela residência fixa de seus membros e sua afirmação nas ruas e espaços de socialização do bairro enquanto *gangue*, o bonde opera no transitar, através de suas práticas de mobilidade, formas de mapeamento e de habitar o centro, caminhando pelo bairro e imprimindo nele suas práticas, táticas e sua ética.



#### 4 “QUAL É A DE HOJE?”. INCURSÕES E MAPEAMENTOS SENSÍVEIS DA CIDADE

A rua é espaço *sui generis*, ou seja, espaço cujos múltiplos usos criam momentos que, além de efêmeros, breves, são muitas vezes únicos. Talvez por isso, a rua é considerada por muitos como lugar de liberdade, de expressão e ação. Parte disso é também o zelo por algumas regras, elementares para que, afinal, a rua continue sendo lugar onde o inesperado se torna possível e permitido. E uma dessas regras, possivelmente a principal delas, que FOI desafio também a este trabalho, é que “o que acontece na rua, fica na rua”.

Já estava acompanhando o bonde em suas incursões havia algum tempo, quando comentei de uma dada situação vivida na rua, com o bonde, com algumas das educadoras do Centro POP. Falava sobre a cena na frente de Conselheiro Mafra e outros membros do bonde. As meninas, surpresas, disseram não saber do que se tratava. Confusa, olhei para os rapazes que presenciavam o relato. Questionei sobre como, afinal, elas ainda não sabiam do que eu relatava. Foi então que essa regra foi verbalizada. Enfatizo a importância dela resgatando também os casos de expulsão do Centro POP – ambos têm relação com “falar demais”<sup>109</sup>.

Como, afinal, transpor para o papel as experiências vividas na rua sem ferir essa ética? Esse é um dos desafios mais importantes deste trabalho, e por isso também os fatos aqui analisados estão presentes nessa peça da forma em que estão, colocados sempre levando essa ética em consideração. Assim, buscando não ferir esse importante código, do bonde e das ruas, os fatos seguintes serão contados da forma que aparecem.

Nas análises aqui presentes, quando nos referimos a um “conhecimento das ruas”, não estamos tratando apenas de mapeamentos, no sentido de vivências e histórias vividas nos espaços de uma dada região que nos permite a localização dentro dela. Ou, ao menos, não apenas isso. O conhecimento, aqui, parte da ideia de *habilidade*, proposta por Tim Ingold (2010), e é também um aprendizado, no sentido de uma dada forma de interação, aprendida através da observação e também com

---

<sup>109</sup> Vide os casos de Felipe Schmidt e Tenente Silveira que tratamos no capítulo 02.

experiências anteriores. É uma educação da atenção, portanto, que nos permite viver no mundo.

Como agentes dotados de múltiplas possibilidades de percepção, cuja mente não se restringe ao crânio, mas está disposta no mundo, compreendido enquanto um todo sistêmico, é através da observação, da atenção e até certo ponto da imitação, que aprendemos a viver, no sentido de nos engajarmos, num dado ambiente. Dessa forma, a habilitação, ou nos termos de Ingold (2010), *Enskilment*, é o processo básico envolvido em toda forma de conhecimento sobre o mundo, construído a partir de experiências concretas de vivência. As habilidades do bonde nas ruas são, dessa forma, resultantes de engajamentos no ambiente pautados em aprendizados transmitidos e constantemente testados e reelaborados de conhecimentos produzidos a partir de suas vivências.

#### 4.1 ENCONTRO (IN)ESPERADO: PRIMEIRO ROLÊ COM O BONDE

A primeira incursão pelas ruas da cidade acompanhada do bonde se deu em uma noite de inverno. O encontro foi na Praça da Alfândega, uma das mais conhecidas da capital e um dos locais de distribuição voluntária de comida. Os responsáveis por esse trabalho são geralmente pessoas ligadas às igrejas evangélicas da região, que costumam oferecer sopa ou pão e café, e conversar - com quem se dispõe a ouvir - sobre a bíblia, igreja e Deus.

Naquela noite, fria e de bastante vento sul, estava andando em direção ao terminal de ônibus quando avistei, sentados em um dos bancos em formato de meia-lua da praça, vários já conhecidos do Centro POP. Conversavam entre si enquanto pães e café eram preparados pelos voluntários para distribuição. Quem organizava essa ajuda era a Igreja Palavra Viva. Parei e contemplei a cena até ser reconhecida por um deles, que veio me cumprimentar de forma muito simpática. Conversamos um pouco e fui convidada a me juntar a eles. Aceitei o convite e, após cumprimentá-los, sentei-me entre eles e fiquei observando a cena, ora conversando com quem puxava assunto ora ouvindo o que aqueles jovens perfumados e bem agasalhados diziam sobre Deus, verdade e amor.

Perguntei aos meninos o que faziam naquele lugar, e então me explicaram que toda quarta-feira à noite essa igreja distribui pão e café na praça. Percebi que aguardavam o fim da fala de um dos jovens para poderem comer e beber. Ofereceram pão e café para mim também. Aceitei o café, que veio a calhar com o frio daquela noite. Enquanto acontecia a distribuição, que deu àquela cena um aroma de café bastante acolhedor, conversamos sobre diversos assuntos, e então reconheci Conselheiro Mafra. Ele me cumprimentou, sentou do meu lado e seguimos conversando.

Nessa noite também reconheci uma das voluntárias da igreja, que fora minha colega de trabalho dois anos antes. Ela veio me cumprimentar acompanhada de dois colegas. Conversava com eles quando me perguntaram quem eu era e o que fazia. Expliquei sobre a pesquisa, e o que falei foi recebido com alguma surpresa, dado que eles achavam que eu fosse, em suas palavras, “uma deles”. Respondi, sem esconder o riso, que não, que por mais inusitado que fosse, tratava-se de uma pesquisa.

Surpresa com a ideia de ser confundida com “um deles”, me perguntei sobre quais fatores causariam tal impressão. Depois de ter me juntado a eles, cumprimentando-os com abraços - ou seja, a quem visse de fora não seria difícil ter tal ideia -, ao tomar um gole do café, percebi que o copo ficara vermelho de batom. O que pensar de uma mulher que, andando pela rua à noite, senta-se entre moradores das ruas, cumprimenta-os e, usando, batom vermelho (que eu não lembrava que estava usando), come e bebe com eles? Eu era uma deles, e aquela posição me pareceu muito conveniente e confortável. E verdadeira. Afinal, eu não era da igreja. Eu era da rua. Ali, como nunca antes, eu era da rua.

Acabados os pães e o café, o pessoal da igreja foi aos poucos recolhendo os materiais utilizados (copos descartáveis, caixa plástica onde vieram os pães, as garrafas térmicas) e se despedindo dos que lá estavam. Foram todos embora, e resolvi seguir com minha conhecida até o terminal de ônibus, que é praticamente em frente à Praça. O grupo dispersou, apenas Conselheiro Mafra e mais um colega ficaram conosco, e decidiram nos acompanhar até o terminal. No caminho, perguntei onde eles estavam dormindo aquela noite, e me disseram que estavam reunidos próximo à cabeceira da ponte Colombo Salles. Foi então que Mafra me convidou a acompanhá-los. Nos despedimos da colega e fomos em direção às pontes,

atravessando as vias rápidas do centro, que estavam tranquilas naquela noite, quase madrugada, de inverno e feriado.

Paramos sob o elevado do terminal Rita Maria<sup>110</sup>, onde Mauro Ramos e outros dormiam, acomodados em barracas. Conselheiro Mafra chegou chamando a todos, dizendo que tinham visita. Constrangida, pedi a ele que não chamasse a quem estava dormindo, e ele, tranquilo, responde: “A gente gosta de receber visita”. Cumprimentei os que lá estavam, e que mesmo tendo sido acordados foram simpáticos comigo. Reconheci alguns do Centro POP, outros não. Questionei Mafra e ele me disse que na rua o bonde fica maior, pois tem gente que, por diversos motivos, não vai ao Centro POP<sup>111</sup>.

Seguimos o caminho, porque as barracas de Conselheiro e seu amigo não estavam naquele lugar. Fomos até o gramado que fica em frente aos clubes de remo<sup>112</sup> da cidade. Lá, na beira do mar, um bom gramado, com árvores, arbustos, bancos de cimento e uma estreita faixa de areia davam lugar a três barracas (uma delas pertencia a Mafra) e a um homem que, protegido apenas por papelão, dormia no gramado, a céu aberto, próximo a elas.

Recolhemos galhos e o que mais pudesse servir de combustível para a fogueira que, naquele frio, fez toda a diferença. Fogo alto, sentamos os três a sua volta enquanto observávamos o entorno: o mar da baía norte, mexido pelo vento, o bairro Estreito do outro lado da baía, a ponte Colombo Salles, com seus pilares imponentes e cravados de pixos, dando passagem a um fluxo baixo, porém incessante, de veículos, cujo ruído, somado ao vento e aos seus efeitos na vegetação e no mar, davam àquele lugar uma sonoridade bem particular, acrescida vez ou outra por algum estalar da fogueira. Ainda, a ponte Hercílio Luz, o final da Avenida Beiramar Norte, o elevado sob o qual parte do bonde dormia. Tudo muito claro, iluminado por

---

<sup>110</sup> O nome oficial é Elevado Carl Franz Albert Hoepcke, mas é popularmente conhecido como elevado Rita Maria, em referência ao terminal rodoviário localizado na frente. Para saber mais, ver <<http://goo.gl/4L2AGN>>. Acessado em: 08 jan. 2016.

<sup>111</sup> Falamos sobre isso no Capítulo 1, p. 77-80.

<sup>112</sup> Parque Náutico Walter Lange, nome dado em homenagem a um dos fomentadores de esportes - como futebol e remo na cidade (Cf. <<http://goo.gl/njSj1J>>. Acessado em: 23 jan. 2016).

lâmpadas brancas e amarelas, deixando o escuro apenas para a parte mais arborizada do gramado.

Em meio a essa paisagem ficamos os três, ora contemplando o fogo ora conversando. Cogitamos, de brincadeira, atravessar a baía a nado e ir até o Estreito, já que dali era “pertinho”. E seguimos noite adentro, conversando sobre coisas muito pessoais, muito sensíveis. Falamos sobre passado, família, trabalho, sobre esta pesquisa, nossas trajetórias de vida, perdas, sobre a cidade e a vida nas ruas, as formas que eles encontram de driblar as adversidades e fazer das ruas uma possibilidade. Foram horas de conversa, que só se encerrou com o raiar do dia.

Nessa conversa, Mafra falou sobre como foi deixar de usar crack, por exemplo. Motivos ligados à perda de uma pessoa muito querida, que desencadeou um período de vida cujo ápice foi marcado por um processo descrito como um questionamento profundo da existência de Deus, colocando a si próprio como prova de um milagre que, conforme conta, aconteceu. Diz que foi o milagre que o fez cumprir a promessa de nunca mais usar crack.

A certa altura da noite, sentindo o calor do fogo queimar o rosto ao mesmo tempo em que os pés congelavam, surgiu um litro de cachaça, que também ajudou a aplacar o frio. Percebi estar sentada no melhor lugar disponível. Enquanto Mafra estava sentado na carcaça bamba de um modelo de ar-condicionado de janela, utilizada para abafar o início do fogo, e o outro rapaz estava sentado em um pedaço de tronco de árvore, eu estava na única cadeira disponível. Na verdade, era uma armação, carcaça de cadeira de ferro, dessas de repartição pública, com uma tábua de madeira fazendo as vezes de assento. A conversa seguiu noite adentro, com a cachaça circulando entre nós três e o fogo iluminando e aquecendo a noite.

Ao longo da noite, outras duas pessoas chegaram onde estávamos. Nos cumprimentaram, deitaram perto das barracas e dormiram. Também vimos um carro se aproximar e um homem sair dele. Ele não se identificou, tampouco chegou perto de nós. Perguntei por que eles estavam dormindo ali, que apesar de ser um lugar bonito, os deixava muito expostos ao vento sul, famoso

na cidade especialmente no inverno. Disseram que estavam no “Xande”<sup>113</sup>, mas a Guarda Municipal os expulsou de lá.

Segundo eles, a Polícia Militar dificilmente os incomoda, e nunca foram importuná-los ali, apenas conversar. Ainda, segundo Mafra, não tem importância dormir na praça, no “remo” (como eles costumam chamar essa parte da cidade) ou nas ruas do Centro, pois como ele disse, “a cidade é minha casa”. O habitar, dessa forma, se dá justamente na circulação e utilização de seus equipamentos. Mafra disse isso e momentos depois pegou seu celular e mostrou uma foto muito bonita do bairro Coqueiros, tirada da passarela de pedestres da ponte Pedro Ivo. Aquela foto, disse ele, fora tirada “da janela do meu quarto”.

Os mapeamentos, muitos e elaborados constantemente no jogo de poder que é a relação entre sujeitos em condição de rua e instâncias de controle do poder público perpassam momentos como esse. A “arte do fraco” é também driblar dadas ordens, dados sentidos impostos à cidade. Nesse aspecto, soma-se a impossibilidade do poder público em controlar, a todo tempo e em todos os lugares, as nuances entre os sujeitos em condição de rua, seus trajetos e contra-usos da cidade.

Se a cidade é um direito, frequentemente questionado àqueles que não possuem moradia ou trabalho, o bonde o cobra, o faz valer ao imprimir seus itinerários, elaborados coletivamente, sem pedir licença. Sua forma de habitar a cidade, fazendo do centro como um todo a sua morada, circulando e assim fazendo diferentes usos dos lugares da cidade, confere ao bonde a capacidade sensível de habitar sem, de fato, ocupar. Essa habilidade, de transitar permanentemente pela cidade, habitando ela como um todo, mas nenhum lugar em específico, lhes assegura uma dada descrição, condição que também lhes permite continuar fazendo esse uso que sempre estende as possibilidades e limites das ruas.

Ao subverter a ordem oficial, criam outras ordens, regras, trajetos. Nuances que escapam ao poder público, que homogeneiza e subestima a pluralidade das ruas, lugar que permite, por exemplo, a existência de grupos com aspectos tão

---

<sup>113</sup> Referência à marquise de um prédio público localizado em frente ao supermercado “Xande”, lugar onde é comum o pessoal da rua passar a noite, já que oferece abrigo da chuva e, dependendo, do vento também.

particulares quanto um bonde que veta o uso do crack. Conselheiro Mafra é uma das lideranças desse bonde, e o motivo dessa posição reside em sua trajetória de vida e todo o traquejo que aprendeu a ter para lidar, nas ruas, com as situações de adversidade que encontra pela frente. Além de ser um sujeito articulado, educado e com críticas bem embasadas, é um bom conhecedor das ruas da cidade. Vive nela há anos, e o centro é um espaço bastante familiar a ele.

O dia amanheceu e, com ele, veio a fome. Uma quinta feira de feriado, dia que o Centro POP não abre, e tampouco o comércio do centro. Dessa forma, o circuito que se forma durante a semana, com locais para conseguir comida, como a Praça XV às 19h, não existia naquele dia. Nem nos sábados e domingos. Ou seja, são dias em que há que se trilhar outros caminhos para conseguir comida.

Perguntei sobre isso, sobre como era conseguir comida nesses dias, e me responderam que a questão da comida nos dias de feriado é sempre assim: comem o máximo que podem, sempre. Mesmo que não estejam com fome, eles comem, e o máximo que puderem, já que não sabem quando vão comer de novo. Conseguem comida nos poucos estabelecimentos que abrem nos dias em questão, andando por outras regiões ou mesmo com pessoas conhecidas que têm residência fixa.

O sol já estava brilhando, o vento diminuía, e um dia lindo de inverno surgia. Com o fogo apagado, os demais dormindo, eu e Mafra saímos atrás de um café da manhã, para nós dois e o pessoal que estava dormindo. Seu colega preferiu dormir a nos acompanhar, e saímos os dois atrás do que comer. Andamos em direção ao TICEN e não encontramos nada aberto. Seguimos em direção à Praça XV, parando no caminho para Mafra cumprimentar um colega que, sorridente, o abraçou e lhe passou um *salva*<sup>114</sup>. Quando voltamos a caminhar ouvi dele a seguinte frase: “viu só? Quem tem amigos tem tudo. Vou voltar pra lá com café e um salva, o que mais que a gente quer?”. Seu bom humor era uma constante. Nunca o vi de mau humor, nem mesmo nos dias mais difíceis.

---

<sup>114</sup> O *salva* aqui pode ser entendido como uma dádiva. Consiste em repassar a quem não tem uma pequena quantidade daquilo que se tem em mãos. O *salva* em questão foi de maconha, mas pode envolver outras coisas.

Todo o comércio estava fechado, o que nos fez andar até a Catedral, onde um quiosque aberto, à exceção de todo o centro, foi a parada do nosso café. Sentamos os dois, comemos e conversamos enquanto observávamos a movimentação em torno do enfeitar as ruas para a procissão de Corpus Christi. Mafra começou a me contar sobre como eram os feriados cristãos em sua cidade natal, com a sua família. Segundo ele, esse foi um dos aspectos que o fez sair da sua cidade, pois segundo narra, era muita fofoca e falsidade. E, por fim, ele cansou de “ser o assunto da cidade”. Afirma o fato de manter contato, vínculo familiar, como um dos aspectos que o define como trecheiro, *pelegrino*, e não morador de rua. Como ele diz, “a vida é andar”. Mafra, como os demais colegas de bonde, são exemplos de sujeitos que habitam o mundo, nos dizeres de Ingold (2005).

Tomamos nosso café e pegamos comida para os demais. Seguimos caminhando em direção ao TICEN, onde nos despedimos. Agradei pela noite, pela conversa, no que ele também me agradeceu. Disse para eu aparecer mais, pois adoravam receber visitas. Seguimos cada um seu caminho, sem dúvidas de que a noite anterior dera início a uma relação de cumplicidade e confiança, marcada por conversas densas e reveladoras para ambos.

Embarcar no bonde é a possibilidade de enxergar aspectos da cidade que só se tornam possíveis a partir da experiência de caminhar com ele. Os contra-usos, como carregar celulares na Praça XV ou mesmo dormir nas ruas, os circuitos e seus itinerários, apreendidos por mapeamentos sensíveis, para além do indexável, que tornam possível o habitar o Centro, fazendo desse bairro parte da sua casa<sup>115</sup>. É na experiência desse circuito, no *caminhar*, ou seja, praticar a cidade e, portanto, reinventá-la (CERTEAU, 1994), que se torna possível acompanhar a maneira como o bonde faz na (e a) cidade.

Partindo da premissa de que conhecemos o mundo através da experiência, e que ela permite uma noção de mundo sempre fragmentada, são as possibilidades de compartilhar outros trajetos, em outras companhias, que ampliam nossos estímulos e

---

<sup>115</sup> Afinal, a ponte pode ser o quarto; as praças, o ponto de encontro com amigos e lugar de espera por comida; o POP, lugar de reabastecer e socializar. Mas também as praias podem ser lugar de refúgio, descanso, ou mesmo para tirar algum dinheiro na temporada.

percepções. É na percepção do espaço da cidade junto com o outro, não apenas no sentido de contemplação, mas de engajamento no ambiente - interagindo e criando lugares e situações – que vivemos<sup>116</sup> os espaços.

Aspectos esses que um mapa, ainda que elaborado por quem viva o circuito do bonde, podendo oscilar os traços em fortes ou fracos para salientar dados lugares, jamais conseguiria transparecer, ainda que possa tornar visíveis a experiência que o tornou possível (CERTEAU, 1994, p. 176). O caminho é enunciado. Ele fala sobre a cidade e sobre quem caminha por ela.

Ainda, colocar o corpo sob as condições da rua, incluindo o frio, o vento ao aberto, o fogo, os sons que nunca cessam, as luzes que nunca se apagam, a ausência de cômodos, de privacidade é o tipo de experiência que altera a percepção da cidade, da rua e da casa, do espaço doméstico. A partir disso, amplia-se a noção do que é possível, ao poder aprender com quem faz as ruas as possibilidades de interagir de forma criadora com os ambientes, vendo alternativas nos equipamentos disponíveis pelos lugares da cidade. Novas experiências de interação, explorando os sentidos do corpo e da cidade, tornam o sentir não mais apenas algo do visual<sup>117</sup>. Essa forma de interagir produz experiências e impressões não somente na paisagem, mas também nos corpos que se adaptam às formas e possibilidades criadas a partir das relações com os equipamentos urbanos.

Nesse sentido, cabe mais uma vez retomar a ideia de Ingold (2005) sobre o habitar. Partindo do pressuposto de que o ambiente não se restringe à dimensão espacial, ou seja, os sentidos também fazem parte dessa experiência, o habitar, enquanto forma de engajamento no ambiente, resulta em habilidades que apreendemos e construímos nesse processo incessante de relações, produtor de conhecimentos e inovações nos ambientes e, também, nos corpos. Os corpos se adaptam, desenvolvem habilidades e conhecimentos ilimitados no mundo,

---

<sup>116</sup> Ressaltando aqui a proposição de Tim Ingold de que “[...] os lugares não têm posições, e sim histórias” (jornadas ao longo de um caminho de vida, 2005, p. 1).

<sup>117</sup> Pessoalmente, boa parte dos caminhos traçados com o bonde me permitiu passar da experiência visual para a sensorial - andar, tocar, sentar, usar espaços que até então só conhecia a partir da estrada.

se pensarmos no mundo para além do dualismo sujeito-matéria que Bateson (1987; 2000) já nos fez repensar.

Assim, o viver é circular, situar-se no mundo regionalmente, caminhando, descobrindo-caminho, mapeando. É em movimento que a vida se dá, que as coisas acontecem. É em movimento que se vive, e isso é habitar. Habitar o mundo, ou seja, transitar por seus espaços, interagir e criar possibilidades, inovar, elaborar, fazer história (enquanto trajetória de vida e inscrição no mundo). Ao praticar os espaços construímos nossa história – e o lugar – em cima de um processo feito por outras pessoas – sobreposição de gerações que inscrevem no espaço seu tempo.

Ainda, a dicotomia entre o termo “morador de rua”, ou “pessoa em situação de rua” e a ideia de viver do bonde assume novas dimensões quando analisada a partir da elaboração dos próprios sujeitos da rua quanto às suas condições. Não se veem como mendigos, como pedintes. São *pelegrinos* que *fecham um bonde*, e com ele vivem, negociando constantemente com os espaços e instâncias da cidade, impondo e imprimindo vontades, usos e estabelecendo redes de contatos, mapeando circuitos, lugares e viabilizando possibilidades.

Em uma conversa sobre ser “morador de rua”, a rua me foi apresentada pelos que participavam da conversa, como opção, alternativa, caminho, e não o fim. A rua é o meio de viver no mundo. Nela, o mundo é casa. A ideia pejorativa associada à condição de “morador de rua”, como define o poder público, enquanto alguém cujo objetivo do Estado é tirar das ruas, oferecendo dignidade – condição que aos olhos das políticas assistenciais não se associa à condição de rua – é posta em xeque com a afirmação categórica de que “Aqui não tem morador de rua. É tudo maluco, tudo *pelegrino*. Estamos nessa porque a gente quer” (Diário de campo, 14 de agosto de 2015).

Passando pelas ideias de Mary Douglas (1991) acerca da noção social de perigo envolta na desordem, na sujeira, a condição de rua é também moral, associada à precariedade, sujeira, impureza, vista como fuga à ordem. Habitar as ruas é um aspecto associado ao perigo justamente por ser percebido como ausência de regras, de controle sobre grupos de pessoas e suas práticas. O padrão doméstico de limpeza não perpassa o mundo das ruas, cujas noções, também nesse sentido, são bastante

diferentes. Por subverter tanto, de forma tão questionadora a ordem imposta, representam para a sociedade, também, o perigo.

De dentro do bonde percebi que suas ideias sobre as ruas levam a elaborações sobre si enquanto grupo e como combatentes do crack naquilo que é visto como o que ele tira de mais caro em alguém: a dignidade. Há em suas ações um quê de afirmação de independência e autossuficiência, condição sempre apontada por eles como oposta ao uso de crack. A ideia de dignidade, para o bonde, é relativa a uma condição oposta, incompatível com o uso do crack<sup>118</sup>.

Essa constituição de dignidade se apresenta na forma de ser e agir. Tal qual o bonde considera, a dignidade é condição oposta ao uso do crack, mas não de outras drogas. Álcool, tabaco e maconha foram substâncias que vi circular nas ruas e também no bonde. Ao que pude perceber, não há nelas, para o bonde, o perigo que o crack representa. O crack, para eles, é associado à perda de tudo o que lhes é mais caro, sua condição de livres, de independentes. O crack é, para o bonde, nos termos apresentados por Rui (2012), abjeção.

O crack é o que poderia transformar o bonde, de *pelegrinos* em bonde de *noias*, o que, como já dito, tornaria impossível estabelecer as relações de confiança que eles conquistaram. E dentro do bonde há um conhecimento íntimo dessa condição, não desejada por quem nele está. Ainda, entendem que o crack os faria perder espaços já conquistados na cidade (mapeados e afirmados por terem eles expulsado os usuários de crack, como ressalta Mauro Ramos na nossa primeira conversa, descrita no capítulo 02, ao falar do POP e da Praça XV) e a confiança de quem os conhece, seja do POP ou nas ruas.

Pensando aqui com Taniele Rui (2012, p. 151),

[...] é importante ressaltar que não apenas os consumidores de crack podem sofrer interdição. Segundo Biondi, o que está em questão não é a substância, mas o controle de si e a interferência do consumo na rede

---

<sup>118</sup> A exemplo da construção do discurso do uso de crack como fim ou mesmo como algo incompatível à ideia de dignidade, consultar as referências de Taniele Rui (2012) aos discursos de materiais do governo, ONG's, jornais, revistas e mesmo das pessoas em condição de rua sobre essa incompatibilidade.

de relações. De acordo com ela, não há problemas no consumo continuado de cocaína, desde que “o consumidor seja capaz de manter sua dignidade, sua hombridade, que permaneça sujeito-homem, que tenha controle de si e que seu consumo não comprometa a qualidade de suas relações” (op.cit). No entanto, continua a antropóloga, o crack é a substância vista como a maior destruidora da “dignidade” de seus usuários, é a droga que “mais facilmente transforma um sujeito-homem em nóia”. Por isso, seu consumo é mal visto, mesmo que não sejam visíveis os efeitos que transformariam o usuário em nóia. Cogita-se que, mais cedo ou mais tarde, ele se transformará em um nóia. Vê-se, pois, uma postura ambígua: de um lado, evoca-se a capacidade do consumidor em manter a própria “dignidade”, mas ao mesmo tempo se reconhece o grande poder da substância (do crack) em transformar um “sujeito-homem em nóia” (RUI, 2012, p. 151).

O próprio Conselheiro Mafra já ressaltou que o noia é pessoa que não confia e nem em quem se confie. Essa confiança foi o que moveu uma educadora e uma assistente social do Centro POP a estar em companhia do bonde em plena sexta-feira de feriado, dia de folga para a instituição, para oferecerem um piquenique àqueles e àquelas que, por se tratar de um feriado, não dispunham dos mesmos esquemas de sempre para poder se alimentar.

Considerando que em dia de semana há um circuito estabelecido que coloca as praças - especialmente a Praça XV - como local de entrega de comida por parte dos comerciantes locais e voluntários, quando há feriado, essas possibilidades tornam-se escassas. Nos dias de feriado e final de semana são poucas as alternativas. É preciso sair atrás de comida – se já ouvi que “na praça a comida vem até você”, aquele era um dia no qual isso dificilmente aconteceria.

Assim, fui convidada, na quinta-feira de feriado, para um piquenique, no dia seguinte, na área do remo, mesmo lugar onde

passsei a noite em companhia de Conselheiro Mafra e seu amigo. Uma das educadoras e uma das estagiárias em Serviço Social<sup>119</sup> encabeçaram a ideia. A proposta era reunir um pessoal naquele espaço e levar o que fosse possível de alimentos, a fim de ajudá-los<sup>120</sup> no dia em que conseguir comida ficava um pouco mais difícil.

#### 4.2 O PIQUENIQUE: PENSANDO AS ARTES DO FAZER NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Sexta-feira, 16h. Cheguei ao TICEN e segui em direção ao remo, passando pelo movimentado terminal que, apesar do dia de emenda de feriado, conta como dia normal para o comércio. A área onde ficam os clubes de remo, por seu gramado e arbustos, torna-se um lugar bastante agradável, com um visual muito bonito. O sol e o vento gelado, bem típico do inverno de Florianópolis, davam o clima da tarde. Atravessei as ruas, todas com sinaleira, exceto a última. Me refiro à pista sentido av. Beiramar Norte - sul da ilha. Fiquei uns 5 minutos tentando atravessar. Chegar lá a pé, com mochila e sacolas é um desafio considerável. Ainda, pensando sobre como as possibilidades de acesso a um dado local dizem sobre quem o pratica, ressalto que

---

<sup>119</sup> Essa estagiária não é a mesma que descrevi fazendo brincadeiras comigo no começo do campo.

<sup>120</sup> Retomamos aqui a ideia da *ajuda* (LÓPES, 2016) enquanto categoria que nos auxilia a pensar essa rede constituída de reciprocidade que envolve diversas instâncias, podendo ou não estar vinculada à política pública. Essa forma de compreender a ajuda se estende também a este trabalho, visto que há uma rede de ajuda que faz parte dos itinerários do bonde. Compõem essa rede os circuitos que envolvem as praças e suas visitas programadas das igrejas, oferecendo janta e café, o Centro POP e o Centro Espírita do Centro, por exemplo. Ainda, a relevância de se perceber que a ajuda ao bonde proposta pelas meninas do Centro POP tem a ver com a forma como o bonde é percebido no Centro POP. As pessoas que fazem parte do bonde são em geral bem vistas dentro da instituição, embora não necessariamente pelos mesmos motivos que o são nas ruas. O que importa é que há um comportamento acionado que os coloca em condição de receber ajuda. Esse comportamento perpassa, certamente, uma ideia de dignidade e reciprocidade que os tornam notáveis no cotidiano da instituição.

a história do remo, esporte tradicional da ilha (temos clubes de remo com mais de cem anos<sup>121</sup>), tem uma origem elitista<sup>122</sup>.

Os clubes de remo da cidade estão hoje concentrados na chamada “área do remo”. Estarem todos lá, em um espaço que apresenta certas dificuldades de acesso a pé, por se tratar de uma área circundada por vias rápidas e pelo mar (meio usado apenas para a prática do esporte, considerando que a água é, em Florianópolis, uma possibilidade de transporte praticamente inutilizada), reforça o fato de que aquele é um local, apesar de público, restrito. Ainda assim – ou talvez por isso –, é um dos locais preferidos do bonde. Lá é, no centro da cidade, o local de encontro deles com o mar.

Chegando ao gramado, observei algumas pessoas nunca vistas antes por mim, fosse por ali ou com o bonde. Estávamos em aproximadamente 30 pessoas. A primeira que reconheci foi Conselheiro Mafra. Estavam ele e seu amigo da noite anterior sentados, conversando. Em seguida, encontrei as meninas que me convidaram para o piquenique. Sentamos em torno de uma toalha retangular, e comemos. Nem todos quiseram participar. Naquele dia, havia 08 barracas armadas no gramado.

Colocamos as comidas na roda e então os meninos assumiram o comando. Conselheiro Mafra encarregou-se de montar sanduíches a todos. Pegou seu canivete do bolso e montou um sanduíche para cada um, perguntando de um em um o que queriam no pão (nata, doce, queijo, presunto). Victor Meirelles, um uruguaio conhecido do pessoal, distribuía refrigerante. Anita Garibaldi trouxe um plástico para eu me sentar. Agradei o gesto, que não foi suficiente para ela ficar conosco. Estava chateada com alguma coisa que não quis compartilhar, preferindo manter-se afastada. Ficamos em torno da comida, aguardando Mafra montar os sanduíches, todos feitos com porções iguais de cada um dos ingredientes disponíveis. Tudo foi dividido de forma que todos consideraram justa. E todos comeram.

---

<sup>121</sup> A exemplo do Clube de Regatas Martinelli, fundado em 1915, e da primeira Regata que se teve registro na ilha, realizada em 1861 (para conhecer mais: <<http://goo.gl/i7JjvV>>. Acessado em: 23 jan. 2016).

<sup>122</sup> Para mais, ver artigo de Gabrielli Zanca (2008). Ao analisar a origem do remo, descrevendo a formação dos clubes de regata existentes até hoje, apresenta a relação desse esporte com o ideal de modernização que norteou as elites da cidade no começo do século XX.

Depois do lanche, Mauro Ramos e outro rapaz pegaram um pedaço de isopor e o transformaram em um barco para Iemanjá, que descobri ser a “santa”<sup>123</sup> dele. Sempre que pode, encaminha barquinhos a ela. É interessante que, apesar de o Centro POP ficar na orla, é ali, na área do remo, que fica o único pedaço de mar do centro com possibilidade de contemplação. O gramado e a areia, além do pequeno trapiche, permitem maior aproximação com o mar, que embora circunde o centro, não é possível acessar de qualquer lugar. Adequado por um esporte de elite, é ali também que o bonde vai encontrar e agradecer suas divindades, se valendo de uma prática de origem africana, escrava, geralmente entendida, com muito preconceito, como “macumba”<sup>124</sup>.

Ainda, recorrer à área do remo para conversar, brincar, dormir ou apenas contemplar o mar é uma das possibilidades de fuga do urbano, do cotidiano frenético da urbe. O remo é, assim, lugar de descanso, relaxamento<sup>125</sup>. Essa possibilidade, a princípio assegurada às elites, haja vista ser o perfil de maior poder aquisitivo, que pagam pelo mar-paisagem. Desse modo, recorrer ao mar em um espaço ocupado por um esporte de elite é, também, ter acesso a um prazer em princípio assegurado a não muitas pessoas, mesmo vivendo-se em uma ilha.

O piquenique seguiu e, com o fim da comida, ficamos a contemplar o mar e a conversar sobre assuntos ligados ao Centro POP. Nessa hora emerge a indignação de alguns com o fato de o Centro POP possuir muitos itens, que seriam muito úteis nas ruas, trancados em seu depósito. As meninas que estão ali são pressionadas a responder por que “você têm um monte de coisa lá no POP” - coisas que inclusive o pessoal do bonde reivindica ter ajudado a transportar para o depósito - que não são

---

<sup>123</sup> Quando os vi na beira do mar, não entendi de imediato o que eles estavam fazendo, e então perguntei aos que estavam ao redor, e estes me disseram se tratar de oferenda para Iemanjá. A expressão “santa” foi usada por alguém que estava conosco e registrada em diário.

<sup>124</sup> É importante destacar que não é uma religião, mas sim um instrumento musical feito a partir do tronco da árvore que dá nome ao instrumento. O instrumento é utilizado em cerimônias de origem afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda.

<sup>125</sup> Helena Cristina F. Machado. “A construção social da praia” (Cf. <<https://goo.gl/rJ3Or1>>. Acessado em: 25 jan. 2016).

distribuídas? Foram desafiadas a explicar aquilo que é da política pública, ter e não distribuir.

A resposta oficial da instituição, como já vimos no capítulo 01, é de que não há quantidade suficiente para todos. Logo, não se dá para ninguém (ou se dá àqueles que conseguem destacar suas necessidades<sup>126</sup>). O ambiente de praia, no contexto descontraído do piquenique, leva a assuntos que não são possíveis no contexto institucional. Fora do enquadre da instituição, em um momento de lazer, outros assuntos são possíveis, outras relações se estabelecem. Assim, questionar o acesso aos produtos que afinal estão ali para (num fim prático) servir a eles é também questionar os critérios adotados para a sua não distribuição.

A dádiva, prática pautada no princípio de perpetuação da relação, e não de pagamento, reparação equivalente, não é a perspectiva do poder público. Não há na política pública a intenção de perpetuar relações, ou de uma contra-dádiva. Como apresenta Godbout (1998), a política pública existe como uma norma da sociedade, uma dívida permanente do Estado com a sociedade, assegurada através das leis, dos direitos assegurados, não como relação econômica ou como laço de reciprocidade. Sua intenção é enquadrar e suprir uma demanda. Ou seja, ao se tratar de política pública, a ideia final (e principal) é a de que a assistência seja provisória, que saia algum encaminhamento, que o sujeito siga um itinerário pelas instâncias da política pública, um trajeto cujo final culmine na não necessidade de utilização desse serviço, seja por ser encaminhado a outros ou por simplesmente não mais se precisar destes.

Considerando que a dádiva foge à lógica racional de mercado, por não estipular uma troca equivalente, sendo mais um ato moral do que econômico, ela escapa à lógica da política pública. Na política pública se busca suprir necessidades, a fim de cortar vínculos assim que possível. Nas relações de dádiva, se doa para manter um laço social, uma relação. Podemos pensar aqui que essa é a incompatibilidade que mantém o depósito do Centro POP cheio de coisas que seriam muito úteis nas ruas.

A conversa seguiu, e surgiram queixas diversas no que diz respeito às políticas assistenciais da cidade. O novo secretário de

---

<sup>126</sup> Uma das pessoas que vi ganhar um chinelo foi Antonieta de Barros, que só o conseguiu porque, embora grávida, andava descalço e com um grande machucado aberto no pé.

assistência social assumira a pasta há menos de um mês, mas já estava caindo no desagrado de todos. Descreveram as novas ações, voltadas para uma política de higienização do centro, fosse pela oferta de passagens aos moradores das ruas ou através da abordagem de rua noturna, que buscava encaminhar as pessoas fosse para clínicas de reabilitação ou para suas cidades de origem. Como já dito aqui, a passagem é também uma forma de negociação, uma possibilidade em aberto, que permite projetos de vida, mas o que traziam nesse momento é que estavam tentando impor a eles algo que não era do desejo de ninguém ali.

Como as imagens abaixo confirmam, a Secretaria Municipal de Assistência Social começou a divulgar em sua página na rede social *Facebook* imagens registradas durante as abordagens de rua noturnas, prática que fez parte da política do então Secretário, que inclusive esteve presente durante as operações. São imagens de pessoas sendo acordadas, tendo suas digitais recolhidas, sendo registradas pelas câmeras da Secretaria. Em suma, uma exposição degradante e sem o consentimento delas, conforme Ilustração 12.

**Ilustração 12 - Alto: Equipe da “abordagem de rua noturna”**



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social (2013)<sup>127</sup>.

<sup>127</sup> À esquerda, a equipe no momento em que aborda um senhor (costas).  
À direita, policiais civis e militares acompanharam a abordagem. No

Trata-se de um ataque grave à existência que esses sujeitos tentam estabelecer no contexto de rua. Mais do que a total falta de respeito a essas pessoas, que são abordadas na madrugada por uma equipe composta por assistentes sociais, policiais militares, civis e funcionários do Centro POP, chama a atenção a forma como elas são registradas. Essa ação e a consequente exposição nas redes sociais repercutiu de forma muito negativa entre todos ali, que deixaram claro seu descontentamento com o tom humilhante da exposição à qual foram e continuavam submetidos<sup>128</sup>.

Sobre essas abordagens, é interessante perceber que a abordagem de rua noturna no norte da ilha foi realizada no dia 28, sendo divulgada na página da Secretaria em 29 de novembro de 2013. Nesse mesmo período, moradores do norte da ilha realizaram protestos contra a presença de pessoas em situação de rua no bairro. Essas manifestações tiveram repercussão nacional<sup>129</sup>, e ao menos três atos – sendo o primeiro deles no dia 26 de novembro de 2013, três dias antes da primeira ação da Secretaria no norte da ilha - marcaram esse verão.<sup>130</sup> Os cartazes

---

meio, uma moça sendo acordada. Embaixo, uma moça sendo cadastrada pela prefeitura. A esquerda, tendo seu rosto registrado e, a direita, as digitais recolhidas. O trabalho de edição, para não identificar as pessoas abordadas, foi feito para esse trabalho, não pela Secretaria, que conta com as fotos sem edição em sua página na rede social virtual *Facebook*. Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social (2013). Disponível em: <<https://goo.gl/o5mKke>>. Acessado em: 26 jan. 2016.

<sup>128</sup> Apesar das queixas, o fato é que em 26 de janeiro de 2016, a página da Secretaria continua com todos os álbuns acessíveis. Dois álbuns “abordagem de rua noturna”, um com 23 e outro com 47 fotos, e outro, “vistoria noturna termina com cinco internações espontâneas”, também com 47 fotos. Há ainda um quarto álbum, “operação aborda moradores de rua no norte da Ilha”, com cinco fotos. Para mais, ver <<https://goo.gl/o5mKke>>. Acessado em: 26 jan. 2016.

<sup>129</sup> O assunto rendeu matérias na Folha de São Paulo (Cf. <<http://folha.com/no1384500>>. Acessado em: 26 jan. 2016) e na Revista Fórum (Cf. <<http://goo.gl/VZU1SJ>>. Acessado em: 26 jan. 2016), além das mídias locais.

<sup>130</sup> Essas manifestações levaram um grupo de estudantes a organizar um ato, no mesmo dia, hora e local em defesa da população de rua, com

empunhados traziam dizeres como “A temporada está chegando. Precisamos limpar nossa praia para receber os turistas”<sup>131</sup>. Junto ao discurso higienista, a ideia do estrangeiro, fruto de uma percepção local de mundo, argumento que também tem consigo a intransigência de querer interferir no direito de ir e vir das pessoas.

Esses exemplos levam a pensar nos limites tênues do habitar as ruas. Para se conseguir tal empreitada, como apresenta Certeau, é necessário um senso tático que permita, por exemplo, habitar sem residir, apropriar-se sem ter propriedade. Característica do bonde, é um modo particular de usufruir dos espaços sem imprimir neles marcas visíveis, valendo-se de uma linguagem comum apenas a quem também é da rua.

Trata-se de práticas possíveis por serem “táticas ilegíveis”, “[...] que se ocultam somente graças aos dispositivos e aos discursos, hoje atravancados, da organização observadora” (CERTEAU, 2000, p. 162). O habitar as ruas prescinde uma apropriação dos espaços capaz de permitir a execução de procedimentos que, embora realizados nos espaços de controle, escapem à disciplina padronizadora da cidade (p. 162-3). Por isso o caminhar, uma forma de habitar onipresente, ao mesmo tempo capaz de permitir fluir por espaços de forma a escapar ao poder panóptico.

Dessa forma, as barracas do bonde configuram, nas praias onde parte deles passa a alta temporada, um meio inteligente de se camuflar, já que algumas praias procuradas por eles são praticamente desertas, o que faz também com que quem vê não relacione aquela forma de morar ao morador de rua.

Mas essas mesmas barracas, quando afixadas, e em grande quantidade, como no dia do piquenique, podem não passar desapercibidas pelo “poder panóptico”. É aí aparecem as

---

críticas à postura xenofóbica dos moradores. “Com a chegada dos estudantes da UFSC, vários manifestantes antimendigo partiram para cima do grupo rival, pedindo para que eles levassem os moradores de rua para suas casas. A briga teve que ser separada e o presidente do Conselho de Segurança (Conseg) de Canasvieiras, Carlos Maria Hennrichs, pegou o microfone para afirmar que os moradores de rua também têm direito de ficar no bairro”. Para mais, ver <<http://goo.gl/DWI3zi>>. Acessado em: 26 jan. 2016.

<sup>131</sup> Ver: <<http://goo.gl/Sxn8Wr>>. Acessado em: 26 jan. 2016.

instituições responsáveis por manter a ordem imposta ao espaço urbano, para ouvir esclarecimentos sobre a cena.

A comida havia acabado, e a roda que se formou na hora do lanche se dispersou pelo gramado. Alguns voltaram para as barracas, outros se afastaram para a beira do mar e lá ficaram. Como estávamos em um lugar muito agradável, o clima descontraído tomou conta da tarde. Ríamos e conversávamos sobre diversos assuntos, inclusive permitindo algumas piadas com as funcionárias e comigo, prática possível ali, já que nesse momento não esbarrava diretamente no enquadre institucional.

Tudo parecia tranquilo quando de repente um dos rapazes avisa: “olha os *hômi*”. Percebo uma viatura da PMSC vindo, bem devagar, parando a poucos metros de nós. Descem dois policiais fardados, usando coletes a prova de balas e com rádios em mãos. Em seguida se inicia o seguinte diálogo, que traduzo em palavras aproximadas:

- 1º PM: quem é o cacique dessa tribo aqui?
- Conselheiro Mafra: não tem nenhum cacique aqui.
- 1º PM: quer dizer, quem responde por vocês?
- Conselheiro Mafra: Aqui não tem isso, cada um responde

por si.

- 2º PM: o que que é isso aqui então?
- Educadora: é um piquenique, a gente veio curtir a área.
- 1º PM: tá, mas vocês são daonde? São da rua?
- Conselheiro Mafra: nós sim (apontando no entorno de nós três – eu, a educadora e a assistente social) elas não (apontando para nós 3).

- Assistente social: nós (aponta para a educadora) somos funcionárias do Centro POP, e como o POP emendou o feriado, combinamos um PICNIC para hoje.

-1º PM: que que é o POP?

- Assistente social: o Centro POP, centro de referência especializado em pessoas em situação de rua. Eu sou assistente social lá, e combinamos de vir hoje para trazer comida pra eles, porque hoje o POP não abre as portas, aí eles ficam sem almoço, sem café, e tem mulher grávida aqui.

- 1ºPM: quem?

- Conselheiro: ela tá dormindo.

- 1º PM (virando-se de novo para as meninas, depois de lançar um olhar de canto de olho para Conselheiro): tá, mas vocês trabalham no POP?

- Assistente: é, eu sou assistente social e ela, educadora social.
- 2º PM para a assistente: me empresta teu RG então?
- Assistente: claro. Puxou a bolsa e pegou o documento, entregando-o ao PM.

Nesse momento os dois policiais saem em direção à viatura, enquanto falam ao rádio. Percebo que das 10 pessoas que estavam no entorno, só umas 04 ficaram ali. Mafra entre eles. A habilidade de praticamente desaparecerem em questão de poucos segundos impressionou. Enquanto os PM's falavam ao rádio, conversamos sobre amenidades e outras coisas, num tom que ia da mais alta dissimulação ao próprio ignorar a presença da PM. Cinco minutos depois um deles volta (o outro continua no rádio) e pergunta:

- PM: sabe o que que é? Vocês são moradores de rua, né?
- Mafra: sim
- PM: tem certeza que vocês são moradores de rua? Onde é que vocês conseguiram essas barracas?
- Mafra: a minha eu ganhei
- Educadora: a gente ajudou ele a comprar.

O PM volta à viatura, os 2 falam ao rádio. Uns 3 minutos depois um dos PM's vem até nós e começa a falar com a educadora e a assistente social:

- PM: ah, vocês trabalham ali no Centro POP, né? Ali na passarela?
- Assistente: isso, o POP ali na passarela do samba.
- PM: é o capitão Valdir lá, né?
- Ambas: isso, o Valdir.
- PM: ele tá pra se aposentar, não?
- Assistente: isso, é. Agora em setembro ele se aposenta.
- PM: gente boa seu Valdir.
- Assistente: é, ele é bem querido.

Em seguida o outro PM volta da viatura. Agora os 2 estão conosco.

- PM: tá, e por que essas barracas?
- Mafra: porque sim, porque tá frio.
- PM: e por que vocês não dormem no POP?

- Assistente: eles não podem dormir no POP.
- PM: Ah não?
- Assistente: não. Lá é só café da manhã, almoço e café da tarde, lavar roupa, internet e banho. E apoio psicossocial.
- PM: e por que vocês não dormem no abrigo?
- Mafra: porque nunca tem vaga lá.
- Assistente: o abrigo são só 10 vagas e dão prioridade a idosos e doentes.
- PM: vocês não têm casa?
- Mafra: não.
- PM: vocês são daonde? São daqui?
- Mafra: eu não sou daqui.

Depois de um breve silêncio, o PM que falava ao rádio se dirigiu ao grupo:

- PM: vocês não são nenhuma ocupação não né?
- Mafra: não não, nada a ver (risos).
- PM: é que não sei né? Aqueles vagabundos da ocupação Amarildo, lá. Foram lá, pegaram terreno na SC (Rodovia SC-401, ligação para os bairros do norte da ilha), saíram e deixaram tudo sujo ainda. Terreno na SC! (risos) Quem que não quer um terreno na SC? Eu quero! E outra, aqui é uma área muito visível, as pessoas passam, ficam olhando, aí veem barracas aqui, ligam, começam a denunciar “oh, tem barraca ali” aí já pensam que é ocupação. Ainda mais essa barraca vermelha aqui (aponta para a barraca de Mafra).
- Mafra (rindo): nem colorado eu sou!

Entre risos gerais, o PM aponta para as sacolas plásticas e diz, em tom de crítica:

- “Ah, e ainda tem esses lixos aqui”.
- Mafra: não senhor, isso aí é lixo de agora. E pode ver, tá tudo dentro das sacolas, tudo amarradinho direitinho.
- PM (olhando para o entorno, a procura de mais lixo): é... é bom!
- Mafra: não não, a gente é limpo senhor.

Então o outro PM, que observava a cena, começa a dizer, enquanto entrega o RG às meninas:

- Ó, falei com o meu superior aqui, ele tá ocupado com uma ocorrência e não pode vir. Mas é o seguinte, vocês não

podem deixar barraca montada assim não, senão vai parecer que vocês tão ocupando o terreno.

- Assistente: tá, mas eles não vão poder dormir aqui?

- PM: tá, dormir aqui vocês podem. Mas ó, amanhã 08h o meu superior mandou vocês desmontarem as barracas.

O outro PM nessa hora reafirma a obrigação de saírem dali:

- Ó, amanhã eu tô de serviço. 08h da manhã eu passo aqui e quero ver essas barracas recolhidas.

Todos consentem e os PM's se retiram, enquanto ficamos todos em silêncio, olhando a viatura retomar a estrada.

Continuamos ali mais algum tempo, conversando sobre amenidades e apreciando o belo pôr do sol. Quando ele já estava prestes a sumir, anunciando mais uma noite de inverno, começamos a nos despedir. Uma das meninas lembrou que havia trazido sua câmera. Tiramos algumas fotos, o que foi divertido. Cinco minutos de risadas depois da tensão de negociar com a PM nos fez muito bem. Nem todos quiseram participar, mas os que se dispuseram, possibilitaram os seguintes registros, gentilmente cedidos pela responsável pela câmera com a qual essas fotos foram registradas. O piquenique foi no dia 19 de junho de 2014.

### Ilustração 13 - O bonde



Fonte: Cedida por uma das educadoras do Centro POP (2014).

**Ilustração 14 - Pose para foto**

Fonte: Cedida por uma das educadoras do Centro POP (2014).

A referida tarde, com todas as suas nuances, em especial a abordagem policial ao fim do lanche, é ilustrativa daquilo que Simone Frangela (2009) discute em relação à ocupação dos espaços urbanos. Ao conversar com pessoas que foram desalojadas de suas ocupações provisórias e que ainda tiveram boa parte de seus pertences levados pela prefeitura, percebe que

[...], uma vez nas ruas, sendo outsiders – e, portanto, colocados em uma relação com o “outro” que os estigmatiza – os moradores de rua não se mantêm passivos. Os mecanismos de circulação permitem-nos aí entrever uma persistente resistência à conformação excludente, [...]. É uma resistência que se faz nos seus passos e expõe a recusa de uma ordem que os periferiza e de uma ordem marginal que os instrumentaliza para outros fins como o criminoso. A forma de resistir é andando, manipulando códigos sociais que entremeiam os deslocamentos, criando novas territorialidades e codificação” (FRANGELA, 2009, p. 289).

Quando diversos grupos das ruas se encontram, quando diferentes circuitos ocupam um mesmo ponto em um mesmo espaço-tempo, a visibilização os torna alvo fácil de ações de controle. É, portanto, no movimentar-se que o bonde escapa a esse controle, conhecido seu<sup>132</sup>. Através de episódios como esse é que o poder público afirma para eles, às vezes diariamente, a necessidade de se reelaborarem, sempre, para escapar às vistas do poder. Um exemplo disso é o costume de usar barracas no inverno para se proteger do frio e vento, trocando-as por sacos de dormir no verão. Outra possibilidade, como já falamos, é usar as barracas nas praias, misturando-se assim a outros adeptos dessa prática, comum em algumas praias nessa estação.

O bonde busca sempre proceder de forma a não ser percebido, e sabe que andar é mais do que meramente uma vontade ou desejo. Na cidade, andar é uma condição para a existência deles enquanto sujeitos das ruas e do bonde como um grupo. É a resistência máxima a uma ordem higienista e eliminatória.

Pensando ainda a questão da manipulação de códigos sociais em seus deslocamentos como forma de resistir, aspecto ressaltado pela autora, a passagem seguinte mostra como dadas *maneiras de fazer* (CERTEAU, 2000, p. 87), permitem usufruir de dadas possibilidades dentro da cidade. Enquanto estilos de ação, formas pensadas de agir, maneiras particulares de interação com os fluxos e enquadres da cidade, as maneiras de fazer constituem modos particulares de agir.

Foi a partir disso que consegui assistir, junto com parte do bonde, a eliminação do Brasil da Copa do Mundo de 2014 em uma das salas VIP do Terminal Rodoviário Rita Maria. Um dia histórico para o futebol nacional, quando a seleção brasileira perdeu de 7 x 1 para a Alemanha. Nesse dia acompanhei o bonde desde sua saída do Centro POP e o itinerário de parte dele pelo centro, até o fim do jogo. Por conta dessa partida, o Centro POP fechou suas portas mais cedo – às 15h.

Importante registrar que, diferente das outras capitais do Sul - Curitiba e Porto Alegre, Florianópolis não entrou na relação de cidades-sede dos jogos da Copa do Mundo de Futebol e, por isso, não sediou o Fifa Fan Fest, evento organizado pela FIFA,

---

<sup>132</sup> Lembrando que na noite que os encontrei na rua eles haviam saído do “Xande” porque a GMF não os deixou permanecer por lá.

que instalou telões para a população assistir aos jogos apenas nas cidades-sede. Ainda, a prefeitura de Florianópolis também não se interessou pela possibilidade. Não tivemos um local público oferecendo a transmissão do jogo com o intuito de agregar público. Apenas bares e lugares que não fecham, como no nosso caso, a rodoviária e o “bar do Toninho”.

#### *4.2.1 Descobrir-caminho, percepções e mapeamentos da cidade*

Fui até o Centro POP para encontrá-los. Avisto o bonde em um canto do pátio e puxo conversa. Entre eles, um filhote de cachorro, que chama a atenção de todos pela beleza e desperta a vontade de cuidado e carinhos em todos ali, e passa por todos os colos. O nome do cachorro, remetendo à sua pelagem, é pretinho. Anda junto com Marley, o outro cachorro do bonde.

Conversamos um pouco e fui para o balcão. Conversei com Mafra, que veio até mim e perguntou: “Qual é a de hoje?” Devolvo a pergunta, querendo saber onde assistiriam o jogo. Pretendia ir para a rodoviária. Entendi com certa obviedade, lembrando das lanchonetes, e consenti com a ideia. Mas Mafra me diz que não é nas lanchonetes que ele quer ver. Ele prefere as TV’s disponíveis nas salas VIP das empresas de ônibus, pois, segundo percebeu, o som é mais alto e a tela, maior. Ainda, a sala dispunha de tomadas, o que permitiria a ele carregar seu celular.

Pontualmente às 15h os portões do Centro POP foram fechados, e a partir de então quem saísse do prédio não poderia mais voltar. Seguindo o fluxo do bonde, que guardava seus pertences e se preparava para partir para as ruas do centro, peguei minha mochila e fiquei no pátio observando os rapazes que arrumavam suas coisas em mochilas, sacos de lixo e sacolas. Quando todos estavam prontos, saímos. Éramos uns 10, e seguíamos em direção ao centro quando começou a se negociar o caminho a ser tomado.

Alguns sugeriram o centro espírita, pois lá, às terças, é dia de distribuição de roupa, calçados e comida. Mas alguns lembraram que era dia de jogo, e na outra terça em que o Brasil jogou o centro espírita não abriu as portas. Seguimos em direção à Praça XV, pois Mauro Ramos queria carregar seu celular.

Chegamos à Praça e ali ficamos por um bom tempo. Ramos e Mafra colocam seus celulares para carregar enquanto

preparam Manu Chao para tocar. Nas quase duas horas que ficamos na praça foram muitos os assuntos, os quais eu mais acompanhava do que participava. Uma boa forma de entender as tardes do bonde na praça, lugar para onde sempre iam depois do POP, era acompanhar a *brisa* deles, entendida aqui como parte da graça, do bem-estar que o bonde sente nas ruas do centro.

Acompanhar a brisa do bonde é observar suas práticas enquanto ações com propósitos, que afirmam sua dignidade, autonomia e poder no centro como um grupo. Ali na Praça eles conversavam, contavam piadas, brincavam com os mascotes, riam, gravavam vídeos, jogavam xadrez, comiam, bebiam, brigavam, partiam para a noite. Boa parte das tardes do bonde acontecia naquela Praça, e parte das observações foram apenas isso, acompanhar seus movimentos pela Praça e pela cidade, escutando seus papos e músicas. A brisa do bonde é algo que diz bastante sobre suas permissões, suas maneiras de fazer, e acompanhá-las foi uma possibilidade de conhecê-los melhor, ao observá-los nas suas elaborações acerca do centro da cidade.

Naquela tarde, presenciei uma cena que foi o mais próximo de um embate físico em todo o campo. Dois rapazes, com cheiro forte de cachaça e ar ébrio se aproximaram do bonde, que estava em um dos cantos da Praça, divididos entre mesas e bancos. Em tom agressivo, querendo impor suas presenças, ameaçaram sentar entre nós. A reação foi imediata: o rapaz com quem os caras mexeram os expulsou da Praça, em uma ação marcada por gritos dele e dos demais, que observavam, à espera da necessidade de uso da força física, que não foi necessário.

Foi acompanhando-os na Praça que vi, por exemplo, a sofisticação envolvida no ato de carregar um celular naquele espaço. Paramos na Praça porque Mauro Ramos queria carregar seu celular, e ali chegando ele abriu uma caixa de alta tensão, plugou o carregador do celular e, na outra ponta, plugou o aparelho que estava conectado a um carrinho de brinquedo que descobri naquele momento se tratar de um mini player. Plugado no celular que carregava, o player reproduzia as músicas num som mais potente. Muito criativo, deixou a todos felizes, já que Manu Chao é preferência entre eles.

Essa prática é reveladora das possibilidades do habitar a rua, uma forma de interagir com a cidade que não é criminosa, que não transgride lei e não implica em prejuízos a ninguém. É uma forma legítima de se constituir, no uso do espaço público, na

vontade de ouvir músicas que eram de apreço deles, e também uma forma de se manterem conectados, afinal é com seus celulares que acessam redes sociais e produzem seus vídeos e fotos. Essa prática, tática, transborda um sentido de dignidade que permeia muitas das ações do bonde. Assistir ao jogo foi mais um exemplo dessa forma de agir imbuída de criatividade e dignidade.

Faltando pouco menos de uma hora para o jogo (saímos do POP às 15h, mas o jogo era só às 17h), começaram a discutir o local que escolheriam para ver a partida. Mafra se manteve na ideia de ir para a rodoviária, pois queria mesmo ver o jogo. Começaram a falar de assistir ao jogo no “bar do Toninho”. Questionei a eles sobre o que era o bar do Toninho, e a resposta veio, genérica: “ah, é um bar”.

Começaram a desmontar o esquema do som e arrumar suas mochilas para seguir adiante. Pergunto mais uma vez onde fica o bar e Mafra, sempre com a resposta na ponta da língua, diz: “no caminho. O bar do Toninho fica no caminho”. A rima despertou o riso em alguns, mas não desisti. Curiosa para saber qual caminho, e percebendo a cidade cada vez mais vazia, de gente e de barulhos, perguntei em qual sentido era o bar, e então seguimos pela rua Felipe Schmidt, deserta àquele horário, em direção ao referido bar, que aí disseram, fica perto da passarela que dá acesso à rodoviária.

Chegando ao bar, alguns ficaram por ali, mas outros, como Conselheiro Mafra e mais um rapaz, resolveram ir para a rodoviária ver o jogo em alguma sala VIP. Optei por seguir em direção à rodoviária com eles. Chegamos lá, todos com suas mochilas e, antes mesmo de nos instalarmos em algum lugar, a Alemanha fez o primeiro gol. Chegando à sala, que estava bem pouco movimentada, não tendo mais do que dez pessoas, saiu o segundo gol. Sentamos em frente à TV, realmente bem grande, com som potente e, quando saiu o terceiro gol, o rapaz que estava conosco saiu porta afora. Ficamos os dois ali, vendo o jogo com os demais passageiros, que a essa altura já riam do desempenho pífio da Seleção. Assistimos ao primeiro tempo ali, enquanto Mafra carregava seu celular na tomada que ficava embaixo do banco, sem quem ninguém nos importunasse. A forma de agir, nesse contexto, fez toda diferença: as mochilas que carregávamos nos tornavam parte daquele enquadre. O “disfarce” de passageiro nos permitiu ficar naquela sala o tempo que desejamos.

No intervalo do jogo saímos pela saída de passageiros da rodoviária, como se fôssemos embarcar em algum ônibus, e seguimos em direção ao remo, passando pelo posto da polícia e, em seguida, encontramos um dos rapazes que estava na Praça XV conosco. Observávamos a ponte Colombo Salles, imensa do nosso lado, quando eles começaram a me explicar que só é possível atravessar para o continente pela pista sul da Pedro Ivo, já que as outras 3 estão interditadas. Apontaram a parte das pontes onde costumam dormir e em quais pontos dela só se chega escalando tubos espessos por onde passam fios de luz e canos d'água.

Ficamos um bom tempo conversando, o suficiente para o fim do jogo, o qual desistimos de assistir por conta da tamanha humilhação que estava sendo. Ao fim do jogo, voltamos à rodoviária, onde pegamos um salgado para comer. Lanchamos e fui, acompanhada por Mafra, até o terminal. Nos despedimos mais uma vez em frente ao TICEN e cada um tomou seu caminho. Fui convidada a seguir com o bonde sempre que quisesse, pois, segundo Mafra, eu era do bem, e é de gente do bem que se faz o bonde.

Os itinerários desse dia nos levam a refletir sobre as possibilidades nos processos de caminhar do bonde no centro, em particular os aspectos que levamos em consideração ao discutir suas jornadas pela cidade, por exemplo. Seus caminhos, enquanto resultados de processos complexos que envolvem espaço e tempo, especialmente tempo, em relação a uma dada região – no nosso caso, o centro da cidade, dizem bastante sobre quem é o bonde, e pensar os caminhos que ele habita nos permite também mapear, ainda que superficialmente, suas táticas de ação. Como referência aqui, vamos aos termos de Tim Ingold (2005), cujas análises vão no sentido de distinguir e entender a complexidade envolvida no ato de mapear, enquanto processo permanente e cuja complexidade faz desse processo algo vivo, constante e maior do que um mapa pode registrar. Afinal, é mapeando que nos situamos no mundo.

Pensar no “bar do Toninho”, que fica “no caminho”, pressupõe algo que, embora simples, é fundamental: há um conhecimento do caminho que leva ao bar, e saber esse caminho implica não apenas em saber onde é o bar, mas em saber onde se está, e para onde se está indo, bem como as possibilidades entre o lugar que estávamos – a Praça XV – e o bar em questão. Algo

interessante apontado por Ingold nesse sentido é pensar nas possibilidades a partir das relações estabelecidas com os lugares, baseadas em passagens anteriores por dada região, o que configura um sentido às práticas atribuídas a dados espaços.

Ou, ainda, o que de fato permite aos lugares – praças, ruas, calçadas, bares, etc. existirem? Para o autor, eles existem enquanto resultantes de nossos mapeamentos, ou seja, a partir de nossa capacidade de criar, regionalmente, relações, memorizações e vínculos com os lugares que frequentamos. Mapear, nesse sentido, é resultado de um processo permanente de descobrir-caminho, processo esse cuja realização perpassa a imersão nos lugares, representada por registros mentais de passagens anteriores por ele, por histórias vividas neles. Dessa forma, lugar, para o autor, torna-se uma dimensão mensurável não pelo espaço, mas pelo tempo. Ou seja,

[...] lugares envolvem a passagem do tempo: não são do passado, nem do presente, e nem do futuro, mas todos os três unidos em um só. Eternamente gerados pelas idas e vindas dos seus habitantes, figuram não como posições no espaço, mas como vórtices específicos numa corrente de movimento, de inúmeras jornadas realmente efetuadas (INGOLD, 2005, p. 95).

Assim, mapear é um processo possível a partir do deslocamento por uma dada região, ao caminhar por ela, ou seja, ler seus espaços, em um movimento cujo efeito se dá não no espaço, mas no tempo, já que é um processo resultante de um conhecimento regionalizado, entendendo suas mudanças, nuances e os processos pelos quais os lugares da cidade passaram e passam.

Aqui, pensar a ideia de Certeau (2000) de habitar, no sentido de se situar em um dado território, e de descobrir-caminho enquanto processo ligado também ao caminhar, ao se situar, espacial e temporalmente, através do mapeamento – explorando uma dada região -, podemos pensar as pontes, apontadas por eles como mais um caminho, mais uma das possibilidades do seu habitar-caminho. Quais resultados são possíveis, ou seja, quais caminhos se permitem habitar? Essa é

uma questão que envolve inúmeras negociações com os espaços e instâncias da cidade, sendo uma decisão tomada sempre de forma bem pensada, analisada.

Ao longo do campo muitos caminhos foram trilhados, outros apenas apontados, citados em conversas. Dessa forma, as possibilidades do bonde no centro são muitas, dadas as múltiplas combinações que estes elaboram entre seus caminhares pelo centro, ou seja, os múltiplos caminhos trilhados. Por exemplo, saber que por dado caminho é possível encontrar alguém distribuindo comida é algo que resulta de um conhecimento prévio sobre o ambiente e ações passadas vividas nele. E esse tipo de mapeamento é parte essencial dessa forma de habitar, esse conjunto de posturas, usos e caminhos dos grupos das ruas nas cidades. Em suma, como já tratamos antes, o mapeamento é um processo impossível de se anexar a um mapa de papel, posto que o processo que o permite é vivo e se dá em um ambiente que está permanentemente se transformando, o que não dá para imprimir sobre o papel.

Ainda, o que para Certeau (2000) podemos definir por itinerário, ou seja, como um conjunto de caminhos traçados também temporalmente (de acordo com a estação do ano, o horário do dia), para Ingold (2005), a partir da perspectiva de que o sujeito vive imerso em dado ambiente, é o mapear, o processo permanente de descobrir caminho, que torna a experiência do sujeito de se situar no mundo algo possível. Se para Certeau (2000) a caminhada é um processo de leitura, portanto ligada à linguagem - praticar a cidade, e assim reinventá-la, o segundo é praticar a língua, ou seja, reinventá-la também, para Ingold caminhar é habitar, no sentido de situar-se e, a partir dessa noção, usufruir e criar quantas possibilidades convier na região que se habita. Moldam-se assim percursos para além do programado pelo poder público.

#### 4.3 FIM DE CAMPO – PRÁTICAS QUE RESISTEM

Em agosto de 2014, já em vias de encerrar a pesquisa de campo, o Centro POP viveu dias muito intensos. Uma briga generalizada, que acabou sob forte repressão policial, foi um episódio muito impactante, mexendo na formação do bonde, na rotina do Centro POP e dos demais usuários do espaço. Os itinerários do bonde foram drasticamente alterados, e as

madrugadas na rua foram temporariamente evitadas. Tudo isso porque, no dia em que ocorreu essa briga no Centro POP, o bonde teve um segundo encontro com a farda, dessa vez na madrugada.

Um dos desdobramentos desse encontro foi a saída, ainda que temporária, de Ramos e Mafra das ruas, especialmente nas madrugadas, indo atrás de possibilidades de abrigo. Isso levou o bonde a uma grande reconfiguração, já que sua convivência e rotina foram sensivelmente alteradas. Por exemplo, passaram a ir muito menos ao Centro POP, cuja segurança era feita pela mesma guarda municipal que reprimiu a briga em questão. O impacto foi grande ao ponto de se refletir inclusive na ocupação do pátio, onde armavam suas barracas, tomando outra configuração, mais vazia. Nas idas seguintes ao Centro POP passei a encontrar cada vez menos conhecidos do bonde.

Essas mudanças foram muito comentadas nas ruas, e os encontros que tivemos na Praça XV nos tempos seguintes evocavam lembranças dos desdobramentos desse evento. Mas de toda forma, o bonde ainda existe, mesmo porque os interlocutores desta pesquisa ainda habitam as ruas do centro. Em 2016, o bonde, talvez não com o mesmo nome, certamente com outras configurações, ainda ocupava os espaços da cidade.

A dignidade continua como um valor caro, tanto a Conselheiro Mafra quanto a boa parte dos outros rapazes que conheci ao longo do campo. Seguem frequentando o Centro POP, a Praça XV, fazendo da ponte seu quarto, da Praça XV seu ponto de partida para o incerto, do centro espírita e dos demais circuitos de ajuda da cidade os lugares onde buscam provir suas vontades e necessidades, com a mesma dignidade de antes e sempre. Outras lideranças já passaram e passam por ali, outros grupos se constituíram, dissolveram. Pessoas chegaram, partiram e voltaram, ouvi de alguns inclusive que o bonde havia acabado.

O fato de eu também ser uma habitante da cidade me permite, mesmo depois do fim do campo, acompanhar, ainda que de longe, alguns desses movimentos. Quase dois anos depois, os conflitos já são outros, outros encontros e perigos foram vividos. Habitar as ruas ainda é uma prática comum no centro da cidade, com suas leis particulares e complexas, suas redes de ajuda, táticas e habilidades sempre em transformação. Afinal, se viver é aprimorar-se, afinar habilidades, aprimoram-se também aqueles que apenas através da constante reinvenção de suas vidas podem viver essa vida pautada na resistência.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa começou com o intuito de discutir formas de sociabilidade que existem no centro da cidade em torno do uso de crack, e acabou por se desenvolver a partir das experiências com um grupo das ruas, cuja ética vai justamente contra os caminhos inicialmente desenhados. O *bonde*, ao evitar o crack, é dono de uma sociabilidade agregadora, acolhedora, porém seletiva, que aceita nas ruas quem quer que, pelos motivos mais diversos, não esteja inserido na sociedade com residência fixa e emprego. Assim, o que era para ser sobre experiências em torno de sociabilidades produzidas a partir da droga, assumiu contornos de narrativa. O crack passa de objeto à narrativa a partir da forma que o bonde se situa na cidade. O enquadre que o bonde dá à cidade é que coloca o crack em outra perspectiva, e assim também esta pesquisa o fez.

No bonde, *pelegrinos* de todos os lugares e histórias são bem-vindos, desde que “gente do bem”, tendo por bem aquilo que não se associa ao que reconhecidamente poderia ser o fim do bonde – tornarem-se *noias*. O bonde é capaz de reconhecer as pessoas para além do crack, mas tomam como postura a evitação aos circuitos onde o crack se faz presente, porque a vida nas ruas, da forma que lhes interessa, não convém com aquilo que o crack tem para lhes oferecer.

Os critérios do bonde, tão mais sutis que os da política pública, permitem uma união por afinidades, produtora de sociabilidades capazes de conferir às ruas uma ordem social em geral não imaginada, quer pela população, quer pelo Estado. Sua eficácia não está na mera evitação ao crack, mas na postura que assumem diante dessa droga, de reconhecer seu poder – não apenas como substância, mas no meio social – e agirem de forma a acolher quem também reconhece nela aquilo que não querem. Os efeitos dessa ética, nas ruas, levam a esse grupo, que apresenta em sua constituição uma dignidade, legitimidade e reconhecimento das próprias ruas. E isso, embora não reconhecido pelas políticas públicas, é produtor de sociabilidades agregadoras, que acolhem e permitem uma sobrevivência pautada em dignidade e autonomia, objetivos das mesmas políticas públicas que não alcançam boa parte da população de rua.

A política pública, por mais humana que se pretenda, estará sempre no enquadre homogeneizador das ações que visam

suprir demandas coletivas. E por mais que na ponta da política pública encontremos seres humanos como as funcionárias do Centro POP, que desenvolveram tantas afinidades com eles, a política pública que elas representam não tem como princípio uma abordagem atenta a esse tipo de sutilezas e particularidades, não há nem mesmo a proposta de um braço humanizador desta nas ruas. Dessa forma, a atenção que o bonde oferece é também um destaque, posto que leva às ruas o que o Estado restringe ao ambiente das instituições.

Acolhedor, o bonde recebe a quem chega nas ruas – inclusive a mim –, oferecendo tudo o que conseguem, tudo o que os permite viver nas ruas mantendo-se dignos perante os outros. Acima de tudo, entendem a rua como morada legítima, e assumem essa vontade como postura diante da vida. Constroem sua dignidade a partir da própria cidade, de seus conhecimentos sobre as ruas, suas possibilidades e limites constantemente esticados. Constroem sociabilidades produtoras de habilidades, éticas, contra-usos e apropriações do espaço urbano dotadas de criatividade e resistência.

Ainda, como uma sociabilidade que se produz nas ruas, o bonde estabelece itinerários que o poder público desconhece (ou despreza), sendo assim parte integrante da complexa rede de circuitos das ruas, que a política pública não tem condições – e por vezes vontade – de alcançar. Desbravadores da cidade, fazem do “descobrir-caminho” uma constante, elaboram uma leitura precisa, minuciosa e atenta a detalhes que asseguram a estes viver das ruas, nas ruas, em permanente uso e invenção das possibilidades da cidade, colocando-se assim com muito conhecimento das e nas ruas, sabendo como se mover em diferentes situações. Esse engajamento, resultado de um caminhar vivo, atento, resulta em uma intimidade essencial para a vida nas ruas.

O bonde representa também a fluidez das relações nas ruas da cidade. Enquanto grupo político, suas bordas são bastante fluídas, assumindo múltiplos tamanhos, a depender das circunstâncias. O bonde muda, se reconfigura, acaba para alguns, segue para outros, e o mais importante disso é o fato de que esses constantes rearranjos das ruas são formas permanentes de produção de lealdades, conflitos, solidariedades, aspectos sem os quais a vida nas ruas se torna impossível.

Tudo o que essa pesquisa representa tornou-se possível também por conta da própria cidade. Apesar das iniciativas elitistas do Poder Público, que faz das reformas promovidas nos espaços e em prédios públicos da cidade formas de explorar economicamente os espaços desta, os circuitos de caridade e cuidados existentes são fatores a serem levados em conta. Também as táticas desenvolvidas pelo bonde, algumas delas mapeadas e descritas nesta pesquisa, revelam relações sofisticadas com os espaços da cidade, assegurando possibilidades habilidosamente cunhadas e recriadas à medida que os lugares vão se transformando, seja pelas ações do poder público ou de outros grupos das ruas.

Por fim, ressalto que o bonde, por sua ética, sua *epistemologia*, é um exemplo da capacidade das políticas públicas de chegarem as ruas, indo além de seus limites institucionais, ao atuar também através desses grupos que alcançam, por meio de práticas bastante particulares, os resultados que as políticas públicas, de uma forma ou de outra, almejam. O programa “Crack, é possível vencer” só foi visto nas ruas da cidade em adesivos afixados nos instrumentos do aparato policial. Ou seja, na prática, o crack ainda é questão de segurança pública, e o bonde, consciente disso, age justamente no sentido de mostrar a dignidade, e não a repressão, como alternativa das ruas.



## REFERÊNCIAS

ARANTES, A. Antonio. A guerra dos lugares: mapeando zonas de turbulência. In: \_\_\_\_\_. **Paisagens paulistanas**. Transformações do espaço público. Campinas: Unicamp, 2000. p. 103-129.

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BATESON, Gregory. “The cybernetics of ‘self’: a theory of alcoholism”. In: \_\_\_\_\_. **Steps to an ecology of mind**. San Francisco: Chandler Pub, 1987. p.225-243.

\_\_\_\_\_. Uma teoria sobre *brincadeira e fantasia*. **Cadernos Ipub**, n. 5, p. 35-49, Rio de Janeiro, UFRJ, Instituto de Psiquiatria, 2. ed., 2000.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. In: \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas III**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURGOIS, Philippe. In search for respect: selling crack in El Barrio. 2nd. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2003.

BRUMANA, Fernando Giobellina. **Antropologia dos sentidos**: introdução às ideias de Marcel Mauss. Tradução de: Julio Assis Simões. São Paulo: Brasiliense, 1983. 99 p. (Primeiros vôos).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. v. 1. Petrópolis: Vozes, 2000.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**: ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, 1991.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade. **Iuminuras: Série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA**, Porto Alegre, p.1-17, 2001. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/30112>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

FRANGELLA, Simone M. **Corpos urbanos errantes**: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo. São Paulo: Anablume, Fapesp, 2009, 361p.

FERNANDES, Luis; BOURGOIS, Philippe. Tão perto de casa, tão longe de nós: etnografia das novas margens no centro - Entrevista com Philippe Bourgois. **Etnográfica**, Portugal, v. 13, n. 1, p.197-211, mai. 2009. Trimestral. Disponível em: <<http://cria.org.pt/site/revista-etnografica.html>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

GERBER, Rose Mary. **Mulheres e o mar**: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, Brasil. 2013. 418 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107184/319165.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

GODBOUT, Jacques T. Introdução à dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online], v. 13, n. 38, p. 39-52, 1998. ISSN 1806-9053. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69091998000300002>>. Acessado em: mai. 2016.

INGOLD, Tim. Against space: place, movement, knowledge. In: \_\_\_\_\_. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. New York: Taylor e Francis e-library, 2011. p. 145-155.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção Trad. José Fonseca. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

\_\_\_\_\_. Jornada ao longo de um caminho de vida: mapas, descobridor-caminho e navegação. In: **Religião e Sociedade** v. 25, a.1. p. 76-110. Rio de Janeiro. 2005.

LÓPEZ, Gabriela Sánchez. **Fumo, desvios e goró**: políticas e poéticas de desencontro em Salvador, Bahia. 2016. 319 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MILITO, Claudia; SILVA, Hélio. **Vozes do meio-fio**: etnografia sobre a singularidade dos diálogos que envolvem meninos e adolescentes ou que tomam a adolescência e a infância por tema e objeto nas ruas da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995. 192 p.

PROENÇA, R. Leite. **Contra-usos do espaço público**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Editora da Unicamp; Aracaju: Editora da UFS, 2007.

ROSA, Gabriel Luis. **A vida nas ruas e as formas de sociabilidade**: estudo etnográfico das ressignificações do espaço urbano de Florianópolis (SC). 2013. 132 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2013 Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PASO0318-D.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2013.

RUI, Taniele. **Corpos abjetos**: etnografia em cenários de uso e comércio de crack. Campinas-SP: Unicamp, 2012.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal). In: \_\_\_\_\_. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: \_\_\_\_\_.

**Individualismo e cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 2004 [1981].

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005 [1943].

ZANCA, Gabrielli. A prática do remo em Florianópolis: retratos de uma sociedade em busca da modernidade no início do século XX. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 30-38, 2008. Semestral. Disponível em: <<http://www.nexos.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/327>>. Acesso em: 23 jan. 2016.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: Antonio A. Arantes (org.). **O espaço da diferença.** Campinas, SP: Papirus, 2000, p. 208-256.

### Referência de periódicos jornalísticos

SIMÕES, Aldírio. Fala Mané: Praça 15/1. **Ancapital.** Florianópolis, 28 mar. 1999. Disponível em: <<http://www1.an.com.br/ancapital/1999/mar/28/1fal.htm>>. Acesso em: 17 mai. 2015.

### Referências a documentos

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome. **Orientações técnicas:** Centro de Referência de Assistência Social – CRAS/ Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Brasília: MDS, 2009. 72 p. Disponível em: <[http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Cadernos/orientacoes\\_Cras.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes_Cras.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2015.

FLORIANÓPOLIS, Plano Diretor Participativo de. **Principais alterações do novo Plano Diretor de Florianópolis:** 30 mudanças destacadas em todos os distritos. Disponível em: <<http://goo.gl/4Ik6oZ>>. Acessado em: 15 jan. 2016.